



BYA CAMPISTA

Autora de Armadilhas do Amor

O GAROTO

NADA É O QUE PARECE



0 GAR0T0

Nada é o que parece

BYA CAMPISTA

O GAROTO© Copyright 2019 – Bya Campista

Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização do autor.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais ou fatos, será mera coincidência.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Revisão e copydesk: B. Lima

Diagramação: Kacau Tiamo

Imagem: 123RF Brasil

Capa: Daiane Quinelato Marinho

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C197a Lima, Bianca Campista – 1976

O Garoto / Bya Campista – 1.Ed. – Rio de Janeiro: Publicação Independente, 2019.

1.Romance brasileiro. 2.Ficção brasileira. I. Título

CDD – B869.3

CDU – 821.134.3(81)

 [@byacampistaescritora](https://www.instagram.com/byacampistaescritora)



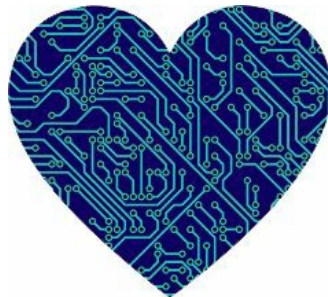
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta é uma obra registrada, sendo **proibida** sua reprodução total ou parcial através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem a autorização expressa da autora.

(Lei 9.610/1998)

DEDICATÓRIA

*“Acredito que no final da vida, o que realmente contará será quantas
vezes fomos atrás dos nossos sonhos”.
Esta novela é para **você** que nunca desistiu e compactua com os meus.
Divirta-se!*



SUMÁRIO

- 01. SONHOS DESPEDAÇADOS
- 02. O ELEVADOR
- 03. HIGHT TECH
- 04. REVELAÇÕES
- 05. JANTAR ENTRE AMIGOS?
- 06. VIAGENS
- 07. QUANDO A NOITE CHEGAR
- 08. O GAROTO
- 09. DECEPÇÃO
- 10. CAFÉ DA MANHÃ
- 11. ATELIÊ
- 12. GOLPE BAIXO
- 13. RODRIGO
- 14. LUCCA
- EPÍLOGO



01. SONHOS DESPEDAÇADOS

Eram seis e meia da manhã quando Helena abriu os olhos. Marcos dormia pesado ao seu lado; chegara de madrugada e, embora ela estivesse acordada, fingiu estar dormindo. Não que ele se importasse.

Eram casados há quase trinta anos e apesar de ele nunca ter sido o tipo de homem romântico, sempre fora bom marido. Seu trabalho como engenheiro lhes garantiu uma vida confortável o suficiente para quitar o amplo apartamento no bairro da Lagoa, Zona Sul do Rio de Janeiro, e pagar o curso de Direito de seu filho em uma das faculdades mais tradicionais – e caras – da cidade: a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC).

Helena se levantou, e após a toalete, foi para a cozinha, ligou a televisão no jornal matinal e começou a preparar o café da manhã. Era uma mulher de 45 anos, que apesar da aparência cansada, ainda conservava sua beleza. Tinha um corpo adequado à sua idade, lindo em todas as suas supostas imperfeições: nada de barriga chapada ou seios siliconados, mas tinha tudo no seu devido lugar, com celulites, estrias e algumas gordurinhas localizadas. (Como não? Afinal, não era nenhuma garotinha). Seu cabelo cacheado na altura dos ombros era escuro, assim como seus olhos que, embora fossem bastante expressivos, nem todos possuíam sensibilidade para notá-los.

A mesa estava posta quando Rodrigo chegou e cumprimentou-a com um afetuoso abraço.

— Dormiu bem, meu filho?

Ele balançou a cabeça, pegando um mamão na cesta de frutas.

— Tenho prova de Direito Internacional hoje. Está tudo esquematizado, mas provas são provas!

Helena sorriu. Sabia o quanto o filho detestava ser avaliado, tal qual o pai.

— Você vai tirar de letra, como sempre.

Com carinho, afagou o cabelo do filho, antes de pegar a torrada.

— Papai ainda está dormindo?

O corpo dela se retesou ao pensar se Rodrigo havia notado a hora em que o pai chegou.

— Estou aqui.

A voz de Marcos soou grave quando entrou na espaçosa cozinha. Ele cumprimentou a esposa friamente com um leve aceno de cabeça, enquanto dava algumas batidas no ombro do filho e se dirigia ao seu lugar. Aquilo não era novidade, Marcos nunca foi homem de carinhos e carícias.

— Quer dizer que você tem prova hoje? — Rodrigo assentiu e ele continuou enquanto punha café em sua xícara. — Provas são estúpidas e não avaliam ninguém!

— Marcos!

— O que é Helena? Vai dizer que não concorda? Sempre achei tudo isso fora da realidade, aliás, o ensino do nosso país é *totalmente* fora da realidade! Péssimo em todos os sentidos!

Rodrigo o olhou surpreso.

— Pai, eu estudo numa das *melhores* faculdades do Rio de Janeiro!

— Se dependesse de mim, você estudaria em Londres!

O filho revirou os olhos. De novo aquela história?

— As faculdades londrinas também aplicam provas, sabia?

Marcos o olhou seriamente.

— Você não está comparando o ensino europeu ao nosso, não é? Pelo amor de Deus, Rodrigo! É como comparar diamante com bijuterias!

— Eu gosto da minha faculdade! Dou um duro danado! Saio de lá, vou para o estágio e depois para o curso à noite. Você deveria ter orgulho disso!

— Você deveria ter seguido com o intercâmbio.

Marcos respondeu ácido, como se não ouvisse o que o filho havia dito. Rodrigo, por sua vez, desistiu do café e se despediu de sua mãe dando-lhe um beijo no rosto, antes de pegar a chave do carro e sair.

Imediatamente Marcos pegou o jornal.

— Você não deveria falar assim com ele...

— Não me diga como devo falar com meu filho, Helena! — rebateu ríspido.

— Você sabe que o sonho dele é fazer carreira no Ministério Público.

— Sonhos idiotas! Ele teve mesmo a quem puxar!

Ela olhou o marido por instantes, entendendo perfeitamente a indireta. Optou por não entrar em discussão e comeram em silêncio enquanto ele lia o jornal. Na cozinha, apenas as vozes que vinham da televisão falando sobre as tragédias que ocorriam no país: assaltos, roubos, corrupção.

— Chegou tarde ontem.

— Muito trabalho — respondeu sem se dar ao trabalho de olhar a esposa.

— Muito trabalho até as três da manhã?

Irritado, Marcos fechou o jornal, colocando-o sobre a mesa, antes de fulminá-la com o olhar.

— E o que você sabe sobre trabalho? Você nunca trabalhou fora!

— Por que você nunca deixou!

— E eu a mantive em cárcere privado durante todo esse tempo? — O queixo dela caiu. Não podia acreditar no que estava ouvindo. — Além disso, em que você trabalharia? Você só sabe fazer esses rabiscos ridículos e essas estátuas inúteis que saem dessa sua cabeça oca!

Aquilo a feriu. Não imaginava que ele pensasse daquela forma.

— Você costumava gostar das...

— Isso quando eu ainda não conhecia o que é verdadeiramente bom! — cortou-a secamente.

— O que quer dizer?

Ele revirou os olhos.

— Ah, Helena, pelo amor de Deus! Será que não consigo tomar meu café em paz? — Fitou-a por instantes. — Olhe pra você!

Ela engoliu em seco, sem saber exatamente o que responder. Ouviram o barulho da porta, era Josita, a diarista.

— Bom dia, dona Helena. Seu Marcos!

Helena se recompôs e a cumprimentou como pôde enquanto Marcos engolia o que restava de seu café.

— Estou indo para o escritório, *alguém* precisa trabalhar.

Após jogar o guardanapo na mesa, levantou-se e seguiu para o quarto. Josita alternou o olhar entre eles, correndo para o espaço reservado à dependência de empregada. Jamais se envolveria em qualquer discussão entre seus patrões, algo que havia se tornado muito comum naquela família.

Tanto dinheiro e tanta infelicidade! O que adianta? Pensou.

Helena, no entanto, não deixaria aquilo passar. Não mais! Precisava de vez por todas enfrentar seus fantasmas. Seguiu para o quarto a passos largos, encontrando o marido em frente ao espelho dando o nó na gravata dourada. Ele não a viu entrar e ela o contemplou por instantes.

Marcos era um homem bonito: alto, corpo atlético, seu cabelo escuro se misturava a alguns fios brancos, conferindo-lhe um tom levemente grisalho. Aquilo o deixava mais maduro e sensual, e Helena acreditava piamente que isso jamais aconteceria com ela, caso deixasse seus fios brancos se revelarem. Ele vestia um terno azul marinho e o cheiro de seu perfume importado predominava o ambiente. Era um homem charmoso, não foi à toa que se apaixonou por ele. Helena, porém, não podia se deixar levar por isso, afinal,

eram outros tempos, e aquele homem por quem escolheu dedicar sua vida não existia mais.

Se é que algum dia existiu... Pensou, entrando no cômodo, sua voz soando tranquila e serena.

— Desde quando ficamos assim?

Helena sentou-se na cama que lhe trouxe momentos tão íntimos. O marido, contudo, não se deu o trabalho de olhar para ela, mantendo-se concentrado em sua gravata.

— Ao que você se refere? Ao fato de você ter envelhecido?

Ela sentiu a apunhalada em seu peito.

— Não foi somente pra mim que o tempo passou – respondeu calmamente, embora a raiva fizesse seu corpo tremer.

Ele terminou o nó e após passar os dedos pelo cabelo, ajeitando-o de qualquer jeito, virou em sua direção, o olhar gélido.

— Mas parece que sim. Olhe pra mim e olhe pra você. Talvez seja o fato de você ser mais velha do que eu.

— Não seja ridículo! São três anos de diferença!

— Três anos de *grande* diferença, Helena! Você fica em casa o dia inteiro, não há novos assuntos a não ser a descoberta de uma receita que você viu em algum desses programas imbecis ou algum desses romances idiotas que você lê. Há vida lá fora, sabia disso?

— Você nunca permitiu que eu soubesse...

— Ah, de novo essa história? É do meu aval que você precisa? Ok, permissão consentida! Qual será a desculpa agora?

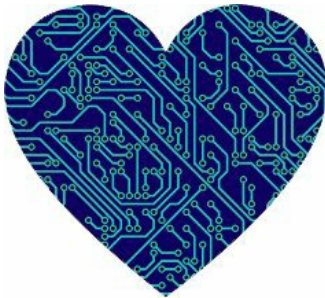
Ela tremia da cabeça aos pés, nunca viu o marido tão alterado daquela forma, e pela primeira vez em toda a sua vida arrependeu-se por ter abdicado de seu maior sonho para cuidar da família. O que faria àquela altura da vida com 45 anos e nenhuma experiência a não ser a doméstica?

— Você é um egoísta!

— E você uma piada! — rebateu petulante. — Uma piada que não me diverte.

Ela se manteve estática, olhando o homem à sua frente. O homem a quem amou e dedicou grande parte de sua vida; o homem com quem escolheu viver o “felizes para sempre na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse”. Aquele homem que estava à sua frente, com quem conviveu por quase três décadas, mas que lhe pareceu um completo estranho naquele momento.

Marcos vestiu o paletó, abriu a porta e foi embora, deixando sem nenhum remorso a mulher que lhe dedicou grande parte de sua vida para trás.





02. 0 ELEVAD0R

Helena não saberia dizer por quanto tempo ficou naquele quarto. Por mais que tentasse organizar seus pensamentos, não conseguia. Sentia-se oca, com a horrível sensação de estar fora de seu corpo observando tudo de cima, e tudo que via era uma mulher desconhecida e infeliz.

— Dona Helena?

A voz de Josita e a leve batida na porta a tiraram de seu transe. Ela levantou para abri-la, se deparando com a expressão pesarosa de sua diarista. Não havia se dado conta do quanto chorou durante todo aquele tempo. Tudo em sua vida havia se tornado mecânico demais.

— A senhora precisa de alguma coisa?

A mulher indagou perdida. Em seu olhar um misto de preocupação e pena que deixou Helena incomodada. A que ponto havia chegado?

Dispensou a diarista como pôde e saiu do quarto em busca de ar. Sentiu a força de suas lágrimas mais uma vez, como se fossem uma represa prestes a ser rompida, no entanto, respirou fundo, engoliu o choro e seguiu em frente.

O apartamento possuía uma ampla sala dividida em dois ambientes, e três quartos (dois deles, suítes). Naquele em que supostamente poderia ser utilizado como quarto de hóspedes, Helena criou uma espécie de ateliê improvisado, e foi para lá que seguiu. Aquele era um dos poucos lugares em que ainda se sentia viva: em meio à sua arte.

O único cômodo colorido da casa era amplo e arejado. Havia uma grande estante em pátina vermelha repleta de livros e os mais variados materiais: pincéis, tintas, argilas, paletas, espátulas e outras ferramentas. Tudo perfeitamente separado e ordenado. No extremo oposto, uma ampla mesa branca em forma de “U” com lindas esculturas em argila, algumas inacabadas. Havia ainda cavaletes com lindas telas espalhados ao redor do piso claro, além de quadros perfeitamente emoldurados fixados na parede. Havia também um pequeno sofá vermelho de três lugares com almofadas coloridas e um monitor de 42 polegadas que se misturava às telas de cores vivas.

Helena inalou profundamente sentindo o cheiro de tinta fresca e argila recém-trabalhada penetrarem suas narinas e, pela primeira vez, sorriu. Caminhou à janela, abrindo-a, deixando o sol entrar. Era um típico dia de verão e não havia nada mais inspirador do que a paisagem que se estendia à frente e que ela tentava com afinco reproduzir: a Lagoa Rodrigo de Freitas. Pegou a paleta de madeira, pincel e se pôs a trabalhar. A TV, sintonizada no canal de música MPB, tocava uma canção de Oswaldo Montenegro: “A Lista”. Definitivamente foi uma letra que a fez refletir:

*Faça uma lista dos sonhos que tinha.
Quantos você desistiu de sonhar?*

Helena tremeu, sabendo que todos os seus sonhos estavam naquele aconchegante espaço. As esculturas que nunca esculpiu, as pinturas que nunca expôs, os quadros que nunca foram postos à venda ou sequer doados para qualquer tipo de Instituição. Pensou em sua adolescência no curso de Belas Artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tempo em que passou

se preparando para a carreira que sempre sonhou, mas nunca realizou.

*Onde você ainda se reconhece?
Na foto passada ou no espelho de agora?
Hoje é do jeito que achou que seria?*

Oswaldo seguia com seus questionamentos fazendo com que Helena sentisse um aperto no peito e um nó se formasse em sua garganta.

*Quantas pessoas que você amava
hoje acredita que amam você?*

Ela pensou em seu marido e em seu casamento, ele que nunca fora um homem romântico, de carinhos e paixões. Ela sempre soube, mas nunca ousou admitir, principalmente para si mesma, fantasiando um tipo de homem que nunca existiu. Arrogância, autoritarismo e prepotência eram características que mais combinavam com ele. Marcos sempre fora um homem bonito, charmoso, sexy e até mesmo cavalheiro, quando lhe convinha, certamente. Mas amor? Será que durante todos esses anos ele realmente a amou?

Balançou a cabeça procurando afastar tais pensamentos, voltando-se para sua tela. Outras músicas tocaram; algumas a emocionaram, outras passaram despercebidas, e Helena ficou a manhã inteira em seu ateliê trabalhando com afinco em suas telas, esculturas e gravuras.

Após o almoço sentiu-se entediada e não houve nada que fosse capaz de

mudar aquele vazio já tão conhecido, nem mesmo sua arte foi capaz de salvá-la. Subitamente decidiu sair e fazer compras, não que o mercado fosse dar cor ao seu dia, mas mudar os ares e ver pessoas novas poderia ser interessante e, quem sabe, divertido.

Fazia muito calor e a sensação térmica era de quase quarenta graus. Helena vestiu uma camiseta branca, calça jeans e sapatilha vermelha. Pegou uma bolsa pequena o suficiente para caber apenas documento, cartão de crédito, chave de casa e celular, e correu em busca de sua “aventura”.

Ao chegar à rua, sentiu a brisa característica de chuva acariciar-lhe o rosto, mas isso não a impediu de seguir seu objetivo. Manteve os passos firmes em seu caminho, fazendo exatamente o que desejava. Pelo menos nisso tomaria as rédeas de sua vida, chovendo ou não.

Na volta, porém, a tempestade chegou com força total, quando ainda estava a dois quarteirões de seu prédio.

— Merda! — praguejou, correndo pela chuva com meia dúzia de sacolas nas mãos.

Quando finalmente conseguiu chegar ao prédio, o maldito porteiro não estava. Praguejou mais uma vez, equilibrando as sacolas enquanto tentava pegar a chave na pequena bolsa.

— Eu abro pra você!

Ouviu a voz e por puro reflexo levantou o rosto, olhando o gentil rapaz à sua frente. Ele sorria enquanto pegava as sacolas de suas mãos e abria o portão, simultaneamente. Helena entrou correndo deixando-o na chuva com suas bolsas. Dentro do prédio, bateu nos braços, procurando escorrer a água, quando se deu conta de que sua camiseta estava transparente.

Putá merda!

O rapaz vestido com uma calça jeans escura, camisa preta com gola em “V” e uma espécie de corrente no pescoço, usava uma bolsa de couro atravessada no corpo que Helena julgou estar um tanto pesada. Ele entrou no edifício, todo molhado, carregando as sacolas em uma das mãos e o celular na outra. Ela pensou em fazer algum comentário sobre a dependência dos jovens às grandes tecnologias, mas optou por ficar calada, afinal, ele estava sendo cortês.

— Obrigada — agradeceu estendendo a mão para pegar as sacolas enquanto, com o outro braço, tentava inutilmente cobrir sua transparência.

— Pode deixar que eu levo. — Helena agradeceu mais uma vez a gentileza, enquanto ele abria a porta do elevador. — O Severino deve estar resolvendo algum problema por aí.

O rapaz concluiu enquanto entravam no cubículo. Ela tocou o botão que indicava o décimo andar e perguntou qual era o dele, ficando surpresa quando soube que era o mesmo do seu.

— Somos vizinhos.

Helena abriu a boca para responder, mas foi interrompida por um barulho, seguido de um solavanco que fez o elevador parar. Imediatamente, o ambiente ficou na mais completa escuridão, deixando-a muito assustada.

— Jesus Cristo! O que foi isso?

— Procure ficar calma. — O rapaz respondeu, acionando a lanterna em seu iPhone. — Provavelmente foi uma queda de luz.

— Queda de luz? — perguntou lívida, no momento em que a luz de emergência foi acesa.

— Fique calma, por favor. Nada de ruim vai acontecer.

Ele desligou a lanterna.

— Calma??? Estamos presos no elevador! Como posso ficar calma? Onde fica o botão de emergência desta coisa?

O rapaz colocou as sacolas no chão com cuidado, antes de se dirigir ao painel e tocar o botão vermelho onde se lia “Emergência”. Nada aconteceu. Ele esticou a mão, pegando o interfone, tocando freneticamente em algum botão.

— Com certeza foi uma queda de luz. Nada funciona.

— Por Deus...

Helena perdeu a cor.

—Você tem claustrofobia? — indagou preocupado e ela balançou a cabeça.

— Não sou claustrofóbica, mas ficar presa num elevador enquanto estamos sem luz não é algo que me deixe confortável.

Ele a olhou por instantes, contendo a vontade absurda de tocá-la.

— Ninguém se sentiria confortável numa situação dessas, mas, por favor, fique calma. Logo estaremos fora daqui.

— Já é a terceira vez que você me pede calma, garoto, mas devo lhe dizer que NÃO HÁ A MENOR POSSIBILIDADE DE EU FICAR CALMA!

— gritou nervosa, arrependendo-se imediatamente, afinal, o rapaz estava sendo gentil.

Ela o olhou por instantes, amaldiçoando a si mesma.

— Desculpe — pediu. — Não estou facilitando as coisas, não é? Aliás, estou sendo um pé no saco. Pobre de você ficar preso neste elevador com uma neurótica, histérica e desagradável feito eu.

Ele deu um sorriso torto antes de responder.

— Você não é neurótica, nem histérica e muito menos, desagradável! É só uma mulher assustada por estar presa neste cubículo com um completo desconhecido. Vou tentar facilitar um pouco as coisas, então: Lucca.

Apresentou-se estendendo a mão, arrancando um sorriso tímido dela.

— Helena. Desculpe mais uma vez.

Quando ela esticou o braço para cumprimentá-lo, Lucca precisou conter um gemido no momento em que sentiu uma espécie de choque elétrico percorrer seu corpo. Sempre sonhou em tocá-la e aquele pequeno contato estava fazendo todas as suas células enlouquecerem. Ele cruzou os braços e o movimento revelou seu físico perfeito, ainda que na penumbra.

— Então, Helena, fale um pouco sobre você. — Ela piscou e ele deu de ombros. — Acredito que distrair sua mente seja uma boa forma de lhe acalmar, afinal estamos presos aqui, não é?

Ela não soube o que responder. O que poderia dizer àquele estranho que tinha idade para ser seu filho, mas que tomava decisões como se fosse um adulto resolvido? E o que ela teria de tão extraordinário para lhe contar além

dos livros que lia ou dos programas a que assistia? Seu marido teria razão? Ela seria mesmo uma piada sem graça?

Ela olhou as sacolas no chão e resolveu pegar a garrafa de água de coco e uma maçã. Ofereceu-lhe a fruta que, de forma educada, recusou, procurando manter seu controle ao máximo para não olhar seus mamilos expostos pela transparência da camiseta. A última coisa que poderia acontecer naquele momento era ele ter uma ereção. Poria tudo a perder e seu esforço não valeria de nada.

Helena mordeu a maçã e Lucca se deu conta do quanto aquela mulher era perfeita. Linda, sensual, e sozinha com ele naquele pequeno espaço comendo o fruto do pecado, fez com que ele desejasse viver no inferno para sempre.

— Está quente aqui!

— E como! — Lucca rebateu de supetão. *Porra!*

Helena fitou a calça grudada em seu corpo e arrependeu-se amargamente por não ter optado pelo short.

— E por que não o vestiu? — perguntou após ouvi-la dizer.

— Não tenho mais idade para andar por aí de short.

— Por que não? E quem foi o idiota que lhe disse isso? — indagou mais alto do que deveria e ela corou.

— Meu marido.

Lucca franziu o cenho e seus lábios formaram uma linha fina e retesada.

— Eu deveria lhe pedir desculpas por chamar seu marido de idiota, mas, sinceramente, me recuso a fazer isso. Se ele realmente lhe disse um absurdo desses, ele é sim um perfeito idiota!

Após tanto tempo, Helena foi invadida por uma vontade absurda de rir. Olhou-o por instantes, e não conseguindo mais conter, soltou uma gargalhada alta, daquelas que vem de dentro e que fazem as bochechas arderem de tanto rir.

Estupidamente linda! Lucca pensou, sentindo-se encantado. Há tempos a observava, mas raramente a via sorrir, e aquela gargalhada era realmente um presente. Lembrou-se da primeira vez em que a viu: ele tinha aberto a porta de serviço para ir à lixeira e ao sair de lá, viu os vizinhos no corredor.

— Marcos!

Ouviu quando ela chamou, a dor estampada em cada sílaba pronunciada. O homem, porém, ignorou-a solenemente, entrando no elevador e desaparecendo de vez. A mulher ficou estática e Lucca jamais se esqueceu daquele olhar carregado de tristeza e solidão. Ainda assim, era a mulher mais linda que já tinha visto em toda sua vida.

Ela fechou os olhos com força, deixando as lágrimas rolarem e ele sentiu como se um punhal fosse cravado em seu peito. Ela entrou em casa e fechou a porta mecanicamente, deixando-o ali sem sequer ser notado, sentindo o perfume daquela mulher que jamais saiu de sua cabeça, penetrar seus sentidos.

Alheia às suas lembranças, Helena ainda ria e o som de sua gargalhada o trouxe de volta àquele momento mágico com ela naquele elevador. Ele não premeditou aquilo tudo, apenas soube aproveitar a oportunidade que havia surgido. Se fosse um homem religioso, poderia dizer que era “obra Divina”.

Lucca dobrava a esquina quando a viu lutando para equilibrar as sacolas e abrir o portão, em meio à chuva torrencial que caía. Imediatamente correu em sua direção, agradecendo mentalmente a chuva bem-vinda, afinal, há tempos procurava uma forma de ficar a sós com ela e iniciar algum tipo de contato. Por fim, este dia chegou, e ele foi iluminado por uma ideia fantástica. Precisava agir rápido, e tudo dependia apenas de um pequeno comando em seu celular.

— Você deveria ter vestido seu short. Você fica linda vestindo qualquer coisa.

A voz rouca ecoou pelo ambiente e Helena corou. *Linda?* Será que ouviu direito?

Lucca pegou a garrafa de água de coco de sua mão.

— É melhor bebermos enquanto está gelada. — Deu de ombros. — Vamos Helena, sou todo ouvidos.

Ela piscou várias vezes e ele bebeu um gole generoso da água, devolvendo-lhe a garrafa.

— Sua história. Fale-me sobre você.

Ela pegou a garrafa, levando à boca e Lucca sentiu a calça apertar quando os lábios dela tocaram no ponto exato onde os seus estiveram segundos antes. Movimentou-se, alternando o peso entre as pernas,

procurando controlar outra possível ereção.

— Não há nada pra contar...

Desta vez foi ela quem deu de ombros.

— Impossível! Uma mulher como você?

— Defina uma mulher como eu, Lucca — rebateu arqueando a sobrancelha de forma sexy. *Céus! Tem álcool nesta água de coco?* Pensou.

Ele a olhou profundamente e uma enxurrada de pensamentos o invadiu. Durante meses acompanhou os passos daquela mulher. Sabia todos os seus horários e conhecia sua rotina, a única coisa que não foi capaz de fazer foi invadir sua privacidade. Não tinha coragem, afinal, não era certo.

— Uma mulher como você... — *Linda, sensual, forte.* — Experiente — concluiu sem expor seus verdadeiros pensamentos e Helena deu um sorriso nervoso.

— Velha, você quer dizer!

Ele piscou várias vezes. Que merda era aquela?

— Não me diga que o idiota do seu marido também disse este absurdo a você?

Ela engoliu em seco. Lucca, por sua vez, sentia a raiva crescer cada vez mais. Como alguém ousaria chamar aquela linda mulher de velha? De forma nervosa, Helena pegou o celular dentro da pequena bolsa.

— Precisamos pedir socorro. Não podemos ficar aqui sem fazer nada!

Ele a olhou com ternura, sabendo que a última coisa que ela conseguiria

seria algum sinal de telefone. Havia tomado o cuidado de fazer o elevador parar exatamente entre dois andares, bloqueando mais ainda qualquer tipo de sinal. Àquele momento, inclusive, as luzes do condomínio já haviam sido restabelecidas, exceção às daquele elevador, claro. Seria preciso fazê-la acreditar que o apagão havia sido geral. O garoto também tomou o devido cuidado de desligar a câmera, não queria expor aquela mulher de jeito nenhum.

— Droga de *touch*! Não sei por que o Rodrigo colocou essa palhaçada no meu aparelho se não funciona! — reclamou divertindo-o.

— Rodrigo?

— Meu filho. Deve ter sua idade. — Lucca franziu o cenho. — Droga de *touch*!

— Posso?

— Não adianta! Parece que precisa ser minha digital, o problema é que está com defeito!

Helena digitou a senha numérica rapidamente.

— Às vezes basta um pequeno comando e a mágica acontece...

— Estou sem sinal — constatou derrotada, ignorando suas palavras.

Lucca explicou que o sinal não chegava por estarem dentro do elevador e existirem muitos bloqueios ao redor.

— Mas posso consertar o seu *touch* se você quiser.

Ela sorriu.

— O que você é? Uma espécie de técnico em informática?

Estendeu o aparelho para ele, que o pegou com um sorriso tímido.

— Uma espécie disso... — respondeu vagamente manuseando o objeto com maestria.

Enquanto ele digitava alguns comandos, Helena o fitou por instantes. Seus braços eram fortes e a camisa grudada em seu corpo a fez constatar que não apenas os braços, mas todo ele. Observou os cordões pendurados em seu pescoço largo, o cabelo ligeiramente batido e a barba por fazer. Seus olhos brilhavam, compenetrados naquilo que estava fazendo, como se sua vida dependesse daquilo.

Era um rapaz bonito, forte e extremamente sexy. O que estava pensando? Era apenas um garoto que possivelmente tinha a idade de seu filho. Certamente, deveria ter uma namorada... Ou várias, quem sabe? Bebeu mais um gole da água de coco, subitamente se sentindo atraída por ele. Imediatamente olhou a garrafa em sua mão, certamente, aquela bebida estava vencida ou com uma espécie de alucinógeno.

Lucca manuseou o aparelho alheio aos pensamentos e ações de Helena. Tinha tudo de que precisava nas mãos. Seria mais um sinal Divino? O problema do *touch* já estava resolvido, afinal era coisa simples para ele, então o garoto poderia perfeitamente se concentrar naquilo que realmente importava.

Helena, como todas as pessoas não familiarizadas com a tecnologia da informação, era muito previsível. Bastou clicar em “Favoritos” para a resposta à sua grande pergunta se materializar em seus olhos. Ele franziu o cenho quando leu o nome “Marcos”, observando a combinação de nove

dígitos. Devido à sua memória eidética, mais conhecida como “memória fotográfica”, Lucca foi capaz de memorizar o telefone com apenas uma olhada.

— Problema resolvido. — Estendeu o aparelho em sua direção. — Pode testar.

Desconfiada, Helena levou o indicador ao espaço indicado, ficando impressionada quando o aparelho foi desbloqueado. Uma linda pintura a óleo de uma orquídea apareceu na tela.

— Bela foto.

— Gostou? — indagou surpresa e ele assentiu, querendo saber onde ela havia baixado aquela imagem. Helena corou mais uma vez, guardando o aparelho na bolsa. — Fui eu que pintei.

Lucca se sentiu agradavelmente surpreso.

— Sou artista plástica, formada em Belas Artes pela UFRJ.

O sorriso do garoto se alargou e Helena se encorajou a continuar. Revelou que fazia esculturas em argilas, pintava telas a óleo e desenhava algumas gravuras, embora esta última não fosse muito sua especialidade.

— Não sou muito boa com gravuras, na verdade.

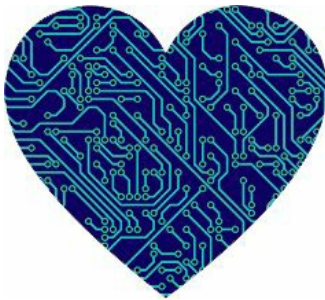
Lucca a olhou profundamente, sentindo uma vontade absurda de beijá-la.

— Você pode ser boa naquilo que quiser, Helena! — Sentou-se no chão. — Conte mais!

Ela piscou algumas vezes, sentindo a adrenalina percorrer seu corpo. Há

quanto tempo não se sentia viva? Como era possível se sentir tão bem num ambiente como aquele, numa situação como aquela, com um garoto como aquele que, segundo imaginava, tinha pouco mais da metade de sua idade?

O fato é que, pela primeira vez em toda sua vida, Helena não quis teorizar. Sentou-se ao seu lado, estendendo a garrafa de água de coco em sua direção e se pôs a falar. Não queria fazer o que julgava ser o certo, queria apenas ser *feliz*.





03. HIGHT TECH

Lucca não saberia dizer ao certo quanto tempo ficaram ali: talvez meia hora? Ou, quem sabe, cinquenta minutos? Ele perdeu a noção do tempo... Aquela mulher falava sobre sua arte alegremente, era uma mulher apaixonante em todos os sentidos e ele realmente não queria ir, embora precisasse. O fato é que tinha que fazer aquela coisa voltar a funcionar antes que encontrasse um circo armado lá fora.

Mas, por que tinha de ser sempre tão sensato? Pegou o iPhone no bolso.

— Vibrou. Preciso ver se é mensagem do trabalho — ensaiou uma desculpa esfarrapada, torcendo para que ela não refutasse, afinal, supostamente estavam sem sinal.

Pareceu funcionar.

Trabalho? Helena imaginou que, como a maioria dos garotos de sua idade, Lucca fosse algum tipo de universitário que vivia à custa dos pais. Enquanto um turbilhão de pensamentos dominava sua mente, Lucca digitou o comando necessário em seu aparelho fazendo com que as luzes se acendessem, ao mesmo tempo em que um bip fosse emitido. Helena levou um susto tão grande que, por reflexo, praticamente se jogou em cima dele.

Completamente surpreendido, o garoto ficou sem ação. Sentindo o aroma doce do cabelo daquela mulher, inspirou profundamente, sentindo o cheiro inebriante e sedutor. O elevador se movimentou e ela afastou-se, envergonhada, levantando-se do chão. Imediatamente o interfone tocou.

— Sim, Severino?

O rapaz saudou com o aparelho no ouvido.

— Seu Lucca???

A voz do porteiro soou confusa.

— Estamos bem, obrigado. A luz voltou, presumo.

— Senhor?

— Um apagão? Meu Deus, Severino! No verão sempre chove e corremos riscos de apagões. Estamos em pleno século 21, quando será que isso vai mudar? — disse cínico, sorrindo para Helena, que retribuiu timidamente.

Severino coçou a cabeça, finalmente entendendo aonde o “patrão” queria chegar. De certo, precisou do elevador para “uso pessoal”. Olhou o monitor à frente, para os quadros que exibiam as várias áreas comuns do condomínio.

— As câmeras do elevador e do décimo andar não estão funcionando.

— Fique tranquilo, Severino, tenho certeza de que a empresa responsável dará um jeito nisso.

O porteiro engoliu em seco, sabendo exatamente de *quem* era a empresa responsável por tudo aquilo.

— Sim, senhor.

Lucca desligou e instantes depois o elevador chegou ao décimo andar. Pegou as sacolas e abriu a porta, oferecendo passagem a ela, antes de segui-la ao seu apartamento. Helena abriu a porta com as mãos trêmulas. Porque se

sentia tão tensa?

— Está tudo bem?

Lucca perguntou com sincera preocupação, notando sua agitação.

— Embora presa num ambiente infernal: quente, pequeno e completamente abafado, foi uma tarde divertida. — *Como há muito tempo eu não tinha.* Assustou-se com sua constatação.

Lucca abriu um largo sorriso.

— Pra mim também.

Ela fez um muxoxo, pegando as sacolas de suas mãos.

— Tenho certeza de que essa não é sua definição de diversão, garoto.

Lucca apoiou-se no batente da porta, cruzando os braços à frente do corpo e Helena sentiu-se ligeiramente tonta.

— E pra você, Helena, qual é sua definição de diversão?

Olhou-a seriamente e ela engoliu em seco, sentindo o corpo tremer. Segurou as sacolas com força no momento em que percebeu que elas poderiam cair de suas mãos. Ele a olhava profundamente, o azul penetrante de seus olhos invadindo sua alma.

Definição de diversão? Ela ainda se perguntava, sem conseguir encontrar a resposta. Pigarreou.

— Obrigada pela tarde, Lucca.

Ela entrou em seu apartamento e fechou a porta sem esperar por

qualquer resposta, ainda assim, ele sussurrou antes de entrar no seu.

— Eu que agradeço, Helena.

Lucca entrou em seu apartamento e acionou o comando do celular, fazendo com que as câmeras voltassem a funcionar. O garoto respirava aceleradamente, sentindo o coração descompassado.

— Estou parecendo um maldito adolescente! Merda! É praticamente isso que eu sou! — Riu de si mesmo.

A grande responsabilidade que seu trabalho exigia fez com que se esquecesse de que tinha apenas 24 anos. De fato, parecia mesmo mais velho. Lucca Silveira fez fortuna por seus próprios méritos. Desde pequeno, sempre se interessou por tecnologia; jogos e programas de computador eram os seus preferidos. Aos vinte anos, criou um jogo para celular que virou febre entre jovens e adultos, e que lhe rendeu milhões de *downloads*, além de outros milhões em sua conta bancária.

Filho de empreendedor, mudou-se de Teresópolis, sua cidade natal, para a capital, onde abriu uma empresa de *software* e segurança, expandindo seus negócios para além do país. Devido ao seu talento nato, transformou a “LS Cop.” em uma das maiores e principais empresas de segurança do ramo, fazendo desde a segurança de edifícios “comuns” aos “blindados” do Governo.

Lucca caminhou para o escritório e sentou-se à mesa, acionando um comando em seu telefone. Roberto atendeu no primeiro toque.

— Capitão! — gritou no viva-voz.

— Rob! O que está fazendo que atendeu logo de cara? Não está

ocupado? — indagou divertido.

— Nada que o uso do fone e um simples comando não resolvam, chefe!
— Lucca sorriu. — O que manda, capitão?

— Missão!

— Imoral, ilegal ou engorda?

O sorriso de Lucca ficou mais largo, antes de responder.

— As duas primeiras, certamente.

Satisfeito, Rob soltou uma gargalhada e pegou uma fatia de pizza na embalagem perdida em meio à sua parafernália eletrônica, mordendo um generoso pedaço.

— Maravilha, capitão! Até porque a última tenho feito todos os dias!

Deu um gole em sua cerveja, soltando um sonoro arroto em seguida, fazendo seu chefe revirar os olhos.

— Preciso de um grampo.

Rob movimentou seu corpo gordo e esparramado na cadeira, apenas o suficiente para puxar o teclado.

— Manda o código de barras do infeliz, cap! — pediu com a boca cheia.

Lucca fechou os olhos por instantes, dizendo pausadamente o número do celular de Marcos.

— Eu quero tudo sobre esse cara. Quero todos os passos, Rob. Entendido?

— Certo, capitão, deixe comigo. Quando você menos esperar, vai saber tudo sobre ele.

— Quando eu menos esperar? Hum... Já estou recebendo os dados no *Signal*?

Rob soltou um longo assovio. *Só pode ser boceta!* Pensou.

— Ainda não, capitão, mas farei o possível.

— Eu quero o impossível, Rob!

Ele piscou, jogando a embalagem da pizza longe. *Só pode ser mesmo uma bela boceta!*

— Quando a noite chegar, cap!

Digitou alguns comandos em seu teclado cheio de restos de comida e Lucca sorriu satisfeito.

— Quando a noite chegar — repetiu.

— “*Scotty*” desligando.

Lucca fechou os olhos quando a imagem de Helena invadiu seus pensamentos. A expressão surpresa quando ele tentou ajudá-la a entrar no prédio, a blusa clara revelando sua transparência, aguçando seus sentidos e fazendo com que quase perdesse o controle. Os minutos maravilhosos que passou com ela dentro daquele elevador, seu lindo sorriso, sua voz doce e seu cheiro sedutor. Concentrou-se na imagem de seu olhar, procurando desvendar a tristeza escondida em cada um de seus olhos.

— Com certeza é por causa daquele filho da puta! — rosnou abrindo os

seus.

Lucca não conseguia entender por que exatamente sentia uma raiva absurda de Marcos: por ser seu marido? Por fazê-la infeliz? Algo lhe dizia que provavelmente teria as respostas para todas as suas perguntas naquela noite.

— Quando a noite chegar.

Helena saiu do banheiro enrolada na toalha, penteando o cabelo molhado. Olhou-se no espelho e a imagem de Lucca lhe invadiu como um raio. Carregando as sacolas, completamente encharcado pela chuva, a camisa escura grudada em seu belo corpo malhado, com a alça de couro atravessada em seu peitoral esculpido. Balançou a cabeça. O que estava pensando? Aquele garoto podia ser seu filho.

Mas, não é seu filho! Sua consciência insana gritou. Ela parou de pentear o cabelo e abriu a toalha, deixando-a cair no chão, revelando seu corpo nu.

Ao que você se refere? Ao fato de você ter envelhecido? A voz de Marcos ecoou em seus ouvidos e imediatamente Helena tentou esconder seu reflexo, abraçando-se, quando a voz de Lucca se fez presente:

Você fica linda vestindo qualquer coisa.

Lentamente, Helena abriu os braços revelando ao espelho sua nudez mais uma vez. Observou-se por instantes, antes de começar a se tocar. Seus

dedos trêmulos passaram por seu rosto, descendo pelo pescoço, braços, seios, barriga até chegar ao sexo. Há quanto tempo não era tocada? Amada? Desejada?

Um pouco relutante, introduziu dois dedos em si, deixando um gemido lhe escapar. Lucca invadiu seus pensamentos mais uma vez e ela não impediu, sequer se criticou. Pela primeira vez, depois de tanto tempo, sentia-se bem, bonita. Mulher.

Com a mão livre, tocou seus seios, apertando os mamilos, mordendo o lábio. Lucca sorria e levava a garrafa de água de coco à boca, àqueles lábios carnudos. Helena imaginou seus lábios nos dele, a mão grande no lugar da sua, tocando-a e levando-a à beira da insanidade. Acelerou os movimentos, gostando da sensação que proporcionava a si mesma. *Você pode ser boa naquilo que quiser, Helena!* Ele dissera, e ela ousou pensar que talvez o garoto estivesse coberto de razão.

Apoiou-se na parede quando sentiu a força do orgasmo lhe invadir, e sem a menor vontade de reprimir seus desejos, gritou o mais alto que pode, sentindo aquela sensação maravilhosa que há tempos não sentia.

Ela respirava aceleradamente, se olhando no espelho. A mulher nua, com o rosto vermelho e parte do cabelo ainda despenteado lhe sorria. Um sorriso feliz, cúmplice. Satisfeito. Seu nome era Helena Ribeiro, e ela realmente poderia ser boa naquilo que quisesse.

Ainda com o sorriso estampado no rosto, abriu a gaveta pegando um short jeans e camiseta vermelha, vestindo-a, inclusive, sem o sutiã, e seguiu para o ateliê. Ao ligar a TV a força da voz de Maria Bethânia cantando Gonzaguinha com “Explode coração” tocou seu coração e sua alma.

*Chega de temer, chorar, sofrer, sorrir, se dar
e se perder e se achar
e tudo aquilo que é viver
eu quero mais é me abrir e que essa vida entre assim
como se fosse o sol
desvirginando a madrugada
quero sentir a dor desta manhã.*

Helena seguiu à estante e pegou a paleta de madeira, carregando-a com as mais variadas e coloridas tintas, escolheu os pincéis apropriados para o que tinha em mente, e colocou tudo na grande mesa em forma de “U”. Prendeu uma nova tela em um cavalete e, com uma vontade louca, se pôs a trabalhar.

Misturou cores, criando outras e a tela que era branca começou a ganhar vida. Rabiscos numa mistura de cinza e azul revelaram a chuva que começava a tomar forma em sua pintura.

*Nascendo, rompendo, rasgando, tomando meu corpo e então
eu chorando, sofrendo, gostando, adorando, gritando
feito louca, alucinada e criança
sentindo o meu amor se derramando.
Não dá mais pra segurar
explode coração!*

Em seu ateliê, Helena perdeu a noção do tempo, feliz em meio à sua arte. Estava tão concentrada em sua tela que não percebeu quando Rodrigo se aproximou.

— Que lindo! — Ela deu um pulo, seguido de um gritinho. — Desculpe, mãe, não quis assustá-la!

Helena deixou a paleta e o pincel em cima da mesa e abraçou o filho com carinho. Lucca lhe veio à mente mais uma vez, e àquela altura ela já tinha perdido a conta de quantas vezes isso havia acontecido.

— Como foi a prova?

Seu filho abriu um largo sorriso dizendo que havia sido fácil demais.

— Eu sabia! — Bateu em seu ombro. — Acho que você faz charme, na verdade.

Ele soltou uma gargalhada, olhando a tela à frente, contemplando-a por instantes. Reparou as gotas da chuva, a grade e o casal atrás dela, rostos irreconhecíveis, mas totalmente possíveis de se perceber que transmitiam felicidade.

— Lindo, mãe! — Aproximou o rosto da tela para melhor análise. — Fez agora?

— Ainda estou trabalhando nele — respondeu limpando as mãos com um pano claro manchado de tinta. — Mas terminei o da Lagoa. Quer ver? — indagou um pouco receosa de que o filho a reconhecesse na tela.

Imediatamente Rodrigo se dirigiu ao quadro onde a paisagem da Lagoa Rodrigo de Freitas se revelava. O verde da vegetação se misturava ao azul do céu e ao colorido das pessoas, tendo ao fundo o prateado das águas claras da lagoa, os prédios, o morro Dois Irmãos e a Pedra da Gávea.

— Mãe, você é sensacional! — exclamou emocionado e ela movimentou a mão suja de tinta.

— Não exagere!

— Estou falando sério, você é sensacional mãe! Olhe essa pintura! Meu Deus! — Seu filho estava visivelmente emocionado. — Tenho muito orgulho de você!

Os olhos de Helena ficaram marejados e ela abraçou o filho com todo o amor que sentia, culpando-se pelo arrependimento daquela manhã. Seu filho valia muito a pena e poderia ser a única razão que justificasse tudo, absolutamente tudo.

— Você jantou?

— Estava esperando você chegar.

— Mãe, quando você aprendeu a ser tão cara de pau assim, hein? — perguntou zombeteiro. — Tenho certeza de que perdeu a hora aqui no ateliê!

— Eu??? Imagine! Só estava esperando o meu filho lindo chegar.

— Sei...

Helena afagou-lhe o cabelo escuro e cheio, reparando como era belo. Seus olhos negros a contemplaram num misto de orgulho e amor, antes de seguirem à cozinha em meio a conversas e risadas. Rodrigo contou sobre a prova, sobre as aulas do dia e o estágio no Ministério Público, enquanto Helena falou sobre o mercado, a chuva e seu dia no ateliê, omitindo os momentos que viveu no elevador com um garoto que certamente tinha a mesma idade de seu filho, e em como havia sido afetada por isso. Em alguns momentos, Lucca lhe vinha à mente, mas ela acreditava que seria pelo fato de ambos serem tão jovens.

Serviu o jantar preparado por Josita sem esperar por Marcos, afinal, ela nunca sabia se ele viria realmente.

— Mais uma vez papai não jantará em casa?

O corpo de Helena se retesou e ela tentou disfarçar dando de ombros, dizendo que estava faminta demais para esperar por ele.

— Aliás, este risoto está delicioso! Josita caprichou, não acha? — Tentou disfarçar.

Rodrigo deu um sorriso que não alcançou seus olhos. Há tempos percebia que o casamento dos pais não ia bem. Sempre se perguntou como sua mãe conseguia conviver um homem tão arrogante, prepotente e egoísta por tanto tempo. Amava seu pai e acreditava que embora esse amor fosse correspondido, não o era como de fato merecia (e esperava), afinal, Marcos era reservado e frio demais. Ultimamente, Rodrigo vinha se questionando se o pai realmente amava sua mãe.

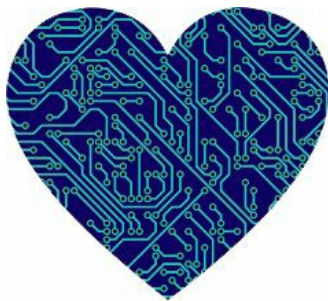
Marcos entrou repentinamente, surpreendendo-os.

— Ora, já estão jantando? — perguntou pasmo.

— Não sabia que chegaria cedo, *querido*. — Helena rebateu cínica e ele franziu o cenho, contudo, devido à presença do filho não respondeu.

Seguiu ao armário para pegar o prato e os talheres e sentou-se em seu habitual lugar. O clima ficou tenso, pesado e comeram em silêncio.

Nada de risadas. A festa havia acabado.





04. REVELAÇÕES

Lucca voltava da cozinha com um copo de vitamina de aveia e banana, quando ouviu o bip do *Signal*. Sentou-se à mesa, em frente a sua parafernália eletrônica e acessou o aplicativo.

“Aí está o seu impossível, cap! Divirta-se! A propósito, tomei a liberdade de projetar um espião, caso queira maiores detalhes sobre a vítima. As instruções seguem abaixo.”

Lucca passou os olhos no pequeno tutorial do espião projetado pelo *hacker*, fechando-o logo em seguida e abrindo a primeira gravação do grampo. É claro que não aceitaria o espião!

— Se você acha que eu preciso disso, Rob, você está redondamente...

Ele não conseguiu completar a frase, pois logo uma voz feminina manhosa e, em sua opinião, nada sexy (embora fizesse de tudo para sê-lo), ecoou pelo ambiente.

— Onde está o meu tigrão?

Ouviu-se um suspiro exasperado do outro lado da linha.

— *Na merda deste trânsito infernal! Está tudo parado na Presidente Vargas!* — Marcos reclamou referindo-se a uma das principais vias expressas do Centro do Rio de Janeiro.

— *Humm... Estou achando o meu tigrão muito nervoso! O que houve? A velha já te stressou?*

— *Ah, Thais... Helena está me enchendo a porra do saco!*

O corpo de Lucca se retesou e ele fechou o punho com força.

— *Oh, querido, não queria estar na sua pele! Foi por causa da nossa noitada ontem? A velha achou ruim você ter chegado às três da manhã?* — gargalhou e Marcos assentiu, ainda demonstrando irritação devido ao trânsito. — *Querido, você precisa relaxar! Tão stressado já de manhã? Tsc tsc tsc, nada disso! Sua secretária experiente dará um jeito nisso! Sua agenda que estava livre esta manhã acaba de ser preenchida com uma reunião com um excelente “cliente em potencial”* — enfatizou, de maneira afetada.

— *Hummm...* — O homem gemeu, perguntando se ela já tinha tomado café.

— *Estou esperando por você, tigrão. Que tal um delicioso café da manhã, seguido por uma bela massagem e culminando num excelente almoço executivo? Tenho certeza de que você estará muito mais disposto na parte da tarde!*

— *Hum, acredito que precisaremos inverter essa ordem e deixarmos o café pra segundo plano. Ah, Thais, meu pau está duro!*

— *Então, o que estou fazendo aqui ainda?* — miou. — *No lugar de sempre?*

— *No lugar de sempre. Estou seguindo pra lá.*

A risada melosa da mulher fez o estômago de Lucca se embrulhar.

— *Te vejo em vinte minutos, tigrão!*

— *Filho da puta... Que filho da puta!*

Transtornado, o garoto deu um soco na mesa, lembrando-se das palavras de Helena no elevador. Então aquele crápula realmente a chamava de velha? Fechou o punho com força, passando para outra ligação.

— *Jorge como estão os preparativos?*

— *Nada ainda...*

— *Como assim?*

— Marcos, o contrato é bem amarrado. Não dá pra simplesmente chutar o Sérgio e tirá-lo de jogo assim! Ele anda na linha, o que eu posso fazer?

— Entorte a linha se for preciso!

— O quê???

— E se ele fosse interditado?

— Como assim, cara? Não há como interditá-lo, ele é plenamente capaz!

— Então torne esse filho da puta incapaz, porra! Faça alguma coisa pra que ele rompa qualquer cláusula do contrato, uma merda qualquer! Se vira! A lei não é cheia de brechas? Use-as!

— E como farei isso?

— Eu não sei! Não é problema meu! O advogado aqui é você, aliás, o advogado mais bem pago que eu já vi!

O homem exalou com força e Marcos continuou em seu tom ameaçador.

— Eu não sei como, mas você dará um jeito. Conforme eu disse, você é muito bem pago pra isso! E eu quero a presidência da empresa custe o que

custar. Então, se você quer manter o seu rabo cheio de dinheiro, sugiro que comece a trabalhar!

— Fica frio, darei um jeito.

Não havia outras ligações e Lucca lembrou-se do espião.

— Se você acha que eu preciso disso, Rob, você está redondamente certo!

Lucca acionou um comando, executando o programa.

— Fascinante! — disse olhando a tela.

Realmente admirado com o espião desenvolvido por seu programador, o garoto abriu um largo sorriso à medida que lia o tutorial.

— Rob, seu grande filho da puta!

O jantar transcorreu em silêncio. Marcos não perguntou sobre a prova do filho, nem sobre o dia de Helena, tão pouco falou sobre o seu. Ao terminar, deixou o prato na mesa e seguiu para o banho, quando seu celular bipou. Ele desbloqueou a tela e leu a mensagem, escrita em inglês, indicando a atualização de *software*. Clicou em prosseguir, deixando o celular no criado mudo, antes de entrar no banheiro e fechar a porta.

O que Marcos não sabia, era que não havia necessidade de nenhuma atualização; aquela, inclusive, era uma mensagem falsa, provinda não muito longe do local em que ele estava.

No apartamento ao lado, o garoto exibia um sorriso triunfante e satisfeito no rosto.

— Obrigado pela atualização, seu idiota! — rosnou.

Ansioso, acionou o comando no teclado para entrar no espião e, conseqüentemente, acessar o celular de Marcos.

— Estou dentro! Agora vamos ver quão filho da puta você é.

Era madrugada, mas Lucca ainda acessava o *WhatsApp* de Marcos. O “espelho” projetado por Roberto, no final das contas, havia sido mais útil do que o grampo em si, pois “a vítima”, como Rob o chamava, pouco falava ao telefone, preferindo o aplicativo de troca de mensagens.

Lucca descobriu que a indignidade deveria estar no sangue daquele homem, pois não era somente a esposa que ele traía, mas também o próprio sócio e a empresa que desejava a qualquer custo ser Presidente. O caso com a secretária, embora não se pudesse determinar há quanto tempo existia, era antigo, e ela era tão maquiavélica quanto ele. Quem sabe, pior?

Ele viu de tudo um pouco. Houve o dia em que Rodrigo apresentaria seu primeiro projeto aberto ao público na faculdade e que ele não foi, inventando uma desculpa esfarrapada, enquanto estava no motel com sua secretária; o dia em que Helena passou mal devido a dengue, e ele não apareceu para levá-la ao hospital por também estar “ocupado”.

“Que ela morra! Vamos trepar! Chego em cinco minutos.” Dizia a

mensagem enviada à Thais.

Lucca estava transtornado. Sufocado, caminhou à varanda em busca de ar. A brisa quente acariciou seu rosto e ele fechou os olhos por instantes, tentando bloquear as mensagens que havia lido e as conversas que havia escutado. Pensou em Helena passando mal sozinha em casa, e se perguntou como ela fez para resolver a situação. Será que o filho estava lá para levá-la ao hospital ou ela precisou pegar um táxi?

Exalou com força e abriu os olhos, observando a imagem à frente. A Lagoa Rodrigo de Freitas se estendia iluminada pelo luar, e ele contemplou os prédios e as montanhas à frente. Aquela imagem sempre o acalmou, mas não naquele momento.

— Isso não é justo — sussurrou para si mesmo.

O sorriso de Helena invadiu seus pensamentos e ele apertou o parapeito com força. Como um homem a podia tratar daquela maneira?

— Filho da puta!

Após o jantar, com a ajuda do filho, Helena arrumou a cozinha e se dirigiu ao quarto. Sem conseguir dormir, resolveu ler um pouco até o sono chegar, contudo, era quase madrugada e ainda não havia pregado o olho. Ao seu lado, Marcos roncava e nem vira quando a esposa chegou. Ela observou o marido durante instantes, enxergando apenas um completo desconhecido.

Fechou os olhos com força, antes de se levantar.

A sala era enorme em seus dois ambientes. Após o hall de entrada, via-se um amplo salão com uma grande mesa de jantar em Carvalho, com lugares para seis pessoas. Helena deixou os dedos correrem pela madeira escura, lembrando-se dos muitos jantares em família e reuniões com os amigos, quando costumavam recebê-los em sua casa. Quando foi que tudo acabou? Não se lembrava; provavelmente, pouco depois da promoção de Marcos na empresa.

Mais afastado havia um grande módulo com algumas fotos e obras de arte feitas por ela, esculturas que, segundo seu marido, eram inúteis. Olhou os quadros pendurados na parede, telas que um dia sonhou estarem em alguma exposição, mas tudo que havia conseguido era que ficassem como ela: presas em sua própria casa sem qualquer reconhecimento.

As obras de arte acompanham o seu artista... Refletiu.

Com um nó na garganta, seguiu à sala de estar, passando pelo grande sofá em “L”, caminhando pelo felpudo tapete claro, para então chegar ao imponente móvel decorado com outras esculturas de sua autoria. Pegou uma delas, um lindo vaso negro em cerâmica, virando-o de ponta à cabeça, deixando cair uma chave. Com as mãos trêmulas, destrancou uma das gavetas, abrindo-a para pegar o maço de cigarros ainda fechado. Caminhou com ele até a varanda e no momento em que ia acender um deles, uma voz grave a interrompeu.

— Não sabia que você fumava. — Helena deu um pulo, com o cigarro e o isqueiro nas mãos ao ver o vizinho na varanda ao lado. — Desculpe, não quis assustá-la.

Ela o observou por instantes. Lucca vestia um short azul e camiseta branca, e Helena se deteve em seus braços bronzeados, antes de balançar a cabeça e olhar o objeto em suas mãos.

— A última vez que fiz isso foi... — analisou. — Talvez eu tivesse a sua idade.

Lucca a olhou seriamente.

— Então não foi há tanto tempo assim. — Ela o olhou incrédula, e ele deu de ombros. — Se você acha que faz muito tempo, não deveria arriscar. — Apontou o cigarro em suas mãos. — E se a vontade for grande, você poderia substituí-la por outra melhor.

— Por exemplo?

A mulher virou em sua direção e seus longos cachos balançaram ao sabor do vento. O garoto a contemplou. De fato, observou-a demoradamente, e quando um pequeno vislumbre de que Helena poderia se sentir incomodada surgiu, ele abriu um largo sorriso. Um belo sorriso, na verdade.

— Chocolate.

Ela piscou surpresa, olhando o cigarro em sua mão mais uma vez, pensando que um chocolate não seria má ideia. Fez um muxoxo. Não havia chocolates em casa.

— Toc toc, Helena! Estão batendo na sua porta!

Ela piscou confusa, vendo-o desaparecer. Divertida e sem avaliar suas ações, jogou o cigarro e o isqueiro no sofá e correu até a porta para abri-la, se deparando com aquele lindo garoto de short, camiseta e cordões no

pescoço; ombros largos, braços fortes e coxas grossas. *Meu Deus!* Ele lhe estendeu uma barra de chocolate *Lindt* e ela o olhou surpresa.

— Seja o problema que for, meu maior desejo é que você fique bem — sussurrou tocando seu rosto com carinho, acariciando-a com os dedos, e ela fechou os olhos por instantes, sentindo o toque suave em sua pele.

No momento em que abriu o azul profundo a invadiu, varrendo sua alma. Ele sorriu mais uma vez, antes de voltar ao seu apartamento e fechar a porta.

Helena estava estática, olhando a barra de chocolate nas mãos, quando o vermelho da embalagem se destacou em meio à seda em seu corpo. Sentiu um misto de vergonha e excitação, ao lembrar que vestia apenas uma camisola preta com detalhes em renda na altura dos seios. Involuntariamente, cobriu-os com os braços, numa parca tentativa de escondê-los, olhando em volta, antes de fechar a porta.

Encostando-se à madeira fria, fechou os olhos quando o azul profundo do garoto lhe invadiu mais uma vez. Seu vizinho que, embora tivesse a idade para ser seu filho, vinha ocupando seus pensamentos mais do que deveria.

Caminhou até o confortável sofá, permitindo-se cair de qualquer jeito, segurando a barra de chocolate contra o peito. Esticou a mão para pegar o controle remoto, ligando o som sem se importar com a hora. A voz de Djavan cantando “Outono” ecoou pelo ambiente, enquanto Helena abria a embalagem do *Lindt*.

*Um olhar uma luz
ou um par de pérolas mesmo sendo azuis...*

Foi inevitável não se lembrar dele mais uma vez. Onde estava com a cabeça?

*Uma boca que eu sei,
não porque me fala lindo
e sim, beija bem.*

Djavan seguiu cantando e Helena teve a ousadia de questionar se o garoto realmente beijava bem.

— Já que palavras... Céus! O que estou dizendo? — repreendeu-se, mordendo um pedaço generoso do chocolate que derreteu em sua boca.

*Sedução, frenesi
sinto você assim...*

Um sorriso lhe escapou quando se lembrou daquela tarde. Teria sido mais um dia vazio como muitos outros, mas o garoto apareceu para mudar tudo da forma mais deliciosa e um tanto assustadora que ela já tinha sentido em toda sua vida.

— O que você está pensando, Helena? — sussurrou, mordendo mais um pedaço do chocolate.

Djavan seguia cantando, enquanto ela se perguntava se havia perdido a capacidade de ser feliz. Mas, o que *realmente* a fazia feliz? Olhou em volta,

para o pouco da sua arte que encantava o lugar, aquela que era sua casa — sua tão sonhada casa —, mas que desde muito tempo passou a ser uma espécie de prisão.

*Tudo é viável
pra quem faz com prazer*

Prazer? Desde quando não se permitia? Um sorriso cúmplice lhe escapou ao se lembrar do orgasmo daquela tarde. Mas, a verdade era que não se referia àquele tipo de prazer. Quando foi a última vez que passou um dia agradável, *realmente agradável*? Lucca lhe veio à mente como um raio.

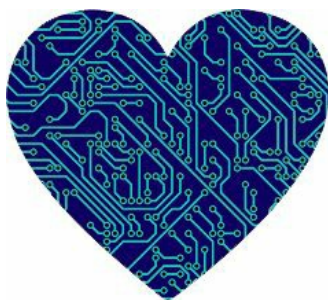
— O garoto... — Lembrou-se dos momentos que passou no elevador. — Céus! Estou ficando louca!

Olhou a embalagem do chocolate em sua mão e comeu o último quadradinho. Sim, ela devorou uma barra inteira de *Lindt* em poucos minutos. Não era prazer por que ansiava?

Helena amassou a embalagem vazia, desligou o som e seguiu em direção ao seu quarto.

— O prazer é efêmero... — refletiu. — E a felicidade utópica.

Será que ela tinha razão?





05. JANTAR ENTRE AMIGOS?

De frente para o espelho, Helena apertou a tarraxa do brinco de ouro com brilhantes, presente de seu marido pelo aniversário de casamento. Qual deles? Não se lembrava mais.

Eram tantas joias...

— Quando foi a última vez? — refletiu.

Não eram as joias em si, mas o gesto que a encantava. Gestos... Carinho, afago, cumplicidade. Quando foi que tudo isso se perdeu?

Ela contemplou a linda mulher no espelho em um vestido preto, longo, com um decote discreto, mas que realçava seus seios fartos. O par de brincos brilhava em suas orelhas, contrastando com o castanho de seu cabelo. Ali estava uma mulher belíssima, pronta para um jantar romântico com seu marido.

Mas, Helena sabia que aquele não seria um jantar romântico, afinal, não seria apenas um casal, mas dois. Seria um jantar entre amigos. *Amigos?* Refletiu mais uma vez, se perguntando há quanto tempo não via Verônica e Sérgio.

O barulho da porta a trouxe de volta ao quarto, quando Marcos entrou.

— Pronta? — perguntou se postando atrás dela. — Você está linda.

O marido beijou seu ombro rápida e mecanicamente, e Helena se admirou com sua surpreendente demonstração de carinho. Confusa, retribuiu

com um sorriso, enquanto ensaiava um agradecimento.

O trajeto até o restaurante foi rápido. No carro, Marcos tentava puxar assunto; conversas triviais, provavelmente para forçar um clima de cumplicidade entre ele e a esposa, há tempos perdido. Ele não imaginava que precisaria retomar o papel de marido atencioso novamente.

Helena tentava se encontrar, perdida em pensamentos. No fundo sabia que seria um jantar “arranjado”; sabia que seu papel ali era de mera figurante num teatro armado por seu marido. Aquele, provavelmente, seria um jantar de negócios de um excelente profissional de engenharia, cuja vida privada deveria ser, da mesma forma, exemplar.

Deveria...

A conversa fiada de Marcos cedeu lugar à voz de Chico Buarque, e Helena não pôde deixar de notar a ironia.

*Eu vou lhe deixar a medida do Bonfim,
não me valeu.
Mas fico com o disco do Pixinguinha, sim?
O resto é seu.*

A música, “Trocando em Miúdos”, cuja letra falava sobre a separação de um casal, tocou no rádio justamente quando seu marido supostamente a levava para jantar.

*Trocando em miúdos, pode guardar
as sobras de tudo que chamam lar*

*as sombras de tudo que fomos nós
as marcas de amor nos nossos lençóis
as nossas melhores lembranças.*

Marcos fez uma curva fechada, enquanto tecia mais um comentário sobre si mesmo. Helena olhou na direção do marido e lhe dirigiu um sorriso que teve vida curta. De fato, pareciam dois estranhos que não tinham a menor vontade de se conhecer.

*Aquela esperança de tudo se ajeitar
pode esquecer.*

Ele parou o carro em frente ao restaurante Gero, em Ipanema, para entregar o veículo ao manobrista. Helena desatou o cinto e suspirou pesadamente. Algo ali não estava certo, de alguma forma, não se encaixava. Seria ela mesma?

Ouviu o barulho da porta sendo destravada, e quando o manobrista a abriu pôs um sorriso no rosto e cumprimentou o rapaz, deixando Chico Buarque e seus lamentos para trás.

*Eu bato o portão sem fazer alarde
eu levo a carteira de identidade
uma saideira, muita saudade
e a leve impressão de que já vou tarde.*

Marcos conduziu a esposa pela cintura para entrarem no restaurante, um

lugar aconchegante e requintado. A decoração beirava ao rústico, com piso escuro e paredes em tijolos e pequenos quadros com fotos da Cidade. As mesas eram decoradas com toalhas de linho branco e louças de prata e cristal. A música ambiente era selecionada: *Schopin*.

— Querida, quanto tempo!

Helena olhou à frente, em direção à mulher espalhafatosamente elegante. Mais nova que ela cinco anos, seu vestido era vermelho, com um decote nada discreto. Usava tantas joias, que mais parecia uma árvore de Natal, e seu cabelo loiro platinado era tão liso, que não havia um fio sequer fora de lugar.

— Verônica, como vai? — cumprimentou-a discretamente.

— Sua esposa continua elegante, como sempre, Marcos. — Helena ouviu o elogio de Sérgio, e corou, cumprimentando o amigo que há tanto não via.

— Chegaram há muito tempo?

Marcos indagou, sentando-se ao lado da esposa e de frente para Sérgio, que respondeu que estavam ali há menos de dez minutos. Conversaram amenidades, até Marcos solicitar o *couvert*, e engatar um papo mais formal com o amigo e sócio.

— Então, Helena, me conte as novidades!

O que ela poderia dizer? Que novidades teria para contar, além de que, há alguns dias, ficou presa no elevador com seu vizinho sexy, mas que tinha idade para ser seu filho? O pensamento a deixou desnorteada.

— Não há nada para contar... — Deu de ombros. — Conte-me sobre

você.

Era tudo o que Verônica queria, e Helena sabia disso. Precisaria, apenas, encontrar ânimo para ouvir suas conversas, que eram sempre as mesmas: viagens, compras e cirurgias plásticas.

— Acabei de chegar da Europa! Paris, pela milésima vez! Eu não me canso, você sabe!

Deus me ajude! Helena pensou, dando um sorriso amarelo, enquanto Verônica desandava a falar. Olhou para o marido de soslaio, mas ele já estava em outro mundo com Sérgio: o mundo dos negócios.

— Então, eu dei uma passadinha na *Tiffany*, lá na *Champs-Élysées*, pra fazer umas comprinhas. Olha este anel!

A mulher estendeu a mão, com suas unhas bem feitas, na direção de Helena, que aproximou o rosto da delicada pedra vermelha.

— Rubi com platina e diamantes. Não é lindo? — Helena assentiu, educadamente. — Custou uma fortuna, é claro, mas, nada que o cartão do Sérgio não pague!

Verônica pegou a taça e deu um longo gole no vinho, antes de fitar Helena por instantes.

— Você deveria fazer o mesmo com o cartão do Marcos! — gargalhou, e Helena não teve opção, senão rir junto com ela.

Não seria má ideia, mas, definitivamente, Helena não era este tipo de mulher.

— Mês que vem pensei em ir a Nova York, mas adiei por causa da lipo.

— Outra?

— Engordei desesperadamente na Itália! Não é uma vida nada fácil!

Para não revirar os olhos, Helena olhou ao redor, sentindo todo seu sangue se esvair. Um pouco à frente, um belo rapaz com olhos profundamente azuis, e elegantemente vestido em um terno escuro que realçava seu corpo atlético, entrou no restaurante.

Ele em nada se parecia com um menino, mas com um homem decidido que a passos firmes caminhava em direção ao seu destino, seguro de si e pronto para tomar as rédeas de sua vida.

Tantos restaurantes no Rio de Janeiro e este garoto vem logo aqui? Helena pensou, enquanto o contemplava caminhando pelo salão. Ele sentou-se a uma mesa pouco afastada, na sua diagonal, e totalmente dentro do seu campo de visão.

— Você pode imaginar? Dentro da *Louis Vuitton*? Helena?

Helena piscou, confusa, voltando a atenção à “amiga”.

— Sim, claro... — respondeu vagamente, pegando a taça de vinho.

— Não! Não pode! Foi um vexame daqueles! — Verônica bebeu mais um gole. — Você sabe que os chineses estão dominando a Europa, não sabe? Menina, em Paris tem um banco só pra eles! Você sabia disso?

Helena fingiu interesse, pedindo a Verônica que contasse mais. A mulher pareceu ganhar a noite. Mal começou a tagarelar, disfarçadamente, Helena direcionou o olhar para a mesa à frente. Lucca, compenetrado no cardápio, sentiu a força de seu olhar e, por puro reflexo, retribuiu. Foi

inevitável.

Sem movimentar o cardápio, o garoto levantou o olhar em sua direção e o gesto fez com que Helena fosse pega no flagra. Presa naquele mar azul, ela não conseguiu se desvencilhar; era profundo, misterioso e ela sentiu que poderia se afogar naquele oceano de emoções.

Ali era um local público, mas parecia não haver mais ninguém, tamanha a conexão que se estabeleceu entre eles. Sua amiga continuava tagarelando e o marido, ao seu lado, estava alheio à sua presença, preocupado com seu próprio mundo, do qual ela não fazia parte. Só existiam ela e o garoto, que mal conhecia, mas que naquele momento, pareceu ser o que tinha de mais *íntimo* em sua vida.

Lábios carnudos se esticaram num sorriso, e Helena teve o disparate de achá-lo encantador. Balançou a cabeça, e voltou a atenção à Verônica, se perguntando se já estava na hora de parar de beber.

— Querido, podemos escolher os pratos? Estou faminta!

Verônica indagou, acariciando o braço do marido e Marcos a fuzilou com o olhar. Aparentemente não era o momento apropriado para ser interrompido.

Na mesa à frente, Lucca mantinha o cenho franzido, olhando a carranca armada de Marcos. Fora o único a perceber, já que todas as atenções estavam voltadas para a “dondoca europeia”. Ele fechou o cardápio, contendo a vontade de caminhar até lá e tirar Helena daquele lugar. Ele sabia que ela não pertencia àquilo tudo, a toda cena esdrúxula que se estendia à frente.

Lucca não conhecia o casal de amigos, sequer suspeitava que o homem fosse o tal sócio a quem Marcos tramava a traição, mas ele conhecia Helena o

suficiente (e agora seu marido também) para saber que ela não deveria estar ali. Ele sabia que era tudo um teatro idiota, algum plano macabro que Marcos planejava colocar em prática.

O garoto não estava naquele lugar por acaso, é claro; aquele encontro não era outra “obra divina”. Graças ao espião, em que Lucca estava cada dia mais fissurado, ele descobriu que Marcos jantaria com Sérgio e que por sugestão deste as esposas poderiam estar presentes.

Seria maravilhoso, Marcos! Como nos velhos tempos! Há quantos anos não vejo Helena?

Helena. Este era o único motivo pelo qual estava ali. Para vê-la, senti-la mais perto. *Protegê-la.*

Lucca notou quando o garçom se aproximou deles e o pedido do prato principal foi feito. Optou por fazer o mesmo, chamando outro garçom e apontando qualquer item da carta. A verdade é que *comer* era a última coisa que passava por sua cabeça.

Ele mal tocou na comida, mantendo os olhos fixos à frente. Em alguns momentos, Helena o fitava, mas logo desviava e, perante suas ações, Lucca refletiu: era impressão sua ou ele a estava afetando de alguma forma? Ele podia ser um garoto, mas não era idiota, além disso, *mulheres* era um assunto que ele dominava.

Helena pediu licença para ir ao toalete.

— Não podemos esperar um pouco? — Verônica questionou de maneira afetada, olhando toda a comida disposta na mesa. — Vai esfriar!

Helena sentiu pena daquela mulher ao perceber que nada havia mudado,

que Verônica ainda sofria de um grande e antigo transtorno alimentar: a bulimia nervosa.

— Não se preocupe comigo, volto já.

Sem sequer ter a ausência notada pelo marido, Helena levantou e caminhou até o toalete, que ficava em um local reservado, do lado oposto, escondido por outra parede decorada com tijolos. Sentiu o olhar do garoto cravado em si, em cada passo que dava ao cruzar o salão.

De frente para o espelho, respirou fundo e tentou fitar a imagem refletida, mas não era seu reflexo que via. Seus “olhos” estavam do lado de fora, no salão, para a mesa afastada da sua, naquele mar azul, profundo e repleto de emoções.

— Helena, o que está pensando?

Abriu a torneira e lavou as mãos, como se quisesse lavar o desejo que ardia em si. Era um garoto! Apenas um garoto, pelo amor de Deus! Fechou os olhos com força, tentando se recompor. É claro que não estava raciocinando bem. Estava sufocada naquele lugar, sabia que não tinha utilidade nenhuma, além de mera decoração.

Sentia-se entediada com o papo de Verônica sobre a viagem fútil e a tal lipoaspiração que fará no outro mês; não aguentava mais as conversas sobre negócios entre os homens. Queria ir para sua casa, para seu ateliê e sua arte, queria retomar a pintura do casal tentando entrar num prédio, em meio à chuva torrencial. Queria qualquer coisa, menos estar ali, a não ser que pudesse estar à mesa afastada da sua, que ficava na diagonal e que tinha um belo garoto de terno.

— Pelo amor de Deus!

Pegou a toalha para secar as mãos, procurando manter o controle de si mesma.

— Conte até dez, Helena. Falta pouco... Lembre-se: entrar e sair. Você já entrou e logo estará de saída. Respire — dizia, tentando controlar a própria ansiedade.

Olhando em volta, pensou em contar cada quadradinho das pastilhas douradas que decoravam a parede, e contrastavam com as cubas em branco. Talvez aquilo a acalmasse, afinal seriam muitos a serem contados, levando em conta o tamanho do lugar. A iluminação fraca, com luminárias em forma de cálices com velas aromatizadas, dava um toque aconchegante ao ambiente, e Helena pensou que seria bom ficar ali.

Ouviu o barulho da porta e se assustou quando a estranha entrou. Ela se dirigiu à primeira cabine como se o recinto estivesse vazio e Helena refletiu o quanto seria bom se pudesse se tornar invisível para todas as pessoas daquele lugar.

Nem todas as pessoas... O pensamento lhe trouxe a imagem de Lucca, mais uma vez. Por Deus! O que exatamente estava acontecendo com ela?

Abriu a porta, mas, ao sair, foi impedida pela figura imponente do garoto. Sim, ele estava ali, na sua frente, com seu cheiro másculo, seus braços fortes e seu olhar penetrante.

— Como vai, Helena? — Ela engoliu em seco. — Coincidência encontrar você aqui.

— Vim jantar com meu marido. — *Merda!* Onde estava com a cabeça para falar aquilo? E desde quando seu marido veio jantar *com ela*?

Lucca sentiu seu corpo se retesar, mas recuperou o controle imediatamente.

— Isso é maravilhoso. Se te faz feliz — rebateu, olhando-a profundamente, e algo dentro dela se partiu em mil pedaços. — Vim jantar sozinho.

— Se, hum, se te faz feliz... — gaguejou.

Ele a olhou profundamente.

— E você, Helena? Está feliz?

Ela abriu a boca, sem conseguir pronunciar qualquer resposta. O que poderia dizer? Que se sentiria feliz se estivesse em seu ateliê, como havia pensando minutos antes? Ou, na verdade, se estivesse naquele lugar com *ele*?

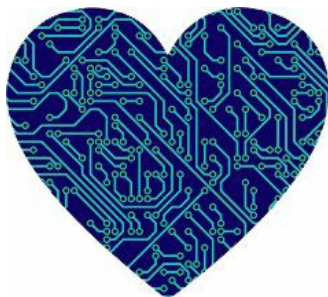
— Aí está você!

A voz de Verônica ecoou aguda; efeito do vinho, provavelmente. Por puro reflexo, Helena girou o corpo em sua direção, e quando retornou ao garoto, a única coisa que viu foi porta do banheiro masculino se fechando.

— Acho, hic, que bebi além da conta! — A mulher cambaleou, apoiando-se em seu ombro. — Acho também, hic, que vou, hic, vomitar! Hic!

Helena não iria tão cedo para seu ateliê, muito menos jantaria com o vizinho que vinha ocupando seus pensamentos constantemente. Seu marido estava lá fora e, pelo visto, aquela conversa renderia. Negócios. E ali, à sua frente, uma antiga amiga precisava de ajuda e o fato de ela estar ligeiramente bêbada era o menor de seus problemas.

Aquela noite seria longa. Amargamente longa.





06. VIAGENS

Desde aquele encontro no restaurante, Lucca e Helena ficaram cada vez mais próximos. Ele armava situações para que se encontrassem repetidas vezes, fossem no corredor, no elevador ou nas áreas comuns do edifício, monitorando tudo através das câmeras.

Em relação a Marcos, continuava observando-o de perto, acionando o grampo e o espelho, incessantemente, vigiando todos os seus passos. Cada vez mais ele traçava uma teia macabra, ficando enojado com o que descobria. Marcos era um homem maquiavélico, totalmente sem escrúpulos.

Certa manhã, Helena preparava o café da manhã na cozinha, a TV como sempre estava ligada, porém, não mais nas tragédias matinais, e sim no canal de música. Rodrigo já estava pronto, engolindo o café como se sua vida dependesse daquilo.

— Desde quando você está passando fome?

Ele abriu um largo sorriso ao ver a mãe com tão bom humor, algo que tinha se tornado bastante frequente ultimamente. Perguntava-se se a relação dos pais havia melhorado, embora não conseguisse enxergar isso. Pareciam cada vez mais distantes.

— Preciso chegar cedo à faculdade, tenho trabalho de Civil no primeiro tempo.

— Vai acabar tendo uma indigestão assim! — O filho sorriu. — Promete que vai me ligar assim que chegar a Búzios?

Rodrigo revirou os olhos.

— Mãe, eu tenho 26 anos, sabia?

— Não importa! Ficarei preocupada com você ainda que tenha oitenta!

Helena fez bico e o filho se levantou da cadeira, ajoelhando-se à sua frente e deitando a cabeça em seu colo para que ela lhe afagasse o cabelo.

— Que saudade desse colo!

— Ah, e os 26 anos?

Ele gargalhou, olhando-a com amor.

— Fique tranquila, dona Helena, assim que chegarmos ligarei para você. Devemos sair daqui por volta das quatro da tarde.

— Tudo bem. Boa sorte com o trabalho, e aproveite o fim de semana. Você precisa disso, meu filho.

Rodrigo beijou-lhe a face e pegou uma banana na fruteira.

— Eu te amo, mãe! — gritou da porta.

— Eu te amo, meu filho — retribuiu com amor.

Marcos entrou na cozinha assim que o filho saiu, cumprimentando a esposa com um meneio de cabeça e perguntando por Rodrigo. Enquanto recolhia as louças, Helena limitou-se a dizer que ele tinha saído, e o marido deu de ombros.

— Vou viajar neste fim de semana. — O corpo dela se retesou. — Trabalho.

Desde quando Marcos precisava viajar a trabalho?

— Durante todos esses anos esta é a primeira vez que isso acontece.

Ele não respondeu. Pegou a torrada na mesa e passou geleia, acessando o celular como se Helena não estivesse ali.

— Rodrigo também passará o final de semana fora.

— Novidade...

Confusa, olhou o marido na tentativa de entender sua reação, percebendo que ele não falava com ela, e sim com alguém ao telefone.

— Novos negócios.

Helena inspirou profundamente, subitamente se sentindo cansada demais. Largou a louça na pia e saiu sem ser notada.

No apartamento ao lado, Lucca já estava acordado à sua mesa com uma caneca de café cheia até a borda, ouvindo a conversa de Marcos com o cenho franzido.

— *Novos negócios?* — A voz da mulher soou confusa do outro lado da linha.

— *Agora que a velha finalmente saiu, posso falar. Faça as malas, querida. Vamos passar o fim de semana fora.* — Houve um momento de silêncio antes de ele continuar. — *Você queria um desafio, Thais, uma prova de que eu realmente quero ficar com você. Aí está sua prova.*

Ele falava baixo, a voz praticamente um sussurro. De certo, com receio de ser ouvido, embora fosse possível ouvir a voz de *Frank Sinatra* ao fundo.

— *Se você realmente quer ficar comigo, por que não se separa logo dessa velha e me assume de vez?*

— *Não seja ingênua, querida. Você sabe que não posso fazer isso agora, não quando a presidência da empresa está em jogo. Não seria nada bom para meus negócios se eu me divorciasse de Helena pra ficar com você. Certamente poria tudo a perder, e tenho certeza de que você prefere um homem que não seja apenas engenheiro, mas o presidente de uma das maiores empresas de engenharia do país.*

— *Eu te aceitaria de todas as maneiras, Marcos!*

Ele soltou uma gargalhada macabra.

— *Thais, não me subestime. Nós dois sabemos que isso não é verdade, aliás, eu ficaria profundamente decepcionado se fosse.*

Silêncio.

— *Tudo ao seu tempo, querida. Por enquanto, faça as malas! E leve biquíni! Te vejo daqui a pouco no escritório.*

Lucca olhou a tela à frente, sentindo um misto de euforia e raiva. Helena ficaria o final de semana inteiro sem aquele idiota? Como ele podia fazer aquilo com uma mulher como ela? Doce, linda e tão perfeita?

Andou de um lado para o outro. Tinha que contar tudo a ela. Precisava! Helena merecia saber quem era seu marido e a vagabunda de sua secretária, mas como fazer isso?

Helena, roubei a senha do seu Wi-Fi, instalei um espião no celular do imbecil do seu marido, cujo número peguei quando acessei seu aparelho, e descobri que ele vem mantendo um caso com a vigarista de sua secretária.

Balançou a cabeça, decidindo que não seria boa ideia, sentindo a raiva crescer dentro de si cada vez mais. Engoliu o que restava do café e resolveu colocar toda a energia para fora.

— Algumas porradas no saco de pancadas podem ser boa ideia para que eu não faça nenhuma besteira e soque a cara desse filho da puta!

Após vestir short e camiseta pretos, Lucca pegou luvas e a chave, e seguiu para a academia do prédio. Qual foi sua surpresa ao abrir a porta e encontrar Helena e... Marcos!

Ele franziu o cenho ao olhar o homem elegantemente vestido em seu terno caro, abrindo um largo e inevitável sorriso ao ver a mulher que tanto desejava em um vestido branco simples, cabelos soltos com seus cachos caídos por seus ombros. Ela pareceu feliz por vê-lo ali, e um pouco espantada também. Ou seria impressão sua?

— Bom dia, Helena! Fazendo muita arte?

Cerrou os olhos e ela quase engasgou. Lucca, por sua vez, agiu da forma mais natural possível. Ela olhou de soslaio para o marido que mexia em seu telefone como se eles não existissem.

— Produzindo bastante.

Ele lhe devolveu um lindo e sincero sorriso, e o coração dela se aqueceu. O elevador chegou e Lucca abriu a porta para ela, entrando em seguida e ignorando Marcos solenemente.

— Está um lindo dia de sol.

Lucca comentou, enquanto entrava no cubículo e Marcos tentava segurar a porta para entrar. Helena estava lívida, Lucca agia como se somente os dois estivessem ali, e esta constatação a fez lembrar-se do dia em que ficaram presos lá dentro.

Humm...

— Parece ser um ótimo dia para pintar.

O garoto continuou, interrompendo seus devaneios insanos.

— Todos os dias são ótimos para pintar — retrucou, batendo seus longos cílios e ele deu uma piscadinha que a deixou em maus lençóis. Pigarreou. — Inclusive estou saindo pra comprar algumas tintas.

O sorriso dele ficou mais largo.

— Vejo que teremos novas telas por aí.

— Certamente.

O elevador chegou ao play e ele saiu, despedindo-se de Helena. Quando a porta fechou, a voz gélida de Marcos soou fria como o aço.

— Quem é este moleque? É amigo de escola do Rodrigo? — perguntou sarcástico e Helena deu de ombros.

— Não sei se ele conhece o Rodrigo.

— Só faltou te chamar de tia!

O queixo dela caiu e Marcos abriu a porta, saindo do elevador rumo à garagem, enquanto ela seguiu para o térreo em silêncio.

Helena comprou tintas das mais variadas cores, argilas e passou o restante do dia trabalhando em seu ateliê. Lucca, por sua vez, após as atividades físicas, trabalhou em casa: delegou tarefas, participou de teleconferências e fechou mais dois bons contratos. Em sua mesa de trabalho havia alguns monitores de última geração, em um deles, o “espelho” do celular de Marcos que ele monitorou durante todo o dia.

A informação de que ele passaria o fim de semana fora não parava de martelar sua cabeça, ainda que estivesse cercado de trabalho a fazer. Lucca não conseguia deixar de pensar na possibilidade de ficar sozinho com Helena e, quem sabe, conquistá-la de vez. Sim, ele iria conquistá-la, era só questão de tempo. O problema é que não queria mais esperar, afinal, há quanto tempo a cobiçava?

Olhou o relógio de pulso que marcava seis e meia da noite. O que Helena estaria fazendo? Em casa? E seu filho? Ora, era noite de sexta-feira e garotos não ficam em casa. Mas ele estava em casa, não é mesmo?

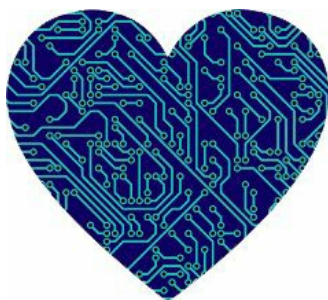
— Não sou apenas um garoto — rosnou para si mesmo, tenso, olhando o monitor mais uma vez. — Foda-se!

Com um movimento brusco, acessou as imagens do circuito interno, retrocedendo-as até vê-la entrar no edifício com algumas sacolas. Involuntariamente seus lábios se esticaram num sorriso ao lembrar-se do dia do temporal quando a viu no portão do prédio lutando para pegar a chave, enquanto tentava equilibrar as bolsas em suas mãos.

Assim que a viu entrar no elevador, olhou para o quadro que expunha seu andar, vendo a porta se abrir instantes depois e Helena entrar em casa. Concentrado, verificou as imagens e não constatou nenhuma movimentação. Helena não saiu, nem seu filho havia chegado até aquele momento.

O garoto tomou uma decisão: Helena seria sua e o seria naquela noite, nem que tivesse que jogar alto para isso. Recostou-se na cadeira, soltando um longo e profundo suspiro.

— Quando a noite chegar.





07. QUANDO A NOITE CHEGAR

Eram oito horas da noite quando Helena saiu do banho e vestiu um short jeans e camiseta branca. Penteou o cabelo, calçou chinelos e andou sem rumo pela casa. Estava sozinha como há muito tempo não ficava. O que faria? Talvez pedir comida chinesa? Não, aquilo era romântico demais e ela estava só.

Rodrigo ligou assim que chegou a Búzios para dizer que estava tudo bem, deixando Helena mais tranquila. Marcos não deu sinal de vida e inacreditavelmente ela não se importou com isso.

Seguiu para a sala e decidiu que, independente de estar sozinha, beberia vinho. Optou por um bom francês, abrindo-o sem qualquer cerimônia, enchendo a taça e caminhando à varanda. Fechou os olhos, sentindo a brisa em seu rosto acariciando-lhe a pele.

— Noite quente!

Helena manteve os olhos fechados por instantes, absorvendo aquele som, deixando que a voz rouca e grave penetrasse seus ouvidos. Deu um pequeno sorriso antes de abri-los.

— Sim, noite quente — respondeu, suspirando ao ver o vizinho na varanda ao lado.

Vestido em um short verde e camiseta clara, em contraste com sua pele bronzeada pelo sol, o garoto era o verdadeiro “pedaço de mau caminho”. Ele a olhou sedutoramente, antes de cravar os olhos em seu corpo sem nenhum

pudor. À medida que a olhava Helena se sentia nua, como se ele a despisse. Seus olhos pousaram na taça em suas mãos e, mais uma vez, em seus olhos.

— Excelente pedida — disse com voz rouca e ela arfou.

— Sim, este vinho é delicioso.

— Não me referi ao vinho. — Ela quase engasgou, e Lucca movimentou a mão em sua direção. — Você deveria usar short mais vezes, Helena.

Ela corou, reparando o pequeno pano de prato que ele segurava. Bom motivo para mudar de assunto.

— Você está cozinhando? — indagou, inalando o cheiro delicioso que vinha no ar e Lucca deu de ombros.

— Novo experimento. Aliás... — Olhou-a, mais uma vez, daquele jeito desconcertante, cerrando os olhos e molhando os lábios. — Acabei de encontrar minha cobaia.

Helena sentiu uma pressão em seu ventre.

— Será que você poderia me ajudar?

— Ajudar? — perguntou surpresa.

— Como eu disse, é um novo experimento.

Divertida, ela levou a taça à boca bebendo um longo gole do vinho, sentindo a mistura das uvas e o rascante delicioso na boca.

— Esta é sua forma de me convidar para jantar?

Céus! Ela perguntou mesmo isso?

Lucca a olhou ardentemente. Com um sorriso sedutor, pôs o pano de prato no ombro, apoiando-se na varanda.

— Só se você aceitar.

Helena o olhou por instantes quando um momento de lucidez a invadiu: aquele garoto tinha idade para ser seu filho! *Só faltou te chamar de tia!* A voz fria e calculista de Marcos ecoou em sua mente, mas ela não se deu por vencida.

Marcos não está aqui agora! Pensou.

— Seu experimento combina com vinho?

O sorriso dele ficou mais largo.

— Vou abrir a porta pra você.

Helena o viu desaparecer e correu para a sala, pegando a garrafa. Olhou para si mesma, decidindo que não poderia ir de chinelos. Largou tudo em cima da mesa e voou até o quarto, calçando uma sapatilha dourada. Correu à porta, mas voltou rapidamente, olhando-se no espelho. Não estava maquiada. Como poderia ir a um encontro de cara lavada? Mas aquilo era um encontro? Perguntou-se confusa.

— Helena, você vai à casa dele, porra! Como não é um encontro?

Balançou a cabeça. Não queria pensar, teorizar. Lucca deveria estar na porta esperando por ela. Olhou-se no espelho mais uma vez, dando leves batidas no rosto, beliscando as bochechas para ativar a circulação e ficar levemente corada.

— Um *gloss* pelo menos! — exclamou, pegando um de tom nude.

Arrumou os cachos como pôde, e deu algumas borrifadas de seu habitual perfume, antes de retornar à sala. Levou a taça à boca virando todo o conteúdo de uma vez, sentindo-se ligeiramente tonta. Pegou a garrafa, chave de casa e abriu a porta.

Lucca estava encostado no batente com os braços cruzados à frente do corpo e Helena tremeu ao vê-lo tão perto. A voz suave de Leila Pinheiro vinha de dentro do apartamento, como se lhe desse boas vindas, com a canção “Coisas do Brasil”.

O garoto deu um sorriso torto, afastando-se para lhe dar passagem.

— Seja bem-vinda à minha casa — saudou indicando para que entrasse.

*Foi tão bom te conhecer,
tão fácil te querer
Triste não te ver por tanto tempo
É bom te encontrar, quem sabe feliz
Com a mesma alegria...*

Por dentro, Lucca sorria. A letra traduzia exatamente tudo que ele sentia naquele momento. Finalmente estavam ali.

Sozinhos.

Helena contemplou o apartamento, que era como o seu: enorme. A decoração, no entanto, era máscula. Na sala, a mistura do cinza com o marrom dava um tom sóbrio e ao mesmo tempo, aconchegante. Como a sua, também era dividida em dois ambientes: o de estar e o de jantar. No primeiro, Helena viu o grande e confortável sofá cinza em “L” e um grande monitor de

TV perfeitamente encaixado em um grande módulo com algumas peças de arte e porta retratos. Havia várias fotos dele: sozinho na Torre *Eiffel*; com um grande grupo de amigos esquiando na montanha *Matterhorn*, na Suíça; com o Dedo de Deus ao fundo e um simpático casal que ela supôs serem seus pais; e muitas outras. Helena, contudo, não viu foto de nenhuma garota em especial.

— Sinta-se em casa!

Lucca pegou a garrafa de suas mãos, informando que a poria no gelo. Helena sentiu seu toque, e o contato fez com que um choque percorresse todo seu corpo.

Seguiram à cozinha e ela ficou surpresa quando viu que era tão ou mais equipada que a sua. Toda em inox, tinha todos os aparatos necessários para os mais variados banquetes que fariam inveja a qualquer *chef* renomado.

Lucca pegou um elegante balde e acessou o *dispenser* na porta da geladeira para liberar os cubos de gelo, enquanto Helena inalava profundamente, sentindo um aroma delicioso penetrar-lhe as narinas. No fogão estilo *cooktop* havia duas panelas fumegantes.

— O cheiro está divino. Algo que envolva manjerição?

Ele arqueou a sobrancelha.

— Você é boa. Terei sérios problemas se meu experimento não for bom — disse zombeteiro, espalhando o gelo no balde e Helena sorriu, inspirando mais uma vez, antes de dirigir um olhar curioso a ele.

— Gorgonzola? — arriscou e ele assobiou.

— Céus, você realmente é *muito* boa! — exclamou, olhando-a sedutor, e

Helena corou. Seu tom foi dúbio e ela não saberia dizer a que exatamente ele se referia. — Você gosta de lasanha?

Ela não podia acreditar, era seu prato preferido.

— Ótimo! — Deu uma piscadinha, pegando duas taças de cristal e o balde na bancada. — Venha, preciso te mostrar a casa.

Seguiram para a sala e ele deixou o balde na grande mesa de jantar previamente arrumada, antes de despejar o líquido escuro nas taças. Entregando uma a ela, propôs um brinde.

— A esta noite.

Helena engoliu em seco no momento em que uma luz vermelha imaginária se acendeu em sua cabeça, como se fosse um alerta, gritando desesperadamente para que saísse de lá. Ela, contudo, ignorou a mensagem e estendeu sua taça de encontro à dele.

— A esta noite — respondeu batendo seus longos cílios. — E ao seu experimento.

Lucca soltou uma gargalhada que fez sua cabeça cair para trás.

— Estou realmente nervoso. Além de ser seu prato preferido, você reconheceu o manjericão e o gorgonzola de longe!

— São cheiros marcantes. — Deu de ombros. — Gostei da sua sala. Quem são?

Indicou o porta-retratos onde Lucca estava entre o simpático casal, e ele pegou a foto, respondendo que eram seus pais. Helena não pôde deixar de notar o carinho a que se referiu a eles.

A foto, tirada no Dedo de Deus, na região Serrana do Rio de Janeiro, revelava o céu azul de brigadeiro, o verde da montanha e o lindo garoto sorrindo feliz ao lado dos pais.

— Eles ainda moram em Teresópolis. — Colocou o porta-retratos em seu devido lugar. — Eu saí de lá para cursar a faculdade de Tecnologia da Informação na UFRJ.

— Sou formada pela UFRJ.

— Sim. Belas Artes. — Ela piscou, surpresa por ele se lembrar. — Imagine se fôssemos colegas de faculdade?

Divertida, Helena quase engasgou com a bebida.

— Garoto, quando eu estava na faculdade você nem era nascido! — Lucca franziu o cenho. Não gostava quando ela ressaltava a diferença de idade entre eles. — Você está em qual período?

Ele a olhou por um momento, antes de responder que era formado há dois anos. O queixo dela caiu, mas antes que fizesse qualquer comentário, Lucca a pegou pela mão, conduzindo-a pela casa.

— Aqui é meu escritório.

Helena olhou o espaçoso ambiente, lembrando-se de seu ateliê. Ali também era claro e arejado, entretanto, com uma decoração completamente diferente. Havia uma grande estante repleta de livros dos mais variados gêneros e títulos, uma grande TV de LED e uma enorme mesa com alguns monitores de computador, teclados, mouses e outros tipos de parafernálias eletrônicas que para ela pareceram ser de última geração.

— Nossa! Como você consegue operar tudo isso? — perguntou, divertindo-o.

Enquanto ligava um dos monitores, Lucca explicou que cada um tinha uma função específica. Helena olhou curiosa para a tela, piscando algumas vezes quando reconheceu a portaria de seu próprio prédio.

— A especialidade da minha empresa é segurança. A do nosso edifício, por exemplo.

— Da sua empresa? — indagou admirada e ele assentiu, apontando a tela à frente que mostrava vários quadros de imagens.

— Aqui está a portaria, as áreas comuns do edifício, os andares... Tudo devidamente monitorado e assegurado. Por mim, é claro.

Helena estreitou os olhos, mordendo o lábio.

— Quer dizer que se eu der um tchauzinho para a câmera você vai ver?

Lucca olhou-a ardentemente.

— Vou ver e gostarei bastante se você fizer isso, Helena.

Ela corou. Ele desligou o monitor, pegando em sua mão mais uma vez. Helena estava ligeiramente tonta. Seria o vinho? Ou o efeito daquele garoto que tinha idade para ser seu filho, mas que tinha uma empresa que cuidava de toda a segurança de seu prédio?

— Transformei o terceiro quarto em um de hóspedes e é aqui que meus pais dormem quando vêm me visitar.

Helena não prestou muita atenção no cômodo, olhando Lucca com

ternura. Era impossível não perceber o carinho e o amor em sua voz ao se referir a eles. Lucca seguiu pelo corredor, detendo-se rapidamente no banheiro social limpo, claro e arejado, antes de abrir a última porta. Ela sentiu o coração bater acelerado, como se fosse saltar do peito, quando o cômodo foi revelado.

— Meu quarto. Seja bem-vinda.

Ela engoliu em seco, olhando o ambiente estranhamente acolhedor. A decoração em cinza e preto dava um tom másculo e peculiar. De um lado, o armário cromado; do outro, um grande móvel do mesmo tom onde pendiam a grande TV, alguns porta-retratos e pequenas esculturas psicodélicas que provocaram um sorriso em Helena. A grande cama *box* estava no centro do quarto, com macios lençóis de seda negra.

— Aconchegante.

— Bom que gostou — respondeu bebendo o vinho. — Vamos, preciso ver como anda meu experimento. Você deve estar faminta.

Caminharam de volta à sala e mesmo com a insistência de Lucca para que Helena ficasse ali, ela quis acompanhá-lo à cozinha.

— E perder a oportunidade de descobrir os segredos de seu *experimento*, mocinho? Jamais! Além disso, vai que precise de ajuda? — rebateu zombeteira.

O que Helena não sabia era que a última coisa que Lucca precisava quando estava na cozinha era de ajuda. Após pedir a ela que se sentasse na grande bancada cromada, pôs o balde com o vinho à sua frente e pegou uma elegante tábua de madeira para cortar alguns queijos: gorgonzola, parmesão, gouda, roquefort, grana padano, dentre outras delícias. Ao terminar, entregou

a ela com um sorriso travesso.

— Divirta-se!

Deu uma piscadinha e seguiu para o lado oposto do cômodo. Pegando algumas travessas em inox, continuou a falar.

— Não há mistério nesta receita. É considerado um prato simples até, mas acredite em mim, ficará delicioso.

Outra piscadinha e Helena já começava a sentir os efeitos delas. Seria o momento de parar o vinho?

Lucca ligou o fogo e despejou os pedaços do Gorgonzola que havia reservado, na panela.

— É preciso mexer o molho o tempo todo para que não grude.

Animada, Helena levantou-se rapidamente, caminhando até ele e pegando a colher de pau de sua mão.

— Ei! Você é minha convidada, não deveria fazer o jantar!

— É divertido!

Deu de ombros, pensando que estar ali com ele aprendendo uma receita nova era infinitamente mais instigante do que qualquer programa de culinária ao que pudesse assistir. Ele abriu um largo sorriso, pegando outra panela para despejar o molho feito com tomates frescos.

— É preciso trabalhar nos dois molhos simultaneamente.

Helena arqueou a sobrancelha, divertida.

— E você seria capaz de dar conta destas duas panelas ao mesmo tempo?

Lucca levou a língua aos lábios antes de prendê-la nos dentes.

— Você se surpreenderia com minha capacidade de dar conta de várias coisas ao mesmo tempo, Helena.

Ela revirou os olhos e ele sorriu mais uma vez. Conversaram sobre amenidades enquanto mexiam os molhos: ela, o branco e ele, o vermelho; e, cada vez mais, ele parecia agradável e irresistível. Lucca retirou a massa da água quente e começou a montar a lasanha numa travessa de vidro.

— Agora você intercala os molhos: primeiro o vermelho, depois o branco, terminando sempre com o gorgonzola, que derreterá em cima do de tomate.

— Hummm...

Helena molhou os lábios. O cheiro estava realmente divino. Ela o observou enquanto ele montava o prato. Embora fosse uma tarefa simples, estava compenetrado e ela se lembrou da tarde chuvosa em que ficaram presos no elevador, em como ele se concentrou para consertar seu celular, e também no momento em que tentou fazer o elevador voltar a funcionar. Embora fosse muito novo, era um garoto responsável. Impressionante que já fosse formado e tivesse sua própria empresa!

De fato, Lucca aparentava mais idade da que realmente tinha.

Helena observou seus movimentos precisos, o cuidado ao regar a massa e espalhar o molho. O movimento lembrou-lhe uma carícia, e subitamente foi tomada pelo desejo de também ser acariciada por ele. Desejou que suas belas

mãos lhe tocassem as coxas, na altura da virilha, apertando sua pele e roçando o dedo em seu sexo. No que estava pensando?

Dane-se em que estou pensando! Virou o restante da bebida, seguindo à bancada para pegar mais.

— Preciso buscar outra garrafa... — disse sem jeito. Acabara praticamente sozinha com o vinho.

Lucca deu de ombros.

— Não se preocupe, há uma pequena adega ali. — Movimentou a cabeça indicando parte da grande área de serviço. — Fique à vontade e escolha o que quiser.

Um pouco tonta, ela seguiu em direção ao pequeno paraíso, encontrando certa dificuldade para escolher o rótulo certo. Havia de tudo um pouco: vinhos chilenos, portugueses, franceses, italianos, além dos nacionais.

Helena levou algum tempo por ali e não percebeu quando ele se aproximou. Lucca precisou de grande autocontrole ao ver a mulher que tanto desejava curvada, procurando pela garrafa certa. Seu traseiro empinado para o alto no pequeno short aguçou seus pensamentos e ele desejou desesperadamente tomá-la em seus braços e deitá-la ali mesmo. Balançou a cabeça e ajeitou o short, tentando disfarçar a eminente ereção.

— Precisando de ajuda? — Helena deu um pulo ao ouvir a voz rouca atrás de si. — Desculpe, não quis assustá-la, embora seja a segunda vez que faço isso esta noite.

— Não sei o que escolher.

Ele deu um sorriso torto, ficando à sua frente, rente ao seu corpo. Olhou-a por instantes, contemplando-a fascinado, aproximando-se dela, a boca muito próxima da sua. Imprensada contra as garrafas, Helena sentiu-se tonta e parou de respirar. O garoto que tinha idade para ser seu filho iria beijá-la e não havia nada mais que ela desejasse naquele momento.

Céus! Ele vai me beijar!

Lucca, porém, não a beijou. Aproximou-se apenas para apanhar a garrafa certa, esticando a mão para pegá-la.

— *Château Margaux*, direto da região de *Bordeaux*, na França — disse apresentando o vinho, deixando-a desnorteada. — Excelente combinação para meu experimento.

Lucca pegou Helena pela mão, conduzindo-a de volta. Ele podia ser apenas um garoto, mas de ingênuo, não tinha nada! É claro que percebeu sua desestabilidade emocional; ele mesmo precisou se conter para não perder a sanidade e beijá-la como há tempos desejava.

Após colocar a garrafa no balde e levá-lo para a sala, onde a voz melódica de Caetano Veloso tocava, voltou à cozinha. Sentada à mesa, Helena refletiu. O que estava acontecendo com ela? Será que havia bebido além da conta? Será que deveria parar? Ir embora? Assustou-se quando percebeu que não queria sair dali, e sim ficar com aquele garoto que, embora fosse novo, parecia ditar o ritmo das coisas.

Lucca retornou com os pratos lindamente decorados e apetitosos, deixando-os à mesa elegantemente arrumada. Ela inspirou profundamente sentindo o aroma sedutor, uma mistura de gorgonzola, manjerição e especiarias. De frente para ela, o garoto abriu o vinho e propôs outro brinde.

— Às lindas mulheres que usam shorts.

Ela gargalhou e ele a olhou profundamente. *Como é linda! Estupidamente linda!* Não conseguiu deixar de pensar.

— *Bon appétit!* — saudou em francês e ela respondeu a altura.

— *Merci.*

Helena deu a primeira garfada, mastigando calmamente, sentindo o sabor preencher-lhe a boca: dentes, língua, gengivas, palato, antes de descer pela garganta. Passou a língua nos lábios, antes de soltar um gemido e dizer o quanto estava divino.

Aquele, conforme Lucca dissera, era um prato simples, não havia nenhum grau de dificuldade, mistério ou sequer riqueza de detalhes. Contudo, naquele momento, percebeu que segurava o ar, como se estivesse passando por alguma prova importante. De fato, a aprovação de Helena valia mais que a de qualquer *chef* renomado.

Ela deu mais uma garfada, antes de pegar sua taça e propor mais um brinde.

Aos garotos sexies e seus experimentos deliciosos! Pigarreou.

— Ao seu delicioso experimento! E que eu continue sendo sua cobaia para os próximos.

Ele a olhou surpreso, enquanto ela bebia mais um gole da bebida se perguntando se deveria achar graça de seus ousados pensamentos ou amaldiçoar sua total falta de coragem para externalizá-los.

Durante o jantar, conversaram sobre vários assuntos, a arte de Helena e

o trabalho de Lucca principalmente.

— Conte-me sobre você. O que está produzindo agora? — pediu realmente interessado.

Helena pegou a taça e bebeu um gole generoso do vinho, que era melhor do que havia trazido. Ela contou sobre sua arte e a tela em que pintara a Lagoa Rodrigo de Freitas, suas esculturas e outros trabalhos. Omitiu, é claro, a que estava trabalhando no momento, e que envolvia um certo garoto extremamente sedutor, que fazia lasanhas deliciosas e vinha ocupando seus pensamentos.

— Eu gostaria de conhecer seu ateliê.

— Que tal amanhã? — respondeu de supetão, deixando Lucca surpreso. A evolução estava melhor do que esperava.

— Marcado.

Ela enrubesceu perante seu olhar penetrante e numa tentativa de disfarçar seu ligeiro desconforto, apontou para os cordões em seu pescoço.

— Algum significado em especial ou são todos aleatórios?

— Nada neste mundo é aleatório, Helena — rebateu enigmático e ela engoliu em seco. Por Deus! O olhar do garoto ardia!

Após beber um gole da bebida, ele deixou a taça em cima da mesa, pegando um dos cordões, cujo pingente era uma cruz.

— Foi um presente da minha mãe. Segundo ela, é para me proteger.

— Se sua mãe disse, acredite nela!

Ambos riram e Lucca pegou outro cordão.

— Este escapulário de prata eu trouxe do Vaticano — calou-se por instantes, contemplando o objeto. — Foi uma viagem mágica.

Sem dar-se conta, Helena apoiou os cotovelos na mesa, atenta ao garoto. Ou seria fascinada?

— Está vendo esta medalha? É a metade de uma asa — revelou pensativo.

— E onde está a outra metade?

— No céu. — Helena piscou e ele concluiu, acariciando o pingente. — Ganhei este cordão da minha avó e quando ela foi embora, eu quebrei uma parte da asa e deixei com ela.

Lucca soltou o cordão e comeu um pedaço da lasanha, antes de concluir.

— Todos temos um anjo que nos protege no céu, não é?

— Eu sinto muito — respondeu mesmo ele não parecendo triste, e Lucca deu de ombros.

— Está tudo bem, foi melhor pra ela. Pelo menos ela realizou seu sonho de ver o Papa, antes de partir.

Deu uma piscadinha e Helena entendeu perfeitamente a que ele se referiu anteriormente, quando falou sobre a viagem ao Vaticano. Levou um pedaço da lasanha à boca e, resolvendo mudar de assunto, pediu que ele falasse sobre seu trabalho. Lucca contou sobre o período de formação na UFRJ e da criação do jogo que lhe rendeu fortuna.

— Eu poderia ter feito o que qualquer garoto irresponsável da minha idade talvez fizesse: torrado o dinheiro com os melhores carros e mulheres, mas preferi quitar a casa de meus pais em Teresópolis e fazer uma especialização na França depois que me formei.

Helena pegou a taça mais uma vez, encantada com o que ouvia. Não parecia que estava conversando com um garoto de vinte e poucos anos. Lucca continuou.

— Eu sempre gostei de cozinhar e durante o tempo em que fiquei lá aproveitei as horas vagas para fazer um curso de gastronomia.

— Hum... E esta receita é de lá — concluiu e ele a olhou incrédulo.

— Você está brincando? Esta receita é da dona Cristiane! — Ela piscou e ele continuou. — Minha mãe. Foi assim que ela conquistou meu velho: pelo estômago.

— Ah...

— Depois da especialização, voltei para o Brasil, fundei a LS Cop. e comprei este apartamento. A base da empresa está aqui no Rio, mas há filiais em outros estados. — Ela o olhou surpresa e ele deu de ombros, pegando sua taça. — Não é só no Rio de Janeiro que eu atuo, Helena.

Ela pareceu realmente surpresa.

— Tão novo e, ao mesmo tempo... — Perdida, movimentou as mãos procurando a forma correta para continuar. — Pensei que você morasse com seus pais e fizesse faculdade, no entanto, você é um garoto formado que criou um jogo milionário, morou na França e possui uma empresa de Tecnologia da Informação especializada em segurança.

Ele pareceu se divertir.

— Quer dizer que você pensou que eu ainda morasse com meus pais? — Helena assentiu sem perceber que o entretia. — Quantos anos você acha que eu tenho?

Olhou-a profundamente, e ficaram presos nos olhos do outro. Ela engoliu em seco, perante seu olhar. Resolvendo fugir dele, pegou o garfo, levando um pedaço generoso da lasanha à boca.

— A idade do Rodrigo, 26.

Ele esperou tranquilamente ela terminar de mastigar.

— Tenho 24, Helena.

— VINTE E QUATRO??? — exclamou pálida. — Você é mais *novo* que meu filho?

Ela não podia acreditar! Aquilo, entretanto, pareceu não o atingir.

— Que diferença faz dois anos?

Ele poderia ter razão neste ponto. A questão, porém, não era a diferença de dois anos, mas a diferença de idade *deles* que fazia com que dois anos pesassem muito. Além disso, o fato de ele ser mais *novo* que seu filho era outro fator de peso. Helena não podia acreditar que estava se sentindo atraída por um garoto que era vinte e um anos mais *novo* que ela. Onde estava com a cabeça?

Só faltou te chamar de tia! A voz de Marcos marretou sua cabeça num golpe quase fatal, e Lucca percebeu que havia algo errado. Helena estava em conflito, mas ele não podia, jamais, voltar à estaca zero.

— Não me diga que eu pareço um garoto de 24 anos...

— Não! Claro que não! — respondeu rapidamente. — Quer dizer...

Ela estava confusa.

A voz de Caetano Veloso ecoou pela sala cantando “Você é linda”, no momento em que Helena pegou a taça.

— Essa música faz com que eu me lembre de você.

Ela engasgou com o vinho, pegando o guardanapo rapidamente para limpar a boca.

— Muita gentileza sua.

— Não é gentileza, é verdade. Você é linda, Helena!

*Você é linda mais que demais
você é linda sim!
Onda do mar do amor que bateu em mim.*

— Linda! Incrivelmente linda.

— Por favor, pare com isso! — pediu nervosa.

— Com o que exatamente? De dizer aquilo que você já sabe, mas insiste em fingir não saber? Que você é linda, estupidamente linda?

*Você é forte
dentes e músculos*

*peitos e lábios.
Você é forte
letras e músicas
todas as músicas
que ainda hei de ouvir.*

— Você não deveria dizer essas coisas pra mim, garoto! Você tem idade para ser meu filho!

— Eu não sou seu filho, Helena! — rebateu ríspido.

— Eu tenho 45 anos!

— E daí???

Ela abriu a boca, chocada. Seu tom era seco e realmente não parecia um garoto, mas um homem decidido a conquistar a mulher que desejava.

— Preciso ir embora — sussurrou.

Ele a olhou seriamente.

— É isso que deseja? — perguntou sem tirar os olhos dos dela. — Responda. É realmente isso que você quer? Ir embora?

Helena abriu a boca em busca de ar. Vivia um conflito interno que rasgava sua alma. É claro que não queria ir embora, mas se jogar nos braços daquele homem à sua frente. Sim, naquele momento (como em muitos outros) ele parecia um verdadeiro homem, e não um garoto. A realidade, porém, era outra, e ela sabia das terríveis consequências que sofreria caso optasse por fazer o que realmente desejava.

Será que Helena estava fadada a sempre abrir mão daquilo que mais desejava? Seria esta sua sina?

Com muita calma, pôs o guardanapo de linho que ainda apertava em seus dedos, na mesa, antes de se levantar.

— Preciso ir embora — repetiu.

— Precisa ou quer? São coisas diferentes.

Céus! Apoiou-se na mesa, olhando-o assustada. Lucca via o seu conflito e tudo o que mais desejava era abraçá-la, beijá-la e dizer-lhe para não ter medo. No fundo, ele sabia que ela o desejava, mas que lutava contra este sentimento, diferente dele que escolheu *lutar por* isso.

— Obrigada pelo jantar.

Helena caminhou até a porta e Lucca a acompanhou, detendo-se ao tocar o aço frio da maçaneta. Contemplando-a, disse com voz rouca.

— Fique, por favor, não quero que vá embora.

Ela arfou, sentindo as pernas bambearem. Ele a olhava intensamente e seus olhos azuis ardiam.

*Coisa linda
é mais que uma ideia louca
ver-te ao alcance da boca
eu nem posso acreditar.*

Caetano Veloso “resolveu” dar voz mais uma vez para cantar “Lindeza”. Seria algum complô contra ela? Os olhos dele seguiram para sua boca e ela molhou os lábios antes de inspirar e aspirar aceleradamente, totalmente fora de ritmo. Ele posicionou as mãos no batente, deixando-a no meio, ficando

rente ao seu rosto.

*Coisa linda
desejar-te desde sempre
ter-te agora
um dia é sempre
uma alegria pra sempre.*

Sem nada dizer, Lucca roçou o nariz em seu rosto, sentindo sua pele, inalando seu perfume doce e sedutor. Helena pensou em pedir para que parasse, contudo, não teve forças. *Nem vontade*. Ele acariciou seu cabelo, inalando também naquele lugar, pensando no quanto ela cheirava bem, e no quanto sonhou em estar ali.

Por puro instinto, Helena o enlaçou pela cintura, sentindo os músculos de suas costas definidas, apertando-o, fazendo com que ele gemesse em resposta. Imediatamente ela sentiu sua ereção e foi como se uma descarga elétrica atravessasse seu corpo.

Lucca ainda passava o nariz em sua pele, olhos fechados, acariciando-a. Abrindo a boca, deu leves mordidas em seu queixo, passando a língua, antes de soprá-lo, repetindo o processo em seu pescoço e ombro.

— Você tem certeza de que quer ir embora, Helena? — indagou rude; ela, contudo, não conseguiu ter qualquer reação.

Ele imprensou seu corpo contra a parede, forçando mais ainda a ereção contra ela. Apertou sua nuca, o brilho azul invadindo sua alma.

— Responda!

Ela queria lhe dizer que, embora não devesse, o desejava; e que a última coisa em que pensava era sair dali. Se pudesse parar o tempo e permitir que aquele momento durasse para sempre, ela o faria. Entretanto, as palavras não saíram, por mais que tentasse. Ela olhou o garoto à sua frente que era mais novo que seu filho, porém, infinitamente mais homem do que o seu marido havia sido durante todos aqueles anos.

Olhou sua boca, seus lábios carnudos e dentes perfeitos, aqueles dentes que segundos antes cravaram em sua pele, causando sensações que há muito tempo não sentia. Helena deteve-se em seu olhar mais uma vez, numa súplica desesperada, seu silêncio dizendo “Beije-me! Por favor, me beije!”.

Lucca podia ser um garoto, mas sabia exatamente como atender aos desejos de uma mulher, e sem esperar por mais nada, seus lábios tocaram os dela e ele a beijou.

Ardentemente.

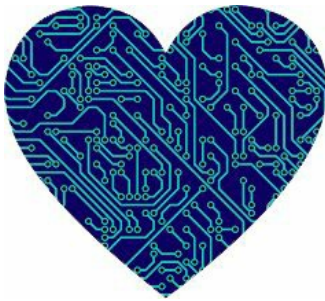
Helena sentiu a língua em todos os cantos de sua boca, dançando dentro dela, devorando-a como se sua vida dependesse daquilo. Ele a apertava, acariciava, e ela sentiu a ereção, que parecia explodir. Ela o apertou contra o corpo, pois também o desejava. Mais que isso, desejava que ele estivesse dentro dela. Numa fúria desenfreada, arrancou sua camisa e ele interrompeu o beijo somente para passá-la por cima da cabeça, enquanto ela se livrava da camiseta, e no momento em que tocou no botão de seu short, a mão a impediu.

— Deixe que eu tiro!

Lucca pediu com voz rouca, levando a mão dela à boca, beijando os nós de seus dedos, lambendo o indicador de forma sexy.

Ele varreu seu rosto, beijando-a mais uma vez, engolindo-a de forma desesperada e insana. Há quanto tempo sonhara com aquele beijo? Há quanto tempo desejava aquela mulher? E ela estava ali, na sua frente, e diferente dos muitos garotos de sua idade, Lucca não queria que fosse rápido, pelo contrário! Queria saboreá-la, degustá-la.

Demoradamente.





08. O GAROTO

Lucca tocou seu rosto mais uma vez, olhando-a profundamente. Parecia inacreditável estar com aquela mulher em seus braços, em seu apartamento, prestes a tê-la por completo como sempre desejou desde o primeiro momento em que a viu.

Ele levou a língua ao seu queixo, rodeando-o, antes de morder levemente sua pele, invadindo sua boca com fúria novamente. Projetou o quadril para frente como se pudesse entrar nela de uma vez, com movimentos rápidos e brutos. Helena sentiu sua ereção e agarrou suas costas, apertando-o contra seu corpo. O sentimento ultrapassava as fronteiras do desejo, embora nenhum dos dois tivesse conhecimento disso.

Ele apertou sua nuca, descendo pela base do pescoço, mantendo a mão ali. O azul profundo dos seus olhos a encarou e Helena viu desejo, luxúria e... carinho. Mas onde estava com a cabeça? Aquilo era só sexo e não havia chance de ter qualquer sentimento envolvido, por menor que fosse.

Sem nada dizer ou sequer romper a conexão que havia se formado entre eles, Lucca a pegou no colo e caminhou pela casa. Helena viu a cozinha bem equipada, o cheiro da iguaria preparada se espalhando pelo ar; seu escritório e a mesa repleta de parafernálias eletrônicas as quais não entendia; o quarto que com tanto carinho reservou aos pais; o banheiro social impecavelmente limpo e arrumado; entendendo, finalmente, aonde ele a levava.

Lucca entrou em seu quarto, deixando-a em pé em frente à cama. Olhou-a mais uma vez, acariciando seu rosto com as costas da mão, antes de beijá-la

ternamente. Mordendo seu queixo, desceu por seu pescoço, fazendo-a mergulhar num mar de sensações.

Com um sorriso sacana, tirou seu short, soltando um gemido ao ver a calcinha branca que, embora fosse rendada, era simples.

— Se eu soubesse que... — Nervosa, Helena tentou formular a frase, sem sucesso. — Quer dizer, eu poderia ter colocado uma *lingerie* mais sexy...

Sentiu o indicador em seus lábios.

— Shh... Você está perfeita, Helena, aliás, você é perfeita! — sussurrou olhando-a ardentemente e ela tremeu.

Ele traçou uma linha fina de sua boca à renda da calcinha, passando entre os seios ainda cobertos pelo sutiã da mesma cor. Enganchou o indicador na calcinha e ajoelhou-se à sua frente, levando o tecido rendado ao chão.

— Caralho!

Hipnotizado, tocou seu sexo, acariciando-o, e Helena fechou os olhos deixando-se levar por ele. Sentiu o calor de seus dedos em sua pele, subindo pela lateral de seu corpo, e a respiração quente em seu rosto. Quando abriu os olhos, sua pulsação se acelerou. Ele estava à sua frente, colado em seu corpo, o azul profundo invadindo sua alma. Perguntou-se o que ele estaria pensando, sem encontrar a resposta.

Com veneração, Lucca abaixou a alça do sutiã, passando-o por seus braços, revelando sua nudez. Imediatamente, o corpo de Helena se retesou quando vários pensamentos inúteis e totalmente desconfortáveis a invadiram.

O que aquele garoto, que era mais novo que seu filho, estaria pensando

naquele momento ao vê-la ali, nua à sua frente? Ela, uma mulher vinte e um anos a mais que ele, passada dos quarenta e, segundo o seu marido, uma *velha*? Precisou controlar a vontade absurda de esconder seu corpo daquele rapaz lindo, atlético, braços fortes, coxas grossas, abdome definido e tudo o mais que sua idade lhe permitia, enquanto ela com seus seios que, embora ainda fossem belos, traziam consigo o peso da idade, a passada de uma gravidez e a força da gravidade que insistia em tentar atuar. Além disso, suas gordurinhas localizadas, celulites, algumas estrias... Por Deus! O que estava fazendo ali com aquele menino que parecia um modelo e certamente só deveria se relacionar com muitas delas e seus corpos perfeitos, magros e siliconados?

— Céus, Helena! — Ele a contemplou com paixão. — Estou enfeitiçado!

Ela pensou em rebater, dizer que aquilo não podia ser verdade, mas não conseguiu. Estava muda, olhando aquele lindo garoto à sua frente que parecia incrivelmente sincero em tudo que dizia e fazia. De fato, realmente parecia enfeitiçado.

Ele a tocou mais uma vez, acariciando-a, antes de pegá-la no colo e levá-la para sua enorme e confortável cama. Os cachos de seu cabelo se confundiram à seda escura e ele desejou imensamente se perder neles. Posicionou-se acima de seu corpo e com uma fome desenfreada, invadiu seu mamilo, passando a língua, provocando calor e uma sensação que há muito tempo Helena não sentia: *prazer*.

De um mamilo ao outro, desceu por sua barriga, beijando, acariciando; sua língua deixando-a à beira da insanidade. Mordeu sua virilha, passando a língua em seguida, e os sons que reverberaram de sua garganta fizeram com

que Helena se sentisse mais poderosa do que qualquer mulher que pudesse julgar ser a mais bela do mundo.

De joelhos, levantou sua perna, traçando uma linha fina com a língua em seu pé, rodeando o dedão antes de chupá-lo. Ela se contorcia na cama a cada movimento, apertando o lençol de seda, deixando-o satisfeito.

— Você gosta disso, Helena? — indagou mordendo sua pele. — Vou enlouquecê-la se fizer assim?

Helena arfou ao sentir os dentes em sua carne e a língua quente do garoto. *Estou enlouquecida faz tempo!* Pensou, sentindo a língua em toda a extensão de sua perna até a virilha novamente.

— Você é estupidamente deliciosa! — disse com voz rouca, apertando suas coxas exatamente do jeito que ela havia imaginado antes, abrindo-as para revelar mais ainda seu sexo. — E agora descobrirei o quanto.

Lucca mergulhou nela com paixão e urgência e Helena se entregou ao prazer como há muito não fazia. Sentiu a língua em cada parte do seu sexo, de baixo para cima e de volta, dentro de si, em seu clitóris. Ela se contorcia, apertando cada vez mais o lençol, gemendo e dizendo palavras desconexas enquanto sentia a fúria do garoto dentro de si.

Lucca a consumia como se sua vida dependesse daquilo, sentindo que, de fato, dependia. Há tempos a desejava, mesmo sabendo o quanto poderia ser errado, mesmo com todas as mais belas mulheres à sua procura. Ele não ligava a mínima, não queria saber de nenhuma delas, pois não havia aquela que fosse tão bela quanto Helena, a única que realmente importava e que o enlouquecia de todas as formas.

Sentiu as mãos em seu cabelo, apertando-o, como se implorasse para ele

mergulhar mais fundo, e foi o que fez. Sua língua a invadiu com mais força, penetrando seu sexo, seu clitóris inchado e foi o ápice para ela, que se perdeu em sua boca, fazendo-o gemer em resposta ao delicioso gosto de sua excitação.

Helena ainda mantinha os olhos fechados tentando recuperar a respiração, quando sentiu o peso em seu corpo e a boca na sua. Lucca a beijou duro, posicionando seus braços acima da cabeça, apertando-os e gemendo em sua boca.

— Deliciosa, Helena! Como você é deliciosa! — sussurrou antes de beijá-la mais uma vez.

Interrompendo o beijo bruscamente, sem aviso, virou-a de bruços, levantando seu quadril, mantendo-a na posição de quatro apoios. Helena lutava para se equilibrar de tão mole que se sentia. Mal raciocinou, sentiu a língua do garoto mais uma vez dentro de si, mergulhando novamente no prazer que ele lhe proporcionava.

Ele a consumiu por longo tempo, passando a língua também em seu traseiro, naquele ponto tão sensível e, por incrível que pudesse parecer, ainda intocável. Helena não protestou, e não o faria ainda que quisesse, pois não teria forças para resistir. Sentiu a língua em suas costas numa linha fina. À medida que lambia, ele soprava e beijava, até chegar à nuca, mordendo com vontade.

— Eu poderia te comer assim... — sussurrou em seu ouvido e ela quase o implorou para que o fizesse. Lucca, contudo, girou seu corpo e Helena sentiu a seda mais uma vez em suas costas. — Mas, tenho outros planos.

Com um sorriso torto, esticou o braço para pegar o preservativo na

gaveta e ela precisou bloquear o pensamento de que não deveria ser a única ali. Que idiotice! É claro que ele tinha uma namorada. Ou, conforme havia pensado antes, várias. E por que se sentiu decepcionada, de repente?

Alheio aos seus pensamentos, Lucca livrou-se do short, revelando a boxer branca.

— Ainda estou vestido e isso não é justo! — disse zombeteiro, interrompendo seus pensamentos ridículos.

Helena sorriu e molhou os lábios ao ver seu membro por dentro da cueca, que não durou mais que um segundo em seu corpo. Ele a tirou, revelando a ereção perfeita, a cabeça inchada, latejando por ela. Sim, ela gostaria de tê-lo em sua boca e foi exatamente o que fez.

Lucca foi pego de surpresa quando Helena trocou de posição, ficando à sua frente e pondo-o inteiro na boca.

— Ah, Helena!

Ele fechou os olhos, sentindo a língua rodear a base, enquanto ela o apertava com sua mão macia, agitando-o. A língua seguiu para a cabeça, onde fez movimentos circulares, dando leves mordidas, provocando nele ruídos e gemidos involuntários.

— Céus! Que boca espetacular! — rosnou tombando a cabeça para trás, tomado pelo prazer.

Embora estivesse no paraíso, Lucca precisaria urgentemente interromper aquilo, se quisesse seguir com o que havia imaginado para aquela noite.

— Helena... — clamou por seu nome, segurando seu cabelo, enrolando-o

em sua mão. — Ah...

Ele precisava manter o foco e o controle da situação. Dessa forma, com muita dificuldade, afastou-a, olhos cravados nela. Sua respiração estava acelerada e ele apertou mais ainda seus cachos, arrancando um gemido dela.

— O que estava tentando fazer? — perguntou sacana.

— Você sabe o que eu estava tentando fazer — respondeu petulante e ele apertou um pouco mais o cabelo em sua mão.

— Sei, mas quero ouvir de você. — Ela arqueou a sobrancelha e grunhiu. — Diga. Diga agora. O que pretendia fazer, Helena?

Ela estava incrivelmente excitada. A ereção de Lucca apertava sua barriga, implorando para ser saciada, enquanto ainda sentia a força da mão em seu cabelo, puxando-o. Incrível que ele não a machucasse, e sim, a *instigasse*.

Helena projetou o corpo para frente, forçando mais ainda o membro em sua pele, e Lucca gemeu. Com a língua, traçou uma linha fina em seus lábios carnudos e deliciosos, sem romper a conexão que ele havia estabelecido entre eles, permitindo se perder por instantes nas profundezas daqueles olhos hipnotizantes.

— O que eu pretendia era fazer você gozar na minha boca, como me fez gozar na sua.

Ele mordeu o lábio com força, fechando os olhos por instantes, gemendo mais uma vez.

— Ah, Helena... Você fará isso! — Com força, puxou-a mais para si,

grudando seu corpo no dela, boca na sua. — Mas, não agora, tenho outros planos em mente.

Lucca a beijou rudemente, apertando-a contra si. Segurou seu rosto com as mãos em forma de concha, antes de subi-las por seu cabelo, apertando-o no alto da cabeça, mordendo seu lábio. Num só movimento, deitou-a novamente na cama, mantendo-se de joelhos à sua frente. Levando o envelope de papel laminado à boca, rasgou-o com os dentes, cuspidando o papel de forma sexy.

— Quero ver você — disse com voz rouca, colocando o preservativo. — E quero que você me veja quando eu me enterrar em você. — *Como há muito tempo sonho em fazer.*

Sem externalizar seus pensamentos, Lucca postou-se acima de seu corpo, olhando-a por instantes. No quarto, apenas o som de suas respirações e o cheiro de suas excitações. O desejo era palpável, cortante no ar. Aos poucos, ele se movimentou, descendo seu corpo, aproximando-se do dela, e Helena o sentiu em sua entrada. Ele parou mais uma vez, olhando-a ardentemente.

— Por favor... — suplicou.

— Por favor?

Ela olhava aquele garoto tão próximo de si, tão *íntimo*. Ele, que de garoto não tinha nada; ele, que estava sendo muito mais homem e muito mais *amante* do que seu marido fora durante toda sua vida.

— Quero você... — embora fosse verdade, não era exatamente o que pretendia dizer naquele momento. Mas, por que o medo de se sentir devassa?

Lucca fechou os olhos por instantes, absorvendo suas palavras, sabendo que guardaria aquele momento para o resto de seus dias.

— Também quero você — disse com sinceridade, olhando-a profundamente, antes de escorregar para dentro dela. — Ah, Helena!

Lucca a penetrou de forma doce e plena, arrancando gemidos dela. Afastou-se um pouco, para então retornar com mais força, mantendo, assim, um ritmo enquanto a beijava e acariciava seu rosto.

— Olhe pra mim — pediu enquanto saía, concluindo ao retornar. — Eu disse que queria que você me visse quando eu me enterrasse em você.

Helena gemeu e ele enterrou com mais força, acelerando os movimentos. Ela arqueou as pernas em resposta, levantando o quadril, arranhando suas costas com as unhas sem se importar se deixaria ou não marcas, mordendo seu ombro, enlouquecendo-o. Ele grunhia e produzia sons em sua garganta que a deixaram, cada vez mais, excitada. O garoto cravou os dentes em seu queixo, desta vez, com mais vontade, antes de invadir sua boca com fúria num beijo rude e urgente, envolvendo seu seio com a mão.

Embriagando-se com seu cheiro inebriante, Helena apertou-o contra si, puxando-o mais, como se pudesse mantê-lo ali por muito tempo. O garoto realmente surpreendeu com seu jeito carinhoso e ardente, com suas palavras certas nos momentos certos. *Um perfeito galanteador!* Ela pensou, percebendo que não ligava para isso, pois, o que realmente importava era o que estava vivendo naquele momento.

Helena estava *se permitindo*.

Lucca traçou uma linha de beijos e mordidas por seu rosto, pescoço, até chegar aos seios, onde os mordeu com vontade, rodeando os mamilos

intumescidos enquanto a penetrava com mais força e rapidez. Helena foi à loucura no momento em que sentiu as contrações dentro de si que a levaram para mais um orgasmo daquela noite.

— Ah...

Ela gemeu, gritou, clamando por seu nome enquanto se perdia em sensações, sentindo uma pontada em seu peito no momento em que viu sua expressão: o azul profundo encarando-a de um jeito como ninguém jamais a olhou antes.

Ele parou os movimentos quando o clímax dela chegou ao fim, acariciando seu rosto mais uma vez, beijando-a com ternura, até o beijo tornar-se mais violento, insano. Acariciou seu rosto e seus olhos se escureceram quando proferiu suas palavras.

— Agora não serei mais gentil. — Ela engoliu em seco. — Ainda assim, você vai gostar.

Num movimento rápido, o garoto saiu de dentro dela, girando seu corpo, mantendo-a de bruços. Segurando com força seu quadril, levantou-a, deixando na posição de quatro apoios como antes. Desta vez, porém, desferiu um forte tapa em seu traseiro e enrolou seus cachos na mão, aproximando-se de seu ouvido.

— Carinhoso e rude. Você terá tudo de mim! — rosnou, antes de penetrá-la mais uma vez.

Uma, duas, três... dez vezes, ele estocou com força, enquanto puxava seu cabelo, trazendo-a para si. Levou a outra mão à sua boca, introduzindo o dedo médio.

— Chupe! Chupe como se fosse o meu pau!

Enlouquecida, fez o que ele pediu, sentindo o dedo molhado em seu seio, enquanto ele brincava com o mamilo endurecido, antes de descer por sua barriga até o clitóris, estimulando-o.

— Ah, Helena, você me enlouquece!

Céus! Preciso manter minha sanidade! Esse garoto é realmente bom!
Pensou, sentindo-o inchar dentro de si, sabendo que ele estava perto.

— Helena... Minha Helena!

Com gemidos e sons desconexos, Lucca foi invadido por ondas de prazer que reverberaram por todo seu corpo num orgasmo forte, intenso e arrebatador, deixando-se cair exausto em cima dela.

Helena também estava exausta. E feliz. Não queria pensar nas consequências de seus atos, queria apenas viver aquele momento em que se sentiu viva, *mulher*.

Com cuidado, Lucca saiu de seu corpo e ela se surpreendeu com a sensação de vazio. Tirou o preservativo, dando um nó, antes de descartá-lo no chão. Helena sorria feito boba, enquanto observava aquele lindo e apaixonante garoto. Posicionando-se ao seu lado, puxou-a de encontro ao peito, mantendo-a ali, aninhando-a, enquanto acariciava o seu cabelo.

— Carinhoso e rude. Gostei disso.

O garoto a olhou de um jeito tão sacana, que Helena pôde jurar que ele começaria tudo de novo. De fato, gostaria disso. Sentiu a mão varrer seu rosto e a boca grudar na sua quando ele a beijou com paixão.

Conversaram trivialidades, como amantes satisfeitos após uma deliciosa noite de sexo. Relaxada, Helena sentiu os olhos pesarem de repente, franzindo o cenho ao dar-se conta de que não poderia dormir ali. Avisou que precisava ir embora e a expressão decepcionada no rosto dele fez seu coração encolher dentro do peito.

— Não quero parecer grosseira, mas não posso dormir na sua casa.

Ela tentou se explicar e Lucca piscou várias vezes, ponderando que, provavelmente, seu filho devesse estar preocupado com ela.

— Rodrigo está em Búzios — disse de supetão e, ao ver o sorriso torto brotando em seu rosto, chegou a se arrepender por instantes.

Apenas por instantes.

— Então você pode dormir aqui comigo! — exclamou ignorando solenemente o fato de ela ser uma mulher casada.

Helena o olhou chocada.

— O que está dizendo?

Lucca passou a mão pela cabeça, nervoso. Sabia que ela estava sozinha naquele fim de semana, mas não podia agir como se soubesse. Por outro lado, não queria falar sobre seu marido, aquele crápula filho da puta que, naquele momento, deveria estar comendo a secretária vagabunda. Ele balançou a cabeça, procurando afastar esses pensamentos, olhando-a com paixão.

— Eu gostaria que ficasse comigo esta noite. — *Esta noite e em todas as outras.* — Por favor, Helena, fique.

Ela não podia acreditar no que estava ouvindo. Seus olhos estavam

arregalados e a respiração descompassada. Jamais pensou que aquele garoto pudesse ter aquele tipo de atitude, pelo contrário! Poderia jurar que ele a mandaria bater a porta antes de sair.

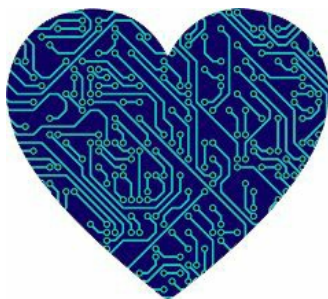
Grande parte dela queria ficar, o que era totalmente preocupante; em contrapartida, outra mais sã gritava para que saísse dali imediatamente, e essa era a questão: não queria mais ser sã e fazer as coisas certas, mas aquilo que a fazia *feliz* e, naquele momento, aquele garoto que agia como se fosse mais velho que ela a fazia feliz. Não havia a menor chance de ela dar ideia à sanidade.

A sanidade que se foda! Pensou, arqueando a sobrancelha.

— Você ronca?

O garoto abriu um largo sorriso, puxando-a para si.

— E você?





09. DECEPÇÃO

— *Arriba, abajo, al centro, adentro!*

Em algum barzinho da famosa Rua das Pedras, em Búzios, Rodrigo e seus amigos viravam mais uma dose de tequila. Ele, contudo, não conseguiu ir até o final.

— Assim não vale, porra! Tem que engolir tudo!

Daniel exclamou e Rodrigo tentou se defender.

— Não consigo cara... Já deu minha cota.

— O Daniel engole tudinho!

Mauricio exclamou orgulhoso, ganhando uma piscadinha do namorado.

— Ah, me poupe dos detalhes vocês dois!

Pedro mandou zombeteiro e Daniel gargalhou, antes de se dirigir a Rodrigo.

— Ouvir dizer que no MP não tem rodada de tequila, então é bom aproveitar enquanto estamos aqui. Parece que lá só tem gente sisuda e malcomida.

Rodrigo revirou os olhos.

— Você está totalmente enganado, cara! Há muita promotora gostosa por lá.

— E eu lá quero saber de promotora gostosa, Pedro?

Daniel ralhou, pegando a garrafa para distribuir outra dose para a mesa.

— Olha, sem querer ser o advogado do diabo, com o perdão do trocadilho, parece que o Rodrigo está pouco ligando para as promotoras gostosonas do MP, pois reza a lenda que ele só tem olhos para a Giselle.

Daniel olhou o namorado, fingindo estar chocado.

— A professora de Direito Penal?

— Pois é, parece que o maior desejo dele é ser preso e algemado por ela.

Todos gargalharam, Rodrigo, contudo, não se pronunciou, na verdade, não ouvia nada. Seus olhos estavam fixos no casal à frente: um homem moreno e uma loira estonteante. Será que realmente havia bebido demais?

— Planeta Terra chamando Rodrigo! Alô!

Daniel estalou os dedos em seu rosto e ele pareceu sair de seu transe.

— Preciso ir ao banheiro. Já volto.

— Sempre saindo pela tangente, não é? Resta saber se está fugindo do assunto “Giselle” ou de outra rodada.

Pedro ralhou, fazendo sinal com as mãos, indicando aspas e todos riram. Rodrigo, contudo, estava longe.

Caminhando com cuidado, seguiu o casal que se misturou à multidão. Era verão e a Região dos Lagos estava lotada naquele fim de semana. Viu quando o casal seguiu em direção a um dos muitos restaurantes disponíveis, sendo aquele romântico demais para seu gosto.

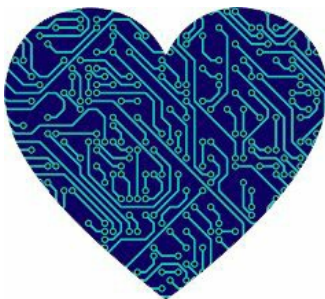
Seu corpo estacou no meio da rua quando o homem ficou de perfil para falar com a *hostess*. Sentiu o ar lhe faltar nos pulmões e a bile subir por sua garganta, precisando, desesperadamente, conter a vontade absurda de vomitar toda a tequila que ingeriu. Fechou os punhos com força, tentando controlar a raiva e a decepção crescente em si.

À sua frente, ao lado da loira estonteante que tinha idade suficiente para ser sua irmã mais velha, estava seu pai; e a forma como a conduzia, segurando possessivamente em sua cintura, mostrava o quanto eram *íntimos*.

Rodrigo fechou os olhos com força, tentando segurar as lágrimas quando se lembrou de sua linda e doce mãe. Seu pai, aquele homem frio, calculista e totalmente desprovido de qualquer emoção mostrava o quanto era capaz de ser carinhoso e amável.

Naquele momento, todas as suas dúvidas se dissiparam e ali, no meio daquela rua movimentada, como há muito não acontecia, Rodrigo vomitou. Ele colocou para fora toda a sua dor, toda sua angústia, frustração e decepção.

Seu pai, aquele homem egoísta e egocêntrico tinha uma amante. E seu filho não poderia se sentir mais decepcionado por isso.





10. CAFÉ DA MANHÃ

Helena abriu os olhos contemplando o quarto escuro e aconchegante. Ao seu lado o relógio marcava nove horas da manhã. Quando foi a última vez em que acordou tão tarde? Mesmo nos fins de semana levantava cedo. A noite passada, entretanto, havia sido agitada e longa.

Deliciosamente longa.

Entregou-se ao luxo de se espreguiçar, olhando a cama enorme e confortável. O cheiro ainda estava lá: sexo, Lucca, prazer. Inspirou profundamente, embriagando-se e permitindo se sentir feliz por mais um momento, sem pensar nas consequências de seus atos.

Apenas *permitiu-se*.

Após uma passada rápida pelo banheiro, caminhou até a cozinha, onde, de cueca, Lucca preparava um delicioso café da manhã. No som, Paulinho Moska e seu violão perguntavam “Quem sabe isso quer dizer amor?”, fazendo com que Helena sentisse uma pontada em seu peito.

*Cheguei a tempo de te ver acordar
eu vim correndo à frente do sol
abri a porta e antes de entrar
revi a vida inteira.
Pensei em tudo que é possível falar
que sirva apenas para nós dois
sinais de bem
desejos vitais*

pequenos fragmentos de luz.

Embora o som estivesse alto, era somente a voz do garoto que ela ouvia. Ele cantarolava, enquanto virava as panquecas. Livre, leve, solto e absurdamente lindo. Helena reparou suas costas largas, sorrindo ao ver os pequenos arranhões em sua pele proporcionados por ela.

Sentindo a força de seu olhar, Lucca sorriu, virando-se em sua direção.

*Quem sabe isso quer dizer amor?
Estrada há de fazer
o sonho acontecer!
Pensei no tempo e era tempo demais
você olhou sorrindo pra mim
me acenou um beijo de paz
virou minha cabeça
eu simplesmente não consigo parar.*

Enquanto Moska cantava, ficaram presos nos olhos do outro até Helena resolver quebrar o silêncio. Ela vestia seu short jeans, a camiseta, entretanto, era dele.

— Espero que não se importe...

Apontou o tecido branco em seu corpo, enquanto entrava na cozinha.

— Nem um pouco, pelo contrário.

— Também usei sua escova de dentes.

Ele abriu um largo sorriso.

— Continuo não me importando. Na verdade, estou adorando!

De fato, Lucca achava tudo aquilo tão *íntimo*. Do jeito que sempre sonhou.

*Você vai ter que encontrar
onde nasce a fonte do ser
e perceber meu coração bater
mais forte só por você.*

— A verdade é que você já pegou tudo de mim.

Helena não teve chance para responder. A mão grande de Lucca escovou seu rosto e os lábios carnudos e molhados grudaram nos seus; a língua varreu todos os cantos de sua boca: dentes, gengiva, palato. Ele mordeu seu lábio, invadindo-a mais uma vez, sem dar tempo para que respirasse.

Num movimento brusco, deitou-a na bancada, deixando que tigelas e tudo o mais que estivesse ali caíssem no chão, forçando seu corpo contra o dela, a ereção pressionando na altura de seu clitóris. Helena arfou, sentindo-o ainda que por cima do tecido do short. Ele arrancou a camiseta e invadiu seu seio nu com a boca, rodeando o mamilo com a língua, arfando e gemendo com ela.

A cabeça de Helena pendeu para trás por instantes, antes de puxar o garoto de encontro a si. Lucca a olhou profundamente e um turbilhão de sentimentos a invadiu, brotando em seus olhos em forma de lágrimas.

— O que você está fazendo comigo, garoto?

Ele ainda a olhava seriamente, acariciando seu rosto, o dedo em seus lábios, hipnotizado.

— Eu que te pergunto, Helena. O que você *fez* comigo? — Fechou os olhos com força. — Você me enfeitiçou.

Lucca a beijou mais uma vez, invadindo sua boca com paixão e Helena entregou-se ao prazer que ele lhe proporcionava. Sentiu a língua em sua barriga, descendo, e as mãos ávidas abrindo o botão do short, libertando-o de seu corpo junto com a calcinha. Logo Helena estava nua e Lucca livrou-se da boxer, agachando e tomando seu sexo em sua boca.

— Ah...

Helena gemeu invadida pelas incríveis sensações que ele lhe causava. Não demorou para que se perdesse em sua boca, clamando por seu nome numa ladainha sem fim. Ela ainda sentia os tremores quando os lábios carnudos colaram nos seus e ela sentiu o gosto de sua própria excitação. Ele interrompeu o beijo, revelando o envelope de papel laminado.

— Abra — ordenou e ela sorriu.

— Sempre preparado, não é?

Seus olhos se escureceram.

— É claro que eu tinha planos para te comer aqui nesta bancada. Você não sabe o quanto sonhei com isso. Agora, abra!

Ela mordeu o lábio, sentindo a excitação a mil.

— Carinhoso ou rude? — indagou petulante, entregando-lhe o preservativo, e ele arqueou a sobrancelha.

— Qual você deseja?

Ela mordeu o lábio mais uma vez, foi inevitável. Impressionante como estava excitada.

— Rude, por favor! — implorou, não acreditando em suas próprias palavras.

Lucca deu um sorriso torto, prendendo a língua nos dentes enquanto colocava a camisinha.

— Ah, Helena... Você está me deixando fodido!

Sem aviso, ele a penetrou com força, levantando sua coxa.

— Rude como você pediu!

Ele se enterrou nela, estocando inúmeras vezes, gemendo e emitindo sons desconexos. Estava descontrolado, tomado por um desejo imenso por aquela mulher. Levou a mão ao seu cabelo, enrolando os cachos no pulso, puxando-a bruscamente em sua direção, enquanto dizia palavras sujas em seu ouvido, lambendo sua orelha. Ela estava por um triz.

— Lucca...

— O que você quer, Helena? — perguntou rente ao seu rosto. — Peça e lhe darei!

— Eu... — Ela não conseguia falar.

— Eu sei exatamente o que você quer, o que deseja — rosnou, tocando seu clitóris, e foi o ápice para ela, que pendeu a cabeça para trás.

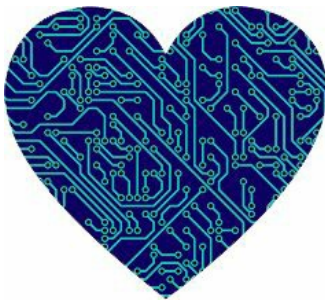
— Olhe pra mim! Eu quero que você veja quem é o *garoto* que está te

dando prazer! — Foi impossível não disfarçar a mágoa contida no momento em que enfatizou a palavra. — Olhe para mim *agora*!

Ao vê-la perder-se em seus braços, ele mesmo foi tomado por um desejo absurdo, avassalador, perdendo-se também na mulher que tanto desejava.

Helena não saberia dizer a música que estava tocando naquele momento, pois a única coisa que ouvia era os sons de suas respirações. O cheiro? Nada das panquecas, apenas os corpos suados, sexo e o desejo que ainda pairava no ar. Em seu coração, um turbilhão de sentimentos e emoções; e em sua cabeça, o único pensamento: de que estava perdida.

Totalmente perdida.





11. ATELIÊ

Helena levou o pincel à paleta encontrando o tom ideal para o morango, dando o toque final à sua obra de arte. À frente, a tela refletia a grande mesa de café da manhã repleta de iguarias, incluindo a panqueca com recheio de frutas vermelhas que Lucca havia feito naquela manhã. Sorriu feito boba lembrando-se dos momentos: ele levava uma boa garfada à sua boca e ela deixava cair as frutas, lambuzando-se do mel que ele prontamente se ofereceu para limpar com a língua. Fechou os olhos por instantes absorvendo as recordações daquela manhã, sentindo a comichão em seu ventre.

Após o café, mesmo com toda a insistência de Lucca para que passassem o dia juntos, ela voltou para seu apartamento, afinal, não fazia sentido ficar lá. Entretanto, sozinha em seu ateliê, refletiu: o vazio que sentia sem a presença do garoto realmente fazia sentido? Então por que tinha que ser tão correta com os outros, com a vida, com a sociedade, com a igreja, ou seja lá com quem fosse, mas *injusta* consigo mesma e seus desejos? Era uma mulher infeliz, pelo amor de Deus!

Helena abdicou de seus sonhos em prol de um homem que lhe deu o quê? E onde ele estava naquele momento? Certamente nos braços de outra mulher. Sim, no fundo Helena sabia, de idiota não tinha nada. Sabia que a viagem de Marcos não tinha qualquer relação com o trabalho, mas com pura *diversão*.

A campainha tocou, assustando-a, e ela tremeu. Em seu coração, sabia exatamente quem era, e não poderia se sentir mais feliz por isso. Deixando a paleta e o pincel de lado, correu à sala. Estava descalça e usava um vestido

florido, os cachos caídos por seus ombros. Abriu a porta sem mesmo conferir, sentindo o ar lhe faltar nos pulmões. À sua frente, Lucca e seu cheiro inebriante, cabelo molhado, vestindo uma bermuda cargo clara e camisa com a gola em “V”. Seus olhos se escureceram ao vê-la à sua frente.

— Não vai me convidar para entrar?

Ela o olhou por instantes, arfando.

— Céus, Lucca, o que eu quero é que você entre em mim!

Ele arregalou os olhos, surpreso, sentindo imediatamente a bermuda lhe apertar.

— Ah, Helena... Não me tente!

Com um movimento rápido, ele fechou a porta imprensando-a na madeira. Levantou seus braços acima da cabeça e invadiu sua boca com fúria. Movimentou o quadril para frente, pressionando-a, e Helena sentiu a ereção, gemendo em sua boca. Lucca apertou seu seio, no momento em que mordeu seu lábio, num total descontrole. Ríspido, duro, mas com uma sensibilidade que ela nunca tinha visto. Ele a apertava contra seu corpo como se sua vida dependesse disso. E, de fato, dependia.

Helena pensou em jogá-lo no sofá e se entregar a ele ali, mas bastou apenas um segundo de lucidez para trazê-la de volta à realidade.

— Lucca... — Tentou chamar, mas ele não parou. — Lucca, precisamos parar com isso! — pediu mais enfática.

Ele piscou algumas vezes e ela concluiu perdida.

— Desculpe, não podemos continuar, estamos na minha casa.

Ele arregalou os olhos, soltando-a bruscamente. Levantando as mãos em sua defesa, desculpou-se. Céus! O que estava fazendo? E se seu marido chegasse? Seu filho? Onde estava com a cabeça? Jamais poria Helena em risco por nada neste mundo.

— Pelo amor de Deus, Helena... — Levou as mãos aos joelhos como se tivesse corrido uma maratona. — me perdoe! Porra, você me deixa louco, completamente alucinado!

Helena ficou muda, encostada na porta tentando se equilibrar. Suas pernas pareciam não a obedecer, insistindo em caminhar para frente, em direção àquele garoto lindo e totalmente sedutor. Sua respiração estava descompassada, o peito acelerado e a boca seca, com sede de seus beijos.

— Vim aqui para conhecer seu ateliê, conforme combinamos. Lembra?

Estendeu-lhe a mão, encorajando-a, e no momento em que Helena a tocou, uma descarga elétrica a invadiu, reverberando por todo seu corpo. Ela tremeu, fechando os olhos por instantes, até o aperto firme trazê-la de volta.

— Também senti — sussurrou, acariciando a palma com o dedo.

Ele a puxou em sua direção, abraçando-a e beijando-lhe o topo da cabeça demoradamente.

— Vim para conhecer o ateliê da artista plástica mais linda que já vi.

Sem lhe dar tempo de resposta, Lucca a puxou pela mão e ela foi conduzida por seu próprio apartamento por ele, que caminhou como se vivesse ali.

— Não me diga que você também tem as imagens daqui de dentro?!

Ele parou bruscamente, soltando uma gargalhada que fez sua cabeça cair para trás.

— Ah, Helena...

Olhou-a por instantes, perdendo-se em seus olhos escuros, levando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. Retomando o controle, afastou-se, puxando-a pela mão mais uma vez.

— Eu tenho apenas a planta dos apartamentos, na verdade, de todos os edifícios cuja segurança é responsabilidade da minha empresa.

— Ah...

— Algo me diz que seu ateliê seja... — Parou no início do corredor, levando o indicador à boca enquanto analisava. — Lá!

Surpresa, Helena abriu um largo sorriso quando ele apontou para a porta correta. Seria aquilo algum truque? Ou apenas sintonia? Deu de ombros, conduzindo-o ao local. Ao entrarem, Lucca se sentiu adoravelmente surpreso, dando uma boa olhada no lugar. Sua boca estava ligeiramente aberta, os lábios curvados em um emocionado sorriso e seus olhos levemente marejados. Sabia o quanto Helena amava seu trabalho, percebeu isso no momento em que conversaram pela primeira vez naquele “santo” elevador, e a forma como falou de sua arte o fez enxergar que era uma das poucas coisas que ainda a fazia sorrir.

Ele caminhou pelo ateliê em silêncio, olhando as esculturas, gravuras e telas, apreciando cada uma delas. Seu sorriso ficou mais largo ao ver a Lagoa Rodrigo de Freitas, aproximando-se da tela para ver melhor.

— Meu Deus, isso é magnífico! — disse com sinceridade. — Você faz

mágica com as cores. Veja este prateado!

Ela corou, ensaiando um agradecimento.

— Não foi um elogio. — Olhou-a ardentemente, antes de seguir para as outras telas, admirando cada uma delas. — Eu poderia passar o dia inteiro aqui!

— Provavelmente ficaria entediado com tudo isso — respondeu de supetão e ele não pôde deixar de perceber a mágoa em sua voz.

Então era isso? Será que o idiota do seu marido lhe dizia este tipo de coisa? Que estava farto de sua arte? Seria este mais um motivo para a tristeza profunda que via em seus olhos? Sentiu uma vontade absurda de abraçá-la e dizer-lhe que não era aquele tipo de homem, mas tudo que fez foi esticar os lábios num sorriso torto, antes de aproximar-se de seu rosto.

— Podemos fazer uma aposta se você quiser — rebateu com uma piscadinha deixando-a ligeiramente desnorreada, antes de seguir para as esculturas e gravuras, apreciando cada uma delas.

— Tenho este caderno desde a época de faculdade.

Helena comentou, se referindo ao pequeno objeto com capa vermelha e tira marrom que ele segurava. Lucca o abriu, olhando, fascinado, os primeiros rabiscos feitos por ela, todos devidamente datados.

— E você me disse que não era boa nisso. Que mentirosa cara de pau, hein! — exclamou zombeteiro e ela enrubesceu.

Ele levou um bom tempo apreciando os desenhos e Helena aproveitou para admirá-lo mais uma vez. Seus braços fortes e a forma como segurava o

caderno provocou sensações deliciosas em si. Observou seu rosto bem demarcado, o cabelo molhado e ligeiramente desalinhado, o maxilar perfeito e a barba por fazer; os lábios carnudos onde Lucca passava a língua, como se delicias-se com o que via, fazia com que ela o desejasse cada vez mais.

Um turbilhão de pensamentos passou por sua cabeça e Helena se sentiu invadida por um tsunami de emoções. Quando foi que Marcos valorizou sua arte? Aliás, quando foi que seu marido *realmente* a valorizou, inclusive, como *mulher*?

— Você já pensou em expor tudo isso?

Helena se assustou, não somente porque suas reflexões a mantinham longe dali, mas, principalmente, pelo teor da pergunta. Deu um sorriso nervoso.

— Onde eu exporia essas coisas?

— Bom, deixe-me ver... Hum, a artista plástica aqui é você, mas acredito que numa galeria de arte. — Ela revirou os olhos. — Não me diga que você nunca pensou em expor toda esta maravilha? — indagou pasmo.

— É claro que sim! — defendeu-se, sentindo-se estúpida de repente. Olhando para baixo, sussurrou de tal forma, que Lucca quase não ouviu. — Mas quem iria ver uma coisa dessas?

Ele franziu o cenho, era a segunda vez que ela se referia à sua arte como “coisa” e ele não gostava nada daquilo. Com cuidado, deixou o caderno em cima da grande mesa em “U” e caminhou em sua direção, segurando seu rosto com as mãos em forma de concha.

— Helena, não é coisa e sim, *arte* — enfatizou a palavra. — É o seu

trabalho e você é uma artista plástica brilhante, sensacional! Não deixe ninguém te fazer pensar diferente. Quem foi o idiota que lhe disse isso? — indagou, já sabendo a resposta, tentando controlar a ira crescente em si. — Se foi o mesmo imbecil que disse que você não deveria usar short, mande-o à merda!

Ela arregalou os olhos e ele continuou, trazendo-a para perto de si.

— Você só não fará uma bela exposição se não quiser.

Ela sorriu, sentindo sua força ser renovada.

— Onde eu exporia tudo isso, Lucca?

Ele abriu um enigmático sorriso, pegando suas mãos e beijando-as, antes de levá-las às suas costas, mantendo-as ali.

— Então, este é seu desejo?

Helena mordeu o lábio, antes de responder que sempre foi, desde a época da faculdade. Ele a fitou por instantes, até outro sorriso brotar em seus lábios carnudos.

— Bom saber!

Soltou-a, caminhando pelo ateliê mais uma vez.

— O que quer dizer com isso?

— Apenas que conheço muita gente.

Deu de ombros, olhando à frente. Um vinco se formou entre suas sobrancelhas e ele a olhou mais uma vez, inquisitivo, antes de caminhar à tela afastada.

Helena ficou lívida.

Completamente surpreso, a boca ligeiramente aberta, apreciou a tela com a pintura de uma mulher cheia de sacolas e um rapaz abrindo um portão. Embora os rostos não fossem revelados por causa do efeito da chuva, ambos sorriam felizes. Lucca soube exatamente quem eram, e deixando-se levar pela emoção, fez o que jamais faria em sua vida: tocou a tela, gentilmente, acariciando a boca da mulher.

— Você... — Ele não terminou a frase.

Ainda em seu lugar, Helena tentava controlar a respiração, sentindo o toque em seus próprios lábios, à medida que ele acariciava a tela.

— Nós! Por Deus, Helena, você...

Lucca estava emocionado, a ponto de apenas uma gota ser o suficiente para irromper a barreira das lágrimas que se acumulavam em seus olhos. Girando a cabeça, viu em outra tela algumas panquecas perfeitamente empilhadas, o vermelho vivo do molho e das frutas que escorriam por elas. Olhou o ambiente, para a arte ali exposta e foi tomado por profunda emoção, piscando algumas vezes quando, finalmente, entendeu tudo.

Sentiu grande tristeza ao ver a pintura de uma mulher encolhida em um quarto escuro, sozinha. A sensação de profundidade na tela revelava a distância em que ela estava em relação a todo o resto, traduzindo perfeitamente o sentimento de *solidão*. Em outra tela, Lucca viu um casal de costas para o outro: o homem olhando em direção ao infinito, e a mulher, para o chão.

Havia uma infinidade de quadros, cada um diferente do outro, e Lucca percebeu que, de certa forma, havia uma espécie de ordem cronológica, telas

escuras que ganhavam cor à medida que eram mais atuais.

Seus lábios se esticaram num emocionado sorriso e foi impossível segurar a lágrima teimosa em seu rosto. Em sua maravilhosa arte, Helena pintava a própria vida, que ganhava mais cor a partir do momento em que se conheceram de verdade.

— Helena!

Comovido, caminhou em sua direção, tomando-a nos braços. Segurou seu rosto com as mãos em forma de concha e a beijou apaixonadamente. Ela não conseguiu fazer outra coisa senão retribuir.

Pegou-a no colo e ela enroscou as pernas em sua cintura, enquanto ele caminhou para o sofá, deixando que todas as almofadas caíssem no chão. Sem aviso, beijou-a mais uma vez com urgência, paixão e fúria, mordendo seu lábio, arrancando gemidos. Enquanto abria os botões de seu vestido, seus lábios varreram seu rosto, pescoço, colo e seios já nus e prontos para ele. Lucca desceu por sua barriga deixando um rastro de mordidas que a fizeram sorrir e apertar-lhe contra si.

— Ah, Helena!

— Lucca!

Ele gemeu ao ver a calcinha vermelha rendada, abrindo um largo sorriso antes de levar o nariz ali, inalando profundamente.

— Como você cheira bem.

Lá fora, a noite começava a se formar. A brisa fresca invadia o espaço, entrando pela janela aberta e tudo que Helena desejava era que aquela noite

durasse para sempre.

Sentiu os dentes roçando sua pele quando ele tirou o tecido rendado de seu corpo, gemendo e apertando sua cintura. Em um movimento involuntário, Helena arqueou o quadril em resposta, fazendo com que ele gemesse mais ainda. Mal tirou sua calcinha, Lucca invadiu seu sexo, a língua quente fazendo movimentos intensos e insanos dentro de si, levando-a à beira da insanidade. Ele a consumia de baixo para cima, e de volta, invadindo seu clitóris, devorando-a.

— Lucca, por favor...

— Diga, Helena. O que quer de mim?

— Você...

Ele levou dois dedos nela, tocando-a, aproximando-se de seu rosto, boca rente à sua, e Helena sentiu o cheiro de sua própria excitação.

— O que quer de mim? — indagou, olhos nos dela, deixando-a perdida. Aproximando-se mais ainda, rosnou. — Diga!

Lábios carnudos roçaram os seus e ela arfou. Como o desejava!

— O que eu quero é que você entre em mim! — repetiu tal qual havia dito e os lábios do garoto se esticaram num sorriso sacana.

— Aqui? — perguntou abrindo a braguilha e pegando o envelope do preservativo no bolso.

— Aqui! — respondeu ofegante, tirando o envelope de suas mãos, abrindo-o com urgência.

Helena não parou para pensar que ele era apenas um garoto mais novo que seu filho, que estavam em sua casa, que a noite havia caído, que Marcos e Rodrigo poderiam chegar. Não! Ela não teorizou nada, apenas se permitiu ser conduzida pelo desejo insano que sentia.

Sentiu a mão em seu rosto, acariciando-a, os dedos em seus lábios. Olhou à frente, se deparando com o azul profundo, perdendo-se naquele mar de emoções, sentindo um aperto em seu peito que reverberou para seus olhos em forma de lágrimas.

— Eu te quero tanto, Helena! Te quero demais! — disse antes de penetrá-la docemente.

— Lucca...

Fizeram amor de forma doce e plena, encontrando juntos sua libertação. Ele mantinha o rosto em seu pescoço, embebedando-se de seu cheiro, enquanto ela acariciava suas costas. Subitamente um barulho estranho a trouxe de volta à dura realidade, e seu corpo se retesou. O que ela, uma mulher casada, estava fazendo nua com aquele garoto vinte e um anos mais novo que ela em sua própria casa? Ele a olhou assustado e o sangue dela se esvaiu.

Sem nada dizer, Lucca levantou, tirando o preservativo e dando um nó, olhando em volta, como se buscasse uma solução. O que faria? Onde descartaria aquilo? Enquanto Helena tentava, sem sucesso, fechar os botões de seu vestido, ele vestia cueca e bermuda ao mesmo tempo, escondendo a camisinha usada e a embalagem no bolso.

— Helena?

Merda! Era Marcos. Era seu marido. Ela olhou para Lucca, lívida.

— Calma... — pediu, vestindo a camisa.

— Não comece a me pedir pra ter calma — rosnou e ele sentiu uma súbita vontade de rir.

— Escute, estamos errados e precisamos resolver isso — respondeu naturalmente, afastando as mãos nervosas de Helena do vestido, abotoando-o ele mesmo, enquanto continuava. — Estou aqui para conhecer seu ateliê e seu trabalho.

— Helena?

A voz de Marcos estava mais próxima e Lucca a olhou seriamente.

— Responda e aja naturalmente.

Ele estava falando sério? Lucca enfatizou o olhar e ela respondeu. Ou, pelo menos, tentou.

— Es... hum... Estou no ateliê.

Lucca arregalou os olhos quando viu o pequeno pedaço de pano rendado esquecido no chão e num movimento brusco, abaixou-se para pegá-lo, escondendo a calcinha no bolso no exato momento em que Marcos entrou.

Mal entrou no cômodo, seu corpo estacou ao ver o garoto.

— Como foi de viagem?

Helena não sabia por onde começar.

— Quem é você? — indagou ríspido para Lucca, que tomou a frente da situação.

— Muito prazer, Lucca. Vim conhecer o trabalho magnífico de sua esposa. Você é um homem de sorte — respondeu tentando disfarçar o amargor na voz, estendendo-lhe a mão, a qual Marcos não retribuiu.

Seu olhar gélido pairou sobre Helena e ela tremeu.

— Lucca é nosso vizinho.

Ele arqueou de leve a sobrancelha, seu olhar, contudo, permaneceu frio e indecifrável. *O garoto de outro dia, do elevador. Era só o que faltava!* Pensou.

— Acredito que você já tenha visto tudo que queria e esteja de saída.

Helena o olhou incrédula.

— Marcos?

Tentou repreendê-lo com um fio de voz, sentindo o toque leve de Lucca em seu ombro. Ele informou que seu marido estava certo, que ele realmente estava de saída, sentindo algo se esmagar em seu peito quando notou que Helena parecia perdida. O que desejava era partir a cara daquele imbecil ao meio e levá-la consigo, mas tudo que fez foi seguir o plano, mantendo o equilíbrio. E o foco.

— Vamos conversar a respeito da exposição depois, ok?

Ela assentiu confusa e ele deu um sorriso que não alcançou seus olhos, cumprimentando Marcos antes de sair.

— Boa noite. — *Vai se foder seu filho da puta!* Sua raiva era crescente.

— Acompanharei você até a porta.

Helena informou, parecendo sair de seu apático transe e caminharam até a sala em silêncio.

— Desculpe por Marcos.

Tentou dizer ao abrir a porta, mas ele a impediu.

— Não estou nem um pouco preocupado com este idiota, mas com *você*. É *você* que me importa!

Puxou-a delicadamente para fora, encostando-a na parede, levando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

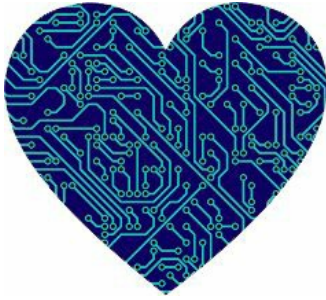
— Eu sei que você fica brava quando eu digo isso, mas, por favor, mantenha a calma. Aja naturalmente. Eu não quero criar nenhum problema pra você.

Problema? Aquele garoto estava longe de ser um problema! Helena deu um sorriso que teve vida curta, sentindo uma súbita vontade de largar tudo e entrar no apartamento dele.

— Vai, ele pode desconfiar...

Lucca pediu, com dificuldade, acariciando-a mais uma vez, antes de entrar em seu apartamento e fechar a porta. No corredor, Helena inspirou e aspirou pesadamente, antes de fechar os olhos com força. Precisava enfrentar sua dura realidade.

De fato, já havia passado da hora de fazer isso.





12. GOLPE BAIXO

Sentado no sofá, Lucca mantinha os olhos e os punhos fechados. Suas narinas se dilatavam à medida que sua respiração ficava mais ofegante. Sentia uma raiva absurda: do crápula filho da puta e de si mesmo.

Ele que jurou jamais expor Helena a qualquer risco, havia sido o maior responsável por colocá-la naquela situação. O que tinha que ter ido à casa dela naquela noite? Balançou a cabeça quando a imaginou lá dentro com aquele homem. O que estaria acontecendo? Perguntou-se, desejando naquele momento ter escutas pela casa inteira. Isso certamente seria algo fácil, se ele não fosse tão correto. Desde sempre prometeu a si mesmo que jamais invadiria a privacidade de Helena e cumpriria esta promessa até o fim de seus dias.

Abriu os olhos, sentindo a presença dela em cada lugar; aquela mulher casada que o considerava apenas um *garoto* e que se incomodava demais com o fato de ele ser mais novo que seu filho. E se ela decidisse acabar com tudo? E se toda sua história com ela se resumisse apenas à noite daquele fim de semana?

— Não!

Deu um soco na parede, tamanha sua ira. Precisava dela! Há tempos a desejava, a cobiçava, a queria somente para si, e a partir do momento em que a teve em seus braços soube que o desejo era mais forte do que poderia supor.

— Estou apaixonado por esta mulher!

Fechou os olhos mais uma vez, levando as mãos ao rosto, decidindo que contaria tudo a ela, não por tentar fazê-la ficar com ele, mas pelo simples fato de ele *saber* de toda verdade. Escondê-la de Helena o fazia tão mau caráter quanto o filho da puta de seu marido.

No apartamento ao lado, Helena exalou com força, voltando ao ateliê. O lugar que sempre a acolheu, naquele momento lhe pareceu inóspito. Aproximou-se, encontrando o marido com uma almofada na mão, olhos perdidos em volta. Embora não percebesse a força com que Marcos apertava o objeto, sua expressão de asco não passou despercebida por ela.

— Como foi de viagem?

Arriscou uma aproximação, dando-se conta de que era sempre ela quem fazia isso. Desde o início do casamento, em geral, era *ela* quem o cumprimentava quando ele chegava, dificilmente o contrário.

Marcos movimentou a cabeça lentamente, olhos vazios em sua direção.

— Há quanto tempo você está trepando com este moleque insolente?

Ela arregalou os olhos e seus lábios tremeram.

— O... O que disse? — gaguejou.

— Ah, Helena, me poupe do seu teatrinho de merda! Pensa que sou idiota? Que não percebi? Você não tem vergonha? Uma velha como você

ficar seduzindo um moleque cheirando a leite que tem idade para ser seu filho? — Ela engoliu em seco e ele continuou brutal. — O que é isso? Carência? Desespero?

— E você, Marcos? Há quanto tempo está mantendo seu casinho extraconjugal? — Ele a encarou pasmo. — Surpresa! Não sou essa idiota que você imagina! Ou você pensa que acreditei na sua *viagenzinha* a trabalho?

Marcos jogou a almofada longe, fuzilando-a com o olhar; Helena, porém, não desviou.

— É por isso que você trepou com outro? Por que pensa que estou tendo um caso?

— Só para a sua informação, o mundo não gira em torno de você! Além disso, eu não disse que estava trepando com alguém, aliás, nem com você que é meu marido eu trepo!

— Porque você é uma velha que não me atrai em nada!

Helena sentiu a apunhalada em seu peito. Marcos, por outro lado, tentava, a todo custo, controlar sua ira, não por se importar com a esposa, mas com seus negócios. Por mais que desejasse livrar-se dela, sabia que ainda não era o momento, pois poria a carreira a que tanto almejava em jogo. Encarou-a mais uma vez, a raiva brotando por todos os seus poros.

— Não consigo crer que você seja tão estúpida a ponto de acreditar que aquele garoto realmente esteja interessado em você. Ele é novo, Helena! *Novo!* E você é uma *velha!* Ele podia ser seu filho! — gritou, trazendo à tona tudo que ela tentou negar durante todo aquele tempo.

Tomada por uma fúria enlouquecida, Helena rebateu, a voz saindo mais

aguda do que pretendia.

— Ele não é meu filho!

Marcos soltou uma gargalhada macabra.

— Como você é idiota! Será que não percebe que esse moleque está atrás do seu dinheiro? Ou melhor, do dinheiro que ele pensa que você tem?!

Como se ele precisasse do meu dinheiro! Helena não verbalizou seu pensamento e Marcos continuou brutal.

— Como você acha que as pessoas enxergarão vocês dois? Eu vou te dizer: a coroa endinheirada e o *michêzinho* de merda! *O garoto e a velha!* — desdenhou. — É assim que vocês serão vistos pela sociedade.

— Estou pouco me fodendo para a sociedade, Marcos!

Ele a encarou pasmo, se perguntando desde quando ela tinha ficado tão esperta. Seria preciso pegar mais pesado se quisesse manter seus planos.

— E para o Rodrigo, você está *pouco se fodendo* também?

Ela tremeu.

— Deixe nosso filho fora disso!

— Fora disso? Ele está *muito* nisso, mais do que você imagina! Como você o sustentará se me largar pra viver com aquele moleque idiota? Aliás, como você sustentará dois marmanjos e a si mesma?

Perplexa, Helena ouvia tudo que ele vomitava.

— Estou realmente curioso. Como fará isso, *querida*? Com essa merda

que você chama de arte?!

— Isso não é problema seu!

— Você já parou pra fazer as contas? Vamos lá: plano de saúde, um novo aluguel em um muquifo qualquer, o salário desta empregada de merda a quem você concedeu licença...

— Josita está com a mãe doente!

— Foda-se! Que ela morra! Aliás, as duas! Você! — O queixo dela caiu e Marcos continuou brutal. — Como você é patética, Helena! Você realmente acha que consegue dar conta disso tudo? Sem contar os cursinhos e a faculdade mais cara do Rio de Janeiro para seu filhinho querido?

— Você seria capaz de fazer isso com o *nosso* filho? De privá-lo de...

— Não estou privando o Rodrigo de nada, quem está é você!

O queixo dela caiu quando começou a entender exatamente aonde Marcos queria chegar. No fundo, sabia que não teria condições de oferecer ao filho a vida confortável que o pai lhe proporcionava. Pensando friamente, será que deveria abrir mão de toda sua vida por causa de uma noite de aventura?

— Pai? Mãe? — Helena deu um pulo ao ouvir a voz do filho que entrou no ateliê olhando de forma inquisitiva para os dois. — Está tudo bem?

— Claro, meu amor. Como foi de viagem?

Helena tentou disfarçar, Rodrigo, entretanto, não se deu por vencido.

— Vocês estão discutindo?

Fuzilou o pai com o olhar e ela ficou lívida.

— Os adultos discutem de vez em quando. Um dia você descobrirá isso.

Marcos respondeu petulante e o filho o encarou de forma dura.

— Talvez o senhor não tenha percebido, mas já sou adulto o suficiente.

O pai o olhou incrédulo. Desde quando o filho o enfrentava?

— O que eu percebi é que está na hora de você se preparar para dormir.

— Marcos soou ríspido.

O filho olhou para a mãe, que meneou a cabeça, engolindo as lágrimas.

— Está tudo bem, estamos apenas conversando. Vou lhe preparar um sanduíche gostoso e você me conta como foi a viagem.

Rodrigo contemplou a mãe com carinho, direcionando um olhar desprovido de qualquer emoção para o pai. Era difícil encará-lo sabendo de sua traição. Olhou a mãe mais uma vez com ternura, antes de beijar-lhe a testa e se retirar. Mal a porta do ateliê fechou, Helena sentiu o puxão em seu braço.

— Escute aqui, se quiser garantir o futuro do seu filho e o seu também, você vai acabar com toda essa merda! E antes que você possa pensar em justiça e pensão alimentícia, lembre-se de que o dinheiro compra tudo.

Helena o encarou incrédula. Ele continuou rude, apertando mais ainda seu braço.

— Estarei de volta às dez da noite e quando eu chegar você já terá posto fim a toda essa palhaçada, está me ouvindo? — Ela o fuzilou com o olhar. —

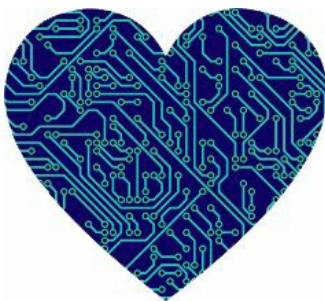
Você tem duas horas para ir à casa do seu *michêzinho* fodido e acabar de vez por todas com esse teatrinho ridículo. Estou lhe dando tempo suficiente, pode usá-lo, inclusive, para uma última trepada. Eu não me importo!

O queixo dela caiu.

— Se daqui a duas horas nada tiver mudado, você e seu filho estarão de malas prontas e é bom que seu michê tenha algum quartinho disponível pra vocês, se os pais dele concordarem, claro.

Marcos soltou-a deixando a marca dos dedos em seu braço, antes de marchar para fora, batendo a porta ao sair. Sozinha, Helena olhou ao redor, sentindo as paredes se fecharem contra si. Mais uma vez abriria mão de seus sonhos, de suas vontades? No fundo sabia que jamais poria o futuro do filho em risco. *Golpe baixo, Marcos!*

Pensou em Lucca e seus olhos se encheram d'água, desta vez, porém, ela não impediu. Tinha apenas duas horas para acertar sua vida e sabia exatamente o que tinha que fazer. Por mais que seu coração sangrasse por isso.





13. RODRIGO

Helena secou o rosto com as costas da mão, deixando de sentir pena de si mesma. Havia passado da hora de seguir sua vida. *Sozinha*. É claro que não viveria mais com aquele homem que, diga-se de passagem, não era o mesmo com quem tinha se casado. Ou era? Será que Marcos sempre foi daquele jeito e ela nunca percebeu? Pior, não quis *enxergar*? Reconhecia que ele não era fadado a paixões, sequer a carícias, mas ele nunca a havia tratado daquela forma: com violência. Tocou o braço sentindo o aperto firme e a dor da marca dos dedos em sua pele.

Lucca...

O lindo garoto invadiu seus pensamentos e, embora tenha vivido os dias e as noites mais felizes de sua vida, Helena sabia que a realidade era outra. Marcos, afinal, tinha razão: seriam sempre *o garoto e a velha*, e embora tivesse dito que não ligava para a sociedade, no fundo reconhecia a força que ela exercia.

Helena tinha tudo em mente: viveria com as economias que os anos de casamento lhe renderam até começar a colher os frutos de seu trabalho. Começaria vendendo suas obras pela internet (afinal, tinha um belo acervo), enquanto lutaria pela chance de expor em alguma galeria de arte, ainda que pequena. Seu filho poderia lhe ajudar com o site, certamente.

Ou Lucca... O pensamento a fez estremecer.

— Mãe?

Helena deu um pulo ao ouvir a voz do filho, que caminhou de maneira urgente em sua direção, abraçando-a. Ela não se conteve e as lágrimas caíram novamente.

— Aquele crápula! — Rodrigo fechou os olhos com força, tentando controlar sua ira ao ver a mãe naquele estado. — Então ele te contou... Eu não pude acreditar mãe!

O corpo dela se retesou. *Contou o quê?* Afastou-se apenas o suficiente para ver o rosto do filho, surpreendendo-se com o pânico que viu em seus olhos.

— Há tempos desconfiava que o casamento de vocês estava estremecido, mas não imaginava que ele pudesse ter uma amante!

Helena ficou lívida. Então era verdade? No fundo sempre soube, principalmente depois das duras palavras de Marcos: *Estou lhe dando tempo suficiente. Pode usá-lo, inclusive, para a última trepada. Não me importo!*

— Como... hum, como você descobriu? — gaguejou, tentando manter a naturalidade.

O filho fez uma careta.

— Eu vi os dois neste fim de semana.

— Em Búzios? — indagou chocada.

— Mundo pequeno, não é? Ou seria *justo*? — respondeu ácido.

Nada neste mundo é aleatório, Helena. A voz de Lucca invadiu sua mente e ela piscou várias vezes, tentando organizar os pensamentos. Se Marcos mantinha um caso com alguém, por que insistira para que ela

acabasse com o seu? Seria a oportunidade perfeita para terminar o casamento e, ainda por cima, sair como vítima da situação. Algo ainda não fazia sentido.

— O que pretende fazer, mãe? — A voz do filho a trouxe de volta. — Seja o que for, estarei sempre ao seu lado!

Seus olhos ficaram marejados e seus lábios se esticaram num sorriso terno quando acariciou o belo rosto dócil e a barba por fazer, o que fez com que se lembrasse de Lucca. Estremeceu. Em seu íntimo sabia que o filho não a apoiaria se soubesse que ela também deu sua escapada com um garoto mais novo que ele.

— Se eu sair desta casa, você também será prejudicado — disse com pesar e o filho piscou várias vezes como se processasse o que ouvia.

Helena deu-lhe o tempo necessário, afinal, era seu próprio pai. Subitamente sentiu-se culpada; seu filho não merecia aquilo.

— Nós podemos fazer isso juntos mãe! — Rodrigo exclamou de repente, movimentando a mão para indicar toda a extensão do ateliê. — Você tem sua arte e eu posso largar o estágio e arrumar um emprego onde eu ganhe mais. Se for o caso, transfiro a faculdade...

— De jeito nenhum!

Helena explodiu. Jamais deixaria o filho abrir mão de seus sonhos como ela fez.

— Seu maior desejo é fazer carreira no Ministério Público, você luta por isso todos os dias, e é exatamente o que você fará!

Apontou-lhe o dedo e o filho deu um sorriso que não alcançou seus

olhos.

— Meu maior desejo, mãe, é ver você feliz como há muito tempo não vejo, e se para isso eu tiver que sacrificar tudo esteja certa de que eu farei. Eu já disse, estamos juntos.

Helena fechou os olhos com força quando o filho a abraçou, sentindo as lágrimas caírem mais uma vez.

— Não é justo... — soluçou e ele rebateu.

— O que não é justo é esta sua infelicidade! — Rodrigo segurou os braços da mãe, mantendo-a de frente para ele. — Que tipo de vida é essa? Você não merece isso!

Helena sentiu um aperto no peito, engolindo em seco. Seu filho merecia saber toda verdade.

— Há algo que não lhe contei. — O filho a olhou em expectativa. — Não sou santa e também estou errada nesta história toda.

Ele balançou a cabeça.

— Certo... Isso é um pouco assustador...

— Muito mais do que você imagina!

Rodrigo a olhou por instantes, analisando as palavras, como se as organizasse em seu pensamento.

— Como você se sentiu? Este *erro* — enfatizou a palavra — te fez feliz?

— Como nunca em minha vida!

Helena surpreendeu-se com sua própria constatação e os olhos do filho ficaram marejados.

— Isso é suficiente pra mim.

— Não, meu filho, não é.

— O que quer dizer?

Helena engoliu em seco mais uma vez, tomando coragem.

— O homem com quem me relacionei, hum, quer dizer... — Merda! Como dizer aquilo? Exalou com força, cuspendo tudo de uma vez. — Este homem, na verdade, é um *garoto*, e poderia ser seu irmão mais novo!

O queixo do filho caiu.

— Mais novo quanto?

— Mais novo! — Deu de ombros, balançando a cabeça em seguida. — Mais novo que você... dois anos.

Helena fechou os olhos, envergonhada. Não por ter se relacionado com Lucca, o que de fato deu sentido à sua vida, mas por achar que havia decepcionado o filho, algo que a destruiu por dentro. Sempre acreditou que os pais deveriam ser exemplos e queria ser desta forma para Rodrigo, como os pais de Lucca o são para ele e os seus o foram para ela.

— Ah, mãe! — Sentiu o toque carinhoso do filho em seus ombros e abriu os olhos devagar. — Eu sou louco pela minha professora de Direito Penal, que tem a sua idade. O que me difere deste *garoto* é que ele tem mais sorte do que eu — enfatizou a palavra, tal qual a mãe se referiu anteriormente.

Helena abriu a boca, chocada.

— De fato, não me interessa a idade, a cor, onde ele mora, ou qualquer coisa imposta por esta sociedade de merda! O que verdadeiramente importa, mãe, é que ele te faça feliz!

Os lábios de Helena tremeram, enquanto lágrimas jorravam de seu rosto.

— Você não imagina a agonia que eu sentia todos os dias por te ver infeliz! Eu me perguntava o que te faltava, sem encontrar resposta. Houve uma época em que achei que era eu a causa para sua infelicidade.

Helena encarou o filho, pasma, sentindo como se um punhal estivesse sendo cravado em seu peito. Emocionado, Rodrigo continuou.

— Só que isso não fazia o menor sentido. Você sempre me amou! Eu sei porque sempre senti esse amor emanando de você!

Rodrigo sorria, tomado de júbilo, quando, de repente, seu semblante ficou sombrio.

— Diferente do papai. Por muito tempo questionei se ele realmente me amava, pois sempre me senti um peso em sua vida. A verdade é que nós dois sempre fomos como fardos, pesados demais para seu egoísmo carregar. Ao me dar conta disso percebi que era *ele* o motivo para sua infelicidade. Nada mais.

Rodrigo se calou e Helena sentiu uma dor absurda por seu sofrimento. Jamais imaginou que o filho passasse por tudo aquilo.

— Eu sinto muito! Me perdoe, meu filho! — pediu emocionada.

— Não há o que perdoar mãe! Agora estou feliz por saber que você

estará feliz.

— Agora será tudo diferente. Seremos nós dois e iremos vencer tudo isso!

— Eu só quero que você seja feliz!

Helena contemplou o filho com amor. Abraçou-o com força, antes de enxugar as lágrimas.

— Seremos juntos, meu amor!

— Quero que saiba que eu a apoiarei sempre!

— Nunca diga nunca! Ou *sempre* — repreendeu-o tocando a ponta de seu nariz como fazia quando ele era apenas um menino levado, arrancando um sorriso dele.

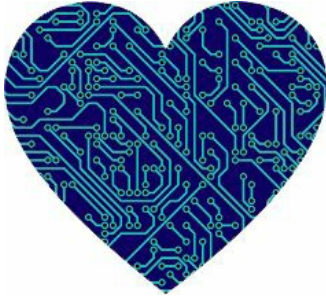
Helena enxugou as lágrimas.

— Estou te devendo um sanduíche.

Rodrigo deu uma desculpa, dizendo que estava cansado e sem fome, e mesmo com a insistência da mãe em lhe preparar algo, ele preferiu dormir. O fato, porém, é que ainda estava digerindo muitas coisas, afinal, o destino de sua família mudara completamente em apenas um final de semana. Beijou a testa da mãe e saiu.

Sozinha em seu ateliê, Helena exalou com força. Ainda havia um assunto pendente e tinha pouquíssimo tempo para resolver. Saber que Rodrigo a apoiava era reconfortante, ainda assim, havia o mundo inteiro pela frente. Será que estaria disposta a enfrentar tudo e a todos? Será que, além disso, valeria a pena expor o filho a toda esta situação?

A decisão de Helena estava tomada. Restava saber se ela teria forças suficientes para ir adiante.





14. LUCCA

Sentado no sofá, com as mãos na cabeça, Lucca ouviu a batida na porta no momento em que Helena se perguntou o porquê de não ter tocado a campainha. Ele a abriu e ela prendeu a respiração, assim como ele ao ver a mulher por quem estava perdidamente apaixonado.

— Helena!

Ele a puxou de encontro a si, boca na sua. Bateu a porta, imprensando-a ali com força, beijando-a com fúria, desejo e paixão. Helena não reprimiu, sequer fugiu de sua inebriante investida, talvez aquele fosse o último encontro, enfim. *Pode usá-lo, inclusive, para a última trepada!* Seria mesmo boa ideia para uma despedida, ousou pensar, dando-se conta de que estava mais abalada por ser a última vez que viria aquele garoto que mal conhecia do que com o fim de seu casamento de anos.

Lucca interrompeu o beijo, encostando a testa na dela.

— O que aconteceu? Estava tão preocupado com você. Perdoe-me, por favor! Jamais quis colocá-la em risco.

Era impossível não notar o pesar em sua voz e Helena piscou confusa.

— Jamais me perdoaria se algo acontecesse a você, principalmente por minha culpa.

Ela fechou os olhos, sentindo algo se esmagar em seu peito. Ele a beijou mais uma vez.

— Lucca, por favor... — pediu, afastando-o e ele a olhou assustado. — Precisamos conversar.

Um pouco atordoado, ele assentiu e a conduziu ao sofá, oferecendo-lhe uma bebida. Helena negou, queria manter-se sóbria e a ele também. Lucca passou a mão pelo cabelo, nervoso. De alguma forma, estava apreensivo.

— Você não imagina o bem que me fez.

Helena começou, deixando-o cada vez mais tenso. Seu tom era de *despedida*?

— Há muito tempo não me sentia viva. Feliz. *Mulher*. Devo tudo isso a você.

— Não, Helena, a *você*. Eu já disse que você pode tudo!

Ela sorriu, sentindo uma vontade absurda de aninhar-se em seus braços e não sair dali nunca mais, porém, o que estava fazendo era justamente o oposto: despedindo-se.

— Marcos já sabe sobre nós, é claro. Ele percebeu.

Belo troco pro filho da puta! Lucca pensou, mesmo sabendo que a vingança nunca esteve nos planos de Helena. Nem nos dele.

— Estou saindo de casa — concluiu deixando-o surpreso. Então ficariam juntos? — Seremos apenas eu e meu filho, mas sobreviveremos.

Lucca piscou várias vezes. O que Helena queria dizer exatamente com apenas ela e o filho? Um vinco se formou entre suas sobrancelhas quando finalmente entendeu que o rumo daquela conversa não era o que esperava. Remexeu-se desconfortavelmente no sofá.

— Vocês vão se mudar? — Ela assentiu. — Vocês podem ficar aqui até encontrarem alguma coisa. Podemos conversar com o Rodrigo juntos.

— Conversarmos sobre o que, exatamente? Sobre nossa noite de aventura?

O corpo de Lucca se retesou e seus lábios formaram uma linha fina e retesada.

— Foi o que significou pra você, uma noite de aventura? — rosnou, a mágoa e a decepção presentes em sua voz.

Helena negou, sentindo um aperto no peito. No fundo queria ficar com ele e isso era absurdo, além de impossível. Ainda que tivesse total apoio do filho, a realidade era outra: nua, crua e principalmente dura. *O garoto e a velha*. Não! Não poderia conviver com isso.

E quando Lucca percebesse que estava vivendo com uma mulher passada, como seria? Se Marcos, que era apenas três anos mais novo que ela a trocou por outra, imagine ele? Tão jovem, tão novo e tão lindo. Não! Definitivamente não suportaria uma coisa daquela.

— Essa *noite de aventura* foi o melhor, o mais importante e o mais intenso acontecimento da minha vida. — *E eu gostaria de poder viver tudo de novo até o fim dos meus dias*. — Pra você, provavelmente, foi uma noite qualquer, mas...

— Não diga o que você não sabe, Helena! Não coloque palavras na minha boca!

Lucca se levantou de sobressalto, assustando-a. Caminhando com urgência em sua direção, tomou seu rosto em suas mãos ficando rente à sua

boca.

— O que te faz pensar que foi apenas uma simples noite de aventura pra mim? Foi *você* que usou esta expressão para se referir ao que vivemos, não eu! O que você sabe sobre mim para me julgar desta forma?

Helena estava desnorreada com ele tão perto. O azul dos seus olhos invadiu sua alma, rasgando-a, revelando-a por inteira, como se ele a visse e *soubesse* que no fundo ela não queria dizer nada daquilo. Como se soubesse que, de fato, Helena estava mais uma vez fugindo de seu maior desejo.

— Lucca, pelo amor de Deus, veja sua idade e a minha!

Desvencilhando-se de seu toque, caminhou à varanda fechada. Olhando à frente, viu as luzes dos prédios e a lua, cujo brilho se refletia nas águas da lagoa. Pelo reflexo do vidro, viu Lucca caminhando em sua direção.

— De novo essa história? Do que você tem tanto medo? — Ela fechou os olhos com força, sentindo-o perto demais. — Olhe para mim.

Helena abriu os olhos lentamente vendo o lindo garoto à sua frente. Naquele momento, entretanto, Lucca não parecia um garoto, ainda que usasse a bermuda cargo e a camisa de antes. Seus olhos brilhavam determinados, sua voz era firme e suas atitudes seguras. Ela sentia seu toque, os dedos cravados em sua pele de maneira possessiva como se quisesse reivindicar cada parte dela, apagando de uma só vez qualquer resquício dos dedos brutos de seu ex-marido que ali estiveram minutos antes. Ele ainda a olhava profundamente. Desejo? Luxúria? Ternura? Carinho? Que olhar era aquele que lhe dizia tantas coisas?

— Do que você tem tanto medo? — repetiu, aproximando-se mais.

Na sala, apenas os sons de suas respirações ofegantes e a música ao fundo, cujo som Lucca deixou ligado quando foi ao apartamento de Helena. Ele tinha planos, aliás, ele *sempre* tinha planos! Após conhecer seu ateliê, o garoto planejava levá-la de volta ao seu apartamento e lhe mostrar o quanto a desejava, mas o marido babaca chegou, levando suas ideias por água a baixo.

Lucca distraiu-se, olhando para sua boca, perdendo-se em seus lábios por instantes. Helena, entretanto, não podia se deixar fraquejar. Seria um caminho sem volta.

— O que tenho medo é da realidade — sussurrou, a voz atraindo a atenção dele para seus olhos mais uma vez. — A dura realidade de ser vinte e um anos mais velha que você. De ter quarenta e cinco, idade suficiente para ser sua mãe, ainda que eu não seja. A dura realidade de conviver com esta sociedade hipócrita que diz não se importar, mas que no fundo se importa e *julga* muito. Se você é gordo, pobre, negro, gay, mulher ou se tem um namorado com a idade suficiente para ser seu filho. Tenho medo porque não há como se esconder de tudo isso, não há alternativa se não *encarar* e eu me pergunto: até quando você estaria disposto? Até quando você discordaria deles? Porque com a sociedade eu posso lidar, mas com sua negação eu sei que não serei capaz. E quando eu tiver 60 anos e você no auge dos seus 39? Será que não pensará que eu posso ser sua avó ao invés de sua amante?

Naquele momento era impossível para Helena segurar a voz e as lágrimas.

— Como você se sentirá atraído por uma velha de 60 anos, cujos peitos provavelmente estarão caídos pela pele flácida e pela força brutal da gravidade? Diga-me, Lucca, que tipo de lingerie poderei usar para deixá-lo excitado?

Lucca e Helena ainda estavam presos nos olhos do outro e ele não desviou um segundo sequer, mantendo-os firmes.

— Se fosse somente desejo o que sinto você poderia estar certa, mas é além, muito além. — Aproximou-se mais, encostando sua testa na dela por instantes, antes de olhá-la profundamente, sem romper a conexão que ele mesmo estabeleceu. — Eu estou completamente apaixonado por você, Helena.

Ela abriu a boca, fechando em seguida, chocada, antes de abri-la novamente.

— Você enlouqueceu!

Lucca a segurou firme quando tentou se desvencilhar de seu toque.

— Completamente apaixonado.

— Você nem me conhece direito!

Ele deu um sorriso torto, colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

— Conheço cada pedaço de você, cada parte sua; você revelando ou não, ainda que esconda, eu sei! Eu vejo você, respiro você! E não é de hoje...

Lucca acariciou seu rosto, contornando seus lábios com o dedo como fez anteriormente com a pintura em seu ateliê, olhando-a com devoção.

— Sua cor preferida é vermelho, você gosta de assistir a programas de culinária e devo dizer o quanto isso me deixou animado! Você não imagina quantas vezes imaginei nós dois na cozinha inventando mil pratos diferentes! — Tomou uma lufada de ar, antes de continuar. — Você também adora ler,

dentre seus gêneros favoritos estão romances, tantos os de época quanto os contemporâneos, e histórias de terror.

Lucca ensaiou uma expressão de medo provocando um ruído na garganta de Helena, em forma de um pequeno riso espontâneo.

— Você gosta muito de ouvir música, principalmente as do Frank Sinatra e MPB: Djavan, Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso... ah, sim, você também gosta muito do Paulinho Moska e me senti satisfeito quando descobri que ele canta uma canção que traduz tudo que eu queria dizer a você.

Helena estava emocionada e Lucca envolveu seu rosto com as mãos em forma de concha, acariciando-a e limpando com o dedo uma lágrima teimosa que insistiu em cair.

— Você ama a sua arte e descobri o porquê e como você é boa nisso, só não consegui entender muito bem ainda por que você não trabalha com ela. Por falar em trabalho, você gosta de pintar e fazer suas esculturas ouvindo música. Quando fui ao seu ateliê, descobri também que você é uma grande mentirosa, pois me disse que não era muito boa em gravuras.

Lágrimas rolavam livremente pelo rosto de Helena e o garoto as secou com as costas da mão.

— Que cara de pau! São gravuras belíssimas!

Ela corou.

— Você adora vinho, sua comida preferida é lasanha e eu não menti: minha mãe realmente conquistou meu pai pelo estômago quando fez aquela receita pra ele.

Helena estava surpresa.

— Falando um pouco sobre o que você não gosta: você não é muito adepta a ficar presa em elevadores com garotos mais novos, embora, no momento eu esteja um pouco confuso em relação a isso. — Movimentou a cabeça de lado, arrancando um sorriso dela. — Além disso, você é um pouco atrapalhada quando o assunto é tecnologia. Tudo bem, podemos dar um jeito nisso.

Outro sorriso misturado às lágrimas.

— Você fica linda usando short e quando sorri. Se for uma gargalhada, melhor ainda!

Ele a olhou seriamente, acariciando-a mais uma vez.

— Ah, Helena... Embora eu seja apenas um *garoto*, que como você mesma diz, tem idade para ser seu filho, mandei parar aquele maldito elevador só para ter a oportunidade de ficar a sós com você!

O queixo dela caiu e ele balançou a cabeça.

— Sim, eu fiz isso. Como também roubei a senha do seu Wi-Fi quando consertei seu celular, e mandei instalar um grampo e um espião no celular do idiota do seu marido só pra tentar descobrir o que aquele filho da puta estava fazendo pra você viver tão triste. Já diz minha mãe: “quem procura acha”, infelizmente eu descobri — concluiu com pesar.

Ela o olhou surpresa e ele abaixou a cabeça.

— Eu juro que estava procurando uma forma de te contar, só não sabia como, nem por onde começar.

Helena balançou a cabeça e ele continuou tirando Marcos, de vez por todas, entre eles.

— Embora a minha mão tivesse coçado bastante, não invadi seu telefone porque, acima de tudo, respeito sua privacidade.

Ah...

— Como você pode ver, utilizei-me da prerrogativa de ter todo o controle deste prédio para aproveitar todas as oportunidades que tive e criar outras, só para estar ao seu lado como se nos encontrássemos por acaso, e não, não foi o acaso que fez com que nos encontrássemos naquele restaurante.

Mais uma vez Helena abriu a boca e fechou novamente, sem conseguir dizer nada.

— Fiz tudo isso para poder conversar com você, estar na sua presença e aproveitar cada minuto ao seu lado; saber mais sobre a mulher que virou minha cabeça desde o primeiro segundo em que a vi. E sim, a barra de *Lindt* foi porque eu sabia ser o seu chocolate preferido.

Putá merda! Helena não sabia o que dizer. Aquilo realmente parecia atitude de um homem apaixonado.

— Então, não me diga que não a conheço porque presto atenção em cada detalhe seu, em cada movimento, ação, respiração ou sinal que você me dá, ainda que inconscientemente. Eu sei que tudo isso ainda é pouco e quero ter a oportunidade de te conhecer mais, de saber *tudo* sobre você. Nossa vida não será fácil, mas se você estiver comigo... Se estivermos *juntos* seremos capazes de vencer qualquer coisa!

Ela estava sem ar e ele continuou brutal, como se sua vida dependesse daquilo.

— E, respondendo sua pergunta, não sei como estaremos daqui a dez, quinze, vinte, trinta ou cinquenta anos! Jamais poderei saber, nem você! Mas, se você tiver fé em nós como eu tenho, se estivermos *juntos* não tenho a menor dúvida de que seremos imbatíveis.

Seus olhos ardiam em súplica por ela.

— Por favor, Helena, dê uma chance a nós porque só a deixarei partir se você disser que não me quer!

O garoto a apertou mais contra seu corpo.

— Diga, Helena! Diga que não me quer, que deseja ir embora e serei o primeiro a abrir aquela porta para que você siga o seu caminho — disse sentindo o amargor em cada letra pronunciada.

Mais uma vez ela abriu a boca, não conseguindo produzir nenhum som. *Ele está apaixonado?* Não conseguia acreditar, entretanto, em pouco tempo ele talvez a conhecesse melhor que o homem com quem conviveu por tantos anos. Fechou os olhos com força, sentindo o toque suave em seu rosto.

— Tenha fé em nós!

Ela abriu os olhos, fitando-o. Como era lindo! Seus olhos azuis, o maxilar quadrado e a barba cerrada, lábios carnudos que a beijavam e lhe diziam coisas como ninguém antes. Inalou profundamente sentindo seu cheiro inebriante e sedutor. Quantas vezes ele invadiu seus pensamentos? Quantas vezes, ao sair de casa, desejou vê-lo, surpreendendo-se quando isso acontecia? E agora sabia que era tudo perfeitamente planejado e arquitetado

por ele!

— Mesmo sem saber você realiza meus desejos — sussurrou sem pensar e ele a olhou com paixão.

Helena não abriria mão de sonhos e desejos. Não mais! Principalmente quando a felicidade finalmente parecia estar à sua frente recebendo-a de braços e peito abertos.

— Sinceramente, não sei se tudo isso dará certo.

Com o coração acelerado, Lucca puxou-a mais perto, boca na sua.

— Eu sei que dará, só depende de nós.

Ela pareceu não muito convencida e ele molhou os lábios, prendendo a língua nos dentes.

— Podemos fazer uma aposta se você quiser — disse com uma piscadinha, tal qual fizera em seu ateliê, e ela abriu um largo sorriso. Foi inevitável.

Lucca olhou-a por instantes, acariciando seu rosto mais uma vez e Helena fechou os olhos ao seu toque. Sentiu quando ele afagou sua pele, o nariz em seu pescoço, subindo por sua bochecha, olhos, onde depositou beijos molhados. Sentiu os lábios carnudos nos seus, a língua rodeando-a de um lado para o outro, devorando-a.

Quando abriu os olhos, Helena contemplou aquele lindo garoto à sua frente. Ele que invadia seus pensamentos sem pedir licença, independente do dia ou da hora, e que entrou em sua vida feito um tsunami, ironicamente colocando tudo em ordem.

Finalmente.

Helena sentiu os dedos cravados na pele de sua cintura, apertando-a, reivindicando-a com uma fome absurda. A boca do garoto invadiu a sua mais uma vez e ela parou de teorizar, deixando-se apenas levar pelas sensações que o garoto lhe causava.

*Seus olhos e seus olhares
Milhares de tentações*

Lucca apertou-a mais ainda contra si quando a voz de Leoni se fez ouvir pela sala. Sentiu vontade de aumentar o som no último volume para a música que traduzia tão bem toda aquela situação: *Garotos*. Ironia? Ou isso também fazia parte dos seus planos?

*Se espalham pelos pelos
Boca e cabelo
Peitos e poses e apelos
Me agarram pelas pernas
Certas mulheres como você
Me levam sempre aonde querem*

— Você me leva aonde quer, Helena — sussurrou em seu ouvido, mordendo o lóbulo de sua orelha e ela arfou.

*Garotos não resistem aos seus mistérios
Garotos nunca dizem “não”
Garotos como eu, sempre tão espertos*

*Perto de uma mulher
São só garotos*

O garoto arrancou seu vestido com fúria, jogando-o longe. Estreitando os olhos, enfiou a mão no bolso, revelando o pequeno tecido vermelho rendado. Levou-o ao rosto, inalando-o, olhos ardentes cravados nos dela.

— Porra, você me enlouquece! Me alucina!

*Seus dentes e seus sorrisos
Mastigam meu corpo e juízo
Devoram os meus sentidos
Eu já não me importo comigo
E então são mãos e braços
Beijos e abraços
Pele, barriga e seus laços*

Sem aviso, Lucca levou a boca aos seus seios nus, sugando os mamilos com vontade. Helena sentiu a língua quente do garoto e as mordidas em sua pele, enquanto ele a apertava contra si. Desferiu um tapa em seu sexo, enfiando dois dedos, estimulando-a, e ela arfou.

De maneira firme, enrolou seu cabelo nas mãos, apertando-os, fazendo com que Helena olhasse em sua direção. Com um sorriso torto, um tanto desafinado, tentou cantar com Leoni:

— São armadilhas e eu não sei o que faço aqui de palhaço, seguindo os seus passos. Garotos não resistem aos seus mistérios, garotos nunca dizem “não”. Garotos como eu, sempre tão espertos, perto de uma mulher são só garotos. — Encostando a testa na dela, sussurrou. — Você mesma diz que

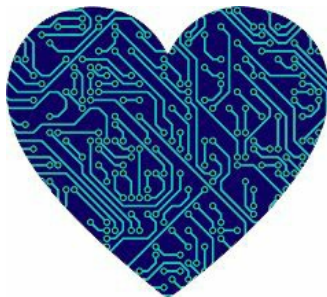
sou só um garoto e eu te digo que é este *garoto* que vai cuidar de você até o fim.

Sua mão grande varreu seu rosto.

— É este garoto aqui que mostrará a este mundo de merda que a única coisa que realmente importa e faz sentido é o *amor*. É este garoto que, sem qualquer esforço, fará com que você se sinta a mulher mais amada deste universo, porque não sou eu, Helena, mas *você* a causa de tudo isso! É *você* a causa de tudo que sinto aqui dentro! — Bateu no peito, olhos marejados de emoção. — Só você.

Lucca a beijou com fúria e paixão, enquanto Leoni repetia:

Perto de uma mulher são só garotos...





EPÍLOGO

Acertei a abotoadura pela milésima vez (ainda que não houvesse qualquer problema com ela), quando o garçom parou à minha frente e ofereceu uma bebida: *champagne*. Legítimo.

Peguei a taça e olhei em volta, para o ambiente espaçoso, claro e arejado. Tudo teria o mesmo tom, não fosse o colorido das telas que davam vida àquele lugar. Lindas telas, diga-se de passagem! As mais perfeitas que qualquer ser humano poderia ver!

O local era uma galeria de arte, em Ipanema, e tudo estava simplesmente perfeito. Fechei os olhos quando senti sua presença atrás de mim. Não precisei *olhar* para saber, aliás, há momentos em que *ver* é totalmente desnecessário.

Apenas em alguns momentos...

Girei o corpo e a encontrei caminhando em minha direção. Linda, incrivelmente linda!

— O que você acha? — indagou nervosa, pegando a taça de minha mão e bebendo um longo gole.

Puxei-a de encontro a mim e levei o nariz em seu pescoço. Foi inevitável.

Juro!

— O que eu acho é que você está deliciosa neste vestido preto, sexy pra

caralho! Mas, prefiro você nua!

Helena revirou os olhos, divertida.

— Estou me referindo à exposição, seu tarado!

— Ah, a exposição...

Com delicadeza, peguei a taça de sua mão. A última coisa que eu queria era que Helena exagerasse na bebida. Bebi um gole rápido, antes de tranquilizá-la.

— A exposição é um sucesso, relaxe. — Mais uma vez, puxei-a em minha direção, levando a boca à sua orelha. — Já foi vendida quase metade das obras; e a mostra está longe de terminar!

Divertido, contemplei seus lindos olhos escuros arregalados de surpresa.

— Sim, minha mulher é um verdadeiro sucesso!

— Como você sabe disso? — inquiriu, ignorando solenemente minha declaração de amor.

Peguei o iPhone no bolso e balancei o aparelho.

— Às vezes basta um pequeno comando e a mágica acontece. Ou você já esqueceu?

— Não me diga que você está monitorando tudo pelo celular!

— Não me diga que você nem desconfiava disso!

Por instantes, Helena manteve a boca aberta, numa expressão de quem realmente está impressionada, antes de soltar sua risada inebriante.

— O que eu faço com você?

Dei de ombros, bebendo outro gole.

— Você pode me levar para alguma das salas fechadas, no andar de cima. Prometo não amarrotar seu vestido.

Ela estreitou seus olhos, antes de se aproximar de mim. Senti seu perfume sedutor que me desnorteou completamente.

— Não me tente, garoto!

— Helena, precisamos de você um instante.

A curadora interrompeu meu momento mágico, desculpando-se imediatamente. Eu a perdoei, afinal, foi por uma excelente causa. Era a exposição de Helena, algo pelo qual ela sempre sonhou.

Ao se afastarem, Helena cruzou com Rodrigo, que mais uma vez a abraçou com amor, orgulhoso pela mãe que tem. Embora fosse um dia especial, Helena passava por um momento difícil: o processo de divórcio. O crápula do (ex)marido não facilitava, claro, e ter total apoio do filho era fundamental.

— Como foi ontem à noite? Aproveitou a palestra para se declarar? — indaguei assim que Rodrigo se postou ao meu lado.

— Já falei que não tenho a sua sorte...

— De novo esse papo?

Ele inspirou pesadamente, olhando em volta.

— Você é correspondido. Eu não. Nunca fui e provavelmente nunca

serei.

— Se você não arriscar nunca vai saber.

— Agora eu é que pergunto: de novo esse papo?

— Sim, de novo esse papo.

— São situações diferentes, cara... — Soltou um longo suspiro. — Não quero falar sobre isso.

— Tudo bem.

Dei de ombros, um tanto frustrado. Ninguém deveria desistir de seus sonhos, afinal, qual seria o sentido da vida, senão realizá-los?

— Quero te agradecer por tudo isso.

Seu comentário me deixou confuso, e ele concluiu, referindo-se à exposição. Balancei a cabeça. O que ele estava dizendo?

— *Tudo isso* — enfatizei a expressão, movimentando o braço para indicar todo o lugar. — não fui eu quem fiz, mas sua mãe. Eu só dei um telefonema, mas se ela não fosse realmente boa no que faz, ela não estaria aqui. Nada disso existiria.

Rodrigo aquiesceu.

— O mérito é dela, não meu — concluí.

Ficamos em silêncio, admirando a galeria. Telas coloridas davam vida ao ambiente: paisagens, natureza morta, cenas cotidianas. Helena pintava a vida e a vida daquele lugar era a sua arte.

Observei o rosto dos visitantes, especificamente a expressão em seus olhares. Se você quer conhecer alguém e saber o que se passa com esta pessoa olhe em seus olhos, eles refletem sua alma. Foi assim que soube que Helena não era o que aparentava, foi desta forma que conheci sua verdade.

Surpresa, admiração, encantamento; esses eram alguns dos sentimentos que a arte de Helena despertava nas pessoas. De fato, eram esses sentimentos que ela mesma irradiava. Helena era luz, vida e a sua arte apenas a refletia.

— Seus pais não virão, não é? — Abaixei a cabeça, fitando o chão, quando uma tristeza profunda se abateu sobre mim. — Sua mãe não aceita.

De fato, dona Cristiane não suportava ouvir o nome “Helena”. Meu velho? Este sim me dava total apoio. Seu Jair dizia que toda forma de amor que verdadeiramente nos faça felizes vale a pena.

— Vamos dar tempo ao tempo...

Rodrigo concluiu e assenti não muito convincente. Talvez o problema de minha mãe fosse muito além de o simples fato de eu me envolver com uma mulher da sua idade, mas apenas por eu me *envolver com alguém*, independente de quem seja. A terapia ainda não havia conseguido fazê-la se desvencilhar do seu “complexo de Édipo”.

— Ainda acho que você deva investir na professora. — Ante meu comentário, Rodrigo fez uma careta. — Sei que você não quer conversar sobre isso e respeito sua decisão. Mas, quero deixar registrada minha opinião.

— Sua opinião... — repetiu seco e anuí.

— Acredito que no final da nossa vida, o que realmente contará será quantas vezes fomos atrás dos nossos sonhos.

Rodrigo engoliu em seco e o silêncio se instalou entre nós. No fundo ele sabia que o motivo pelo qual retomei o assunto não foi para insistir em algo que ele não queria falar, mas por minha profunda admiração por ele.

— Eu só quero o que for melhor pra você, cara. — Seus lábios se esticaram num sorriso. — Afinal, você é meu enteado.

Rodrigo me olhou de esguelha, me mostrando o dedo do meio.

— Vai à merda!

Desta vez fui eu quem sorri; um sorriso largo, satisfeito, feliz. Ter o apoio do filho da mulher que eu amava significava tudo para mim. Porra! Jamais me perdoaria se existisse qualquer mancha no relacionamento entre Helena e Rodrigo por minha causa. Infelizmente este apoio não se aplicava à minha família, mas isso não era culpa da Helena. Nem minha.

A exposição chegou ao fim e não houve uma obra que não tivesse sido vendida. Helena, inclusive, saiu com a agenda cheia de encomendas e o coração repleto de amor. Quanto a mim, orgulho e devoção me definiam bem. Tudo aquilo era um sonho realizado e fruto de puro trabalho.

Tranquei a porta da galeria quando Angélica, curadora da exposição, saiu. Ela deixou a chave comigo e isso sim era mérito meu, afinal éramos amigos de longa data.

Helena piscou algumas vezes quando, pronta para ir embora, cruzou comigo no saguão. Nosso corpo “fala” e ali ela entendeu perfeitamente que a última coisa que faríamos era ir embora daquele lugar.

— O que está tramando? — perguntou divertida, ao ver o chaveiro girando em minha mão.

— Você me prometeu mostrar as salas do andar superior.

— Prometi? — respondeu sedutora, deixando a bolsa cair no chão de qualquer jeito, sem pudor, caminhando em minha direção.

Céus! Eu ficava fodido a cada vez que ela agia assim!

— Agora não preciso mais me preocupar em não amarrotar o seu vestido.

— De fato, você não precisa se preocupar com ele de forma alguma! Em instantes, não estará mais aqui.

Porra!

Minha mulher parou à minha frente e eu a contemplei com amor. Sua pele clara, seu cabelo escuro e olhos expressivos. Despretensiosamente, toquei seus cachos, deixando que meus dedos se aninhassem em seus fios, perdendo-se ali. Seu cheiro cítrico, marcante, me fez viajar.

Envolvi-a pela cintura, moldando seu corpo ao meu. Nosso encaixe sempre foi perfeito, em qualquer posição. Mordi o lóbulo de sua orelha, arrancando um gemido dela, antes de começar a cantar.

— *Come fly with me, let's fly, let's fly away...*

Pude ouvir quando ela sorriu.

— O que está fazendo?

— Tirando minha mulher para dançar.

— E cantando também?! — Engasguei, divertido. Se há algo que sempre fiz mal é cantar, ainda mais comparando com o *The Voice*. — Você está

querendo ser o *Frankie, my blue eyes?* — indagou divertida, usando os apelidos de Frank Sinatra e fazendo um trocadilho com a cor de nossos olhos.

— De fato, se há alguma comparação entre mim e Sinatra é a cor de nossos olhos!

Minha mulher sorriu, linda, envolvendo seus braços em torno do meu pescoço, me levando às alturas. Não resisti e me pus a cantar, ainda que bastante desafinado.

— *Come fly with me, let's take off in the blue.*

— Você é o meu Sinatra!

Cravei meus olhos nela. Céus, como era enorme o meu amor por esta mulher! Sempre foi! E sempre será! Encostei minha testa na dela, embriagando-me de sua presença. Nós estávamos juntos e estaríamos sempre, apesar de todas as dificuldades. Helena era a minha mulher, e eu... Bom...

— Eu sou apenas o seu garoto.

Apenas o garoto...

BIOGRAFIA



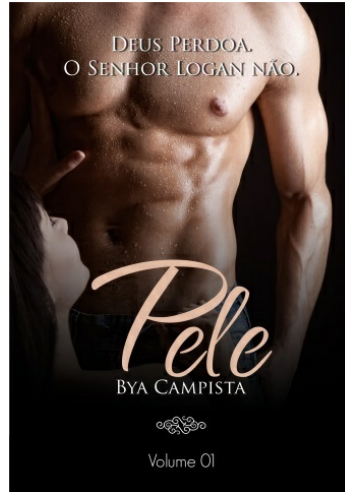
Bya Campista vive no Rio de Janeiro, onde nasceu. É formada em Comunicação Social e sempre nutriu pelos livros uma grande paixão. Começou a escrever seu primeiro Romance no final de abril de 2013 e atualmente contabiliza um grande número de histórias. Escreve no pouco tempo que possui e no muito que encontra.

Bya adora café, chocolate, *Rock and Roll*, música clássica, viajar e, certamente, livros. Muitos deles! E quando perguntam se há algo na vida melhor do que ler, Bya tem a resposta na ponta da língua: *escrever*!

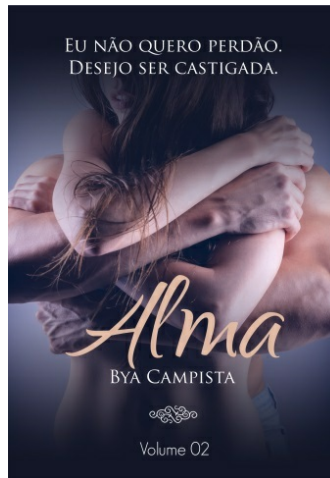
"Porque escrever está na Pele. E engrandece a Alma." (Bya Campista).

Siga no Instagram: [@byacampistaescritora](#)

OUTRAS OBRAS DA AUTORA



Linda Parlson é uma menina doce que se muda para Nova York numa tentativa de refazer sua vida, após relacionar-se com homem que quase a destruiu. Dimitri Logan, apesar de sua sensualidade e beleza extremas, é um homem frio, autoritário e conforme suas palavras, *não fadado a relacionamentos*. Sexualmente falando, é um homem realizado, que gosta e precisa estar no controle. Quando se conhecem o desejo é inevitável e avassalador. Linda se vê obrigada a encarar seus demônios e pavores e Dimitri, por sua vez, perde o que tem de mais concreto: seu controle. É exatamente num fim de tarde qualquer que essas histórias se cruzam, mudando suas vidas para sempre. **Pele** é o primeiro volume da Duologia de uma história intensa, que fala de desejo, paixão e amor.

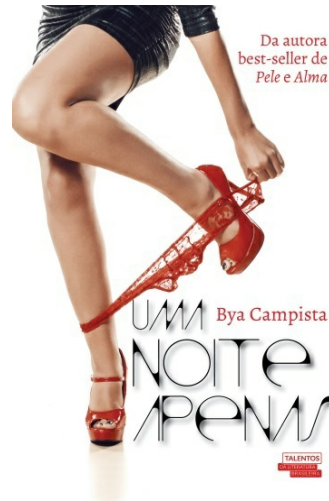


Após libertar-se de seus temores através do seu amor por Dimitri, o passado de Linda Parlson volta com toda força à sua vida e ela se vê diante daquele a quem sempre teve verdadeiro pavor: o homem que quase a destruiu.

Dimitri Logan, após descobrir o real sentido de sua vida através de Linda, vê-se diante de seu maior pesadelo, quando a única mulher a quem amou é brutalmente retirada de si, e nem todo o seu controle, sua ordem ou sua segurança foram capazes de impedir.

Conseguirá Dimitri Logan retirar Linda de seu pesadelo e trazê-la de volta para si? Conseguirá o amor, mais uma vez, superar a força de um passado macabro?

Veja o desfecho *Pele* em **Alma**, o segundo volume da Duologia que conta a história de Dimitri Logan e Linda Parlson.



Angelina Brooks não se prende a relacionamentos, vive um dia de cada vez. Felizes para sempre? Uma noite apenas é o suficiente, afinal, o que é uma mulher apaixonada se não um pé no saco? Angelina ama sua liberdade, sua casa, seu melhor amigo e seu uísque. Suas noites são festa, seu trabalho parte do seu DNA e sexo, o combustível que move sua vida.

Evan King ou simplesmente doutor King, é um renomado médico que vive para o trabalho. Solteiro por opção, apesar de amar desafios, tem uma vida sem grandes emoções, até o momento em que uma paciente extremamente irritante – e sexy - aparece em seu consultório.

O que poderiam ter esses dois em comum além da atração e do desejo incontroláveis que sentem pelo outro? Será que uma noite apenas seria o suficiente para satisfazê-los?



O que fazer quando o homem que você ama e escolheu para fazer parte de sua vida se torna um completo estranho?

Isabel e Ricardo tinham um casamento inabalável, até ambos se tornarem "invisíveis" um para o outro: não se viam, não se falavam. Não se tocavam.

Era fato: seu marido tinha outra! Ou estaria imaginando coisas?

Como conviver com o fantasma de uma suposta traição?

Isabel não poderia permitir que seu marido tivesse uma amante. Entretanto, caso ele necessitasse de uma, ela saberia exatamente onde encontrá-la.

A amante do meu marido.

Uma história para mulheres casadas.

E não casadas também.



Há limites para o prazer?

Bianca Voltolini acredita que não, e fará de tudo para alcançá-lo constantemente.

Conheça o relato de suas aventuras e desventuras, numa série de experiências intrigantes e excitantes que culminarão em uma das revelações mais perturbadoras de sua vida.

Esta é uma história de ficção, entretanto, pode ser mais real do que você imagina.

Promíscua. Liberte-se!

BYA CAMPISTA



O CONVIDADO
PENETRA

Ele só queria chegar a tempo ao casamento do seu melhor amigo.
#brasilemprosa

BYA CAMPISTA



O CONVIDADO
PENETRA
no Natal

Luíza Villardes é uma linda garotinha que queria apenas ver o Papai Noel e entregar sua cartinha. Isso seria a coisa mais fácil do mundo, estando num shopping lotado em plena véspera de Natal!

Seria...

Seria, se Luíza não fosse sobrinha de André Villardes, o convidado penetra mais charmoso e atrapalhado dos últimos tempos.

Prepare-se para rir e se apaixonar em mais uma aventura do nosso convidado penetra – agora no Natal.

Porque rir é o melhor presente.



Para satisfazer o desejo de sua sobrinha, a quem não consegue dizer “não”, André Villardes resolve arrumar uma namorada. O problema é que ela é de mentira! Ok, ele sabe, ela sabe, e todos estão felizes com isso, inclusive a sobrinha, que acredita piamente que tudo seja verdade.

Mas, nada é tão simples quanto parece e André descobrirá isso da única maneira que sabe: se metendo em confusão.

Embarque em mais uma aventura louca e apaixonante do convidado penetra mais charmoso, sexy e atrapalhado de todos os tempos. Agora com namorada! (ou não?)

O convidado penetra e a namorada de mentira. Você vai rir e se apaixonar.



Após ser cruelmente traída por um homem a qual grande parte da vida dedicou, Milena Andrade mergulhou num profundo período de recolhimento e solidão, entregando-se de corpo e alma à carreira.

O carioca Rafael Queiroz tinha uma vida tranquila e ordenada. Era apaixonado por seu trabalho pelo vôlei de praia e pelas noites agitadas e pervertidas com as mais lindas mulheres.

Era chegado o momento de Milena se reerguer e ser verdadeiramente feliz, ainda que sozinha. Rafael, por sua vez, continuaria em seu mundo perfeito onde tudo era devidamente organizado e controlado à sua maneira.

O que eles não sabiam era que a vida tinha outros planos e muitas armadilhas. Do amor, principalmente.